

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

NAJLA EMILINE CHEQUER

**A PÁTRIA DE CHUTEIRAS? O BRASIL VISTO PELAS LENTES DA MÍDIA
IMPRESSA DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2014**

VITÓRIA
2015

NAJLA EMILINE CHEQUER

**A PÁTRIA DE CHUTEIRAS? O BRASIL VISTO PELAS LENTES DA MÍDIA
IMPRESSA DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2014**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação Física.

Orientador: Professor Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva

VITÓRIA

2015

NAJLA EMILINE CHEQUER

**A PÁTRIA DE CHUTEIRAS? O BRASIL VISTO PELAS LENTES DA MÍDIA
IMPRESSA DURANTE A COPA DO MUNDO DE 2014**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. José Luiz dosAnjos
Universidade Federal do Espírito Santo

Dedico àqueles que permaneceram sempre, incondicionalmente, ao meu lado nesta caminhada, meus pais Katia e Hanna, meu irmão Gibran, meu namorado Max e meus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Katia Chequer e Hanna Chequer Bou-Habib, por todo apoio amoroso, psicológico, financeiro, espiritual, carinhoso e repleto de muita confiança em que sempre me dedicaram ao longo da vida e, por acreditarem sempre que posso mais e tenho todas as condições de conseguir tudo o que almejo. Ao meu irmão por ter sido sempre meu exemplo de caráter, exemplo intelectual, de amizade e aquele que sempre esteve ao meu lado me dando conselhos pessoais e acadêmicos com muita sabedoria e discernimento. Obrigada pelo apoio, pelo amor, e pelo orgulho que sempre tiveram de mim por todas as decisões e caminhos que tracei.

Ao meu namorado Maximilian pela compreensão nas ausências, pela paciência mais do que esperada, pelo apoio desde o início dessa trajetória, pela força, por acreditar em mim, por todos os silêncios que diziam muito, e por todo amor e felicidade que me proporciona e proporcionou.

Aos meus familiares que direta e indiretamente contribuíram para o meu crescimento e desenvolvimento, minha avó, primos – Marcos Boell, em especial, pela amizade e por tentar entender as minhas ausências em sua vida, mas que mesmo assim, sempre me deu amor, carinho e alegrias. Às minhas tias, em especial Tia Kalina que me deu o suporte e a compreensão para que chegasse a esse dia.

Às minhas amigas e amigos do mestrado, Sayô, Fê, Lud, Paulinha, Fran, Livinha, Dodô, Dudu, Popô, Gel, que estiveram sempre comigo nesta jornada, e foram importantes para meu crescimento, descontração, me ofereceram apoio e belos exemplos, e ainda me acolheram e me proporcionaram a sensação de “estar em casa”. Em especial à Thaise que com toda sua solicitude, bondade no coração, leveza de espírito, esteve sempre ao meu lado me apoiando, me dando forças com muita paciência, carinho e amizade.

Aos amigos da vida, que tiveram compreensão em todas minhas ausências, todas as crises e permaneceram sempre na torcida pelo meu sucesso, sempre acreditaram na minha capacidade e, cada um, a sua maneira, teve papel fundamental para que esse dia chegasse.

Por fim, não menos importante, ao meu orientador Otávio Tavares, por toda confiança depositada, por todo conhecimento transmitido, por toda paciência, todos

“puxões de orelha” e “*deadlines*” que me fizeram crescer e evoluir acadêmica e pessoalmente.

A todos os mestres que tiveram papel fundamental no meu crescimento ao longo de toda trajetória acadêmica.

Agradeço a todos, imensamente e de coração.

RESUMO

A interface entre mídia, megaeventos esportivos e identidades é a base que constitui a análise do presente estudo. As identidades são temas recorrentes nas pesquisas sociais, e assim nas discussões acadêmicas. As maneiras com as quais se estabelecem, se modificam, se mesclam, e as diversas questões que podem ser remetidas em toda sua multidisciplinaridade, além da sua representação por meio das narrativas de identidade brasileira no contexto de um megaevento esportivo – Copa do Mundo - são parte constitutiva do interesse do nosso exame.

Tem-se no cenário dos megaeventos um possível articulador do fluxo de imagens, informações, e impressões. Portanto, temos como objetivo investigar as narrativas da mídia brasileira acerca do Brasil e dos brasileiros no período da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. Temos como premissa perceber as ancoragens do discurso da mídia que articulem de forma explícita ou subjetivamente os elementos simbólicos da cultura brasileira.

O levantamento das informações e dados decorreu pela seleção, arquivamento e análise de reportagens da mídia impressa. Para viabilizar a análise foi utilizado o impresso O Globo (Rio de Janeiro) no período de 29 de maio de 2014 a 28 de Julho de 2014, período este que se refere aos 15 dias que precederam a Copa do Mundo, o período da realização dos jogos e os 15 dias posteriores. Optou-se por ter como foco as matérias sobre a Copa que não tivessem teor esportivo.

Por conseguinte, adentramos no texto por meio de análises interpretativas, viabilizados pela organização e categorização das informações em polos de análise pré-estabelecidos, tomando como referência a teoria do dilema brasileiro (DAMATTA,1986;1997), na possibilidade de inferir sobre relações e possíveis deslocamentos dos discursos da imprensa na dicotomia tradição e modernidade.

Nota-se que as identificações têm correlações entre indivíduos e sociedades e constroem-se por meio das trocas culturais. Sendo relacionais, performativas, produtivas, possuem relevância política, cultural e impacto direto nas sociedades e nas suas definições.

Palavras-chave: Identidades. Megaeventos. Mídia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.2 HIPÓTESE INTERPRETATIVA BRASILEIRA.....	16
1.3 IDENTIDADES NACIONAIS E ESPORTES.....	29
1.4 JUSTIFICATIVAS.....	31
2 CAMINHOS E PROCEDIMENTOS TÓRICO-METODOLÓGICOS	35
2.1 O ANTES: VAI TER COPA?.....	40
2.2 O DURANTE- DUALIDADES DA COPA: DAS DÚVIDAS E ELOGIOS AO SUCESSO E O VEXAME.....	52
2.3 O DEPOIS: TEVE COPA, TEVE SUCESSO, SÓ NÃO TEVE A TAÇA.....	73
3 ENCERRAMENTO E O ATÉ LOGO	86
4 REFERÊNCIAS	94

“BRASIL com maiúsculas, que sabe tão bem conjugar lei com grei, indivíduo com pessoa, evento com estrutura, comida farta com pobreza estrutural, hino sagrado com samba apócrifo e relativizador de todos os valores, carnaval com comício político, homem com mulher e até mesmo Deus com o Diabo” (Roberto DaMatta, ‘O que faz o brasil, Brasil?’).

1 INTRODUÇÃO

O calendário de 2014 nos mostrou que o maior evento do futebol mundial se realizaria no Brasil, a Copa do Mundo de futebol masculino organizada pela FIFA. A cada ciclo de quatro anos a Copa do Mundo desperta um interesse recorrente acerca do fenômeno esportivo e suas relações com a sociedade. A consolidação em torno dessa disputa como um acontecimento mundial tem sido acompanhada pelas diversas mídias e por estudiosos, desencadeando múltiplas manifestações acadêmicas, políticas, sociais, econômicas, dentre outras.

A competição itinerante que circulou pela América, Europa, Ásia e África, está de volta ao Brasil depois de mais de seis décadas. Essa 'batalha' tem muitos tempos e prorrogações a serem jogadas coletivamente até a partida final, e com muitas implicações.

Um megaevento esportivo se torna interessante academicamente porque, tanto o local anfitrião se expõe ao mundo quanto tendências internacionais se refletirão no mesmo. Tem-se um evento globalizado, um evento que possui várias direções e narrativas.

Nos estudos de Tavares (2011, p. 16) podemos observar exposições trazidas por alguns autores acerca dos megaeventos:

Um megaevento pode ser definido pelo número de participantes ou pelo 'processo', o que significa: "curta duração, porém de preparação longa e por vezes intermitente, sempre operando em escala de milhões de participantes" (DACOSTA; MIRAGAYA, 2008).

Além das considerações de Schimmel (2006 apud Tavares, 2011, p. 17):

Megaeventos são mais bem compreendidos como eventos culturais (inclusive comerciais e esportivos) de larga escala, os quais têm um caráter dramático, apelo popular de massa e significado internacional. Os megaeventos podem ser considerados marcos da modernidade com longa tradição de integrar interesses industriais e corporativos com aqueles de governos em relação ao desenvolvimento urbano, social, político, econômico e da imagem do país anfitrião.

Os megaeventos apresentam grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos

políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã (HALL, 2006).

A utilização do Mundial de futebol como meio de promoção do país é bastante recorrente entre os países-sede, sendo a campanha de promoção e divulgação do evento envolvida por estratégias de marketing encomendadas pelos organizadores a fim de despertar o sentimento de pertencimento da população.

Poynter (2006 apud TAVARES, 2011) apresenta uma proposta de definição de legados em duas categorias iniciais: os legados tangíveis e os legados intangíveis. Para o autor, toda a infraestrutura construída por causa do megaevento e não apenas aquela diretamente relacionada à sua realização, pode ser considerada como legado tangível, pois ela é suscetível à análise econômica de custo-benefício. Já o impacto cultural do megaevento pode ser considerado como um legado intangível, pois seus efeitos repercutem sobre a autoimagem do lugar e seus habitantes, as atitudes, a identidade projetada e outros aspectos socioculturais cuja mensuração exata, para o autor, é mais duvidosa.

O conceito de legados dos megaeventos esportivos pode ser um pouco difuso, transitando entre sonhos e realidades, projetos estruturantes necessários, projetos utópicos, limites, diferenças, convergências, contradições, experiências das mais diversas, sendo que esse processo desafia a interseção entre esporte, política, cultura e mercado.

Os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol somam-se como os megaeventos esportivos com maior destaque no mundo. Estes, por sua vez, assumem, com o passar dos anos, maiores dimensões em termos políticos, mercadológicos, midiáticos, culturais, dentre outros.

Nos estudos feitos por Horne e Manzenreiter (2006 apud TAVARES, 2011, p. 17) indica-se que no plano internacional, há convergência sobre três grandes razões para a expansão e o crescimento dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de futebol:

Em primeiro lugar, o avanço das tecnologias de comunicação tornou possível o surgimento do fenômeno da audiência em escala planetária ampliando as possibilidades de impacto e exploração dos eventos esportivos, além de quaisquer outros. Em segundo lugar, a transmissão internacional destes eventos estimulou a construção de

uma articulação entre direitos exclusivos de transmissão, direitos de patrocínio e possibilidades amplas de '*merchandising*' estabelecendo uma espécie de aliança entre COI e FIFA¹, o setor de comunicação e diferentes setores do mundo dos negócios na exploração das possibilidades negociais da vasta audiência global que a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos oferecem. Por último, os megaeventos esportivos, especialmente em suas cerimônias de abertura e encerramento, passaram a ser vistos como oportunidades de promoção para cidades e países em termos de legados econômicos, urbanísticos, sociais, culturais, ambientais e esportivos, entre outros, o que explica o envolvimento de governos nas candidaturas e organização de megaeventos esportivos.

Este conjunto de fatos faz com que a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos engendrem inversões financeiras, interesses públicos e privados, impactos sociais e audiência global não alcançáveis por nenhum outro evento conhecido.

A ação da mídia especializada e as oportunidades criadas por um mercado publicitário em expansão, certamente contribuíram para revolucionar o universo do esporte contemporâneo, particularmente em virtude da relação que se estabeleceu entre o esporte-espetáculo, a televisão e o marketing esportivo (PRONI, 1998 apud BAGNI et al, 2011, p.54).

Sediar megaeventos esportivos entrou, de fato, na realidade brasileira. A realização dos Jogos Pan-americanos de 2007 e a escolha do país como sede da Copa das Confederações de 2013, da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, vêm gerando uma “presença obrigatória” dos eventos esportivos na pauta da grande mídia brasileira e estrangeira, e pelas mais diversas motivações.

Além do interesse, ou melhor, compromissos em tornar público fatos relevantes que circundam a efetivação dos grandes eventos esportivos, desde a prospecção, passando pelo planejamento até a concretização do acontecimento, os veículos de mídia atuam, e compactuam, com a disseminação de grandes oportunidades de negócios e lucros, por informações acomodadas e acontecimentos ajuizados que serão atrativos a telespectadores eleitores, veículos e anunciantes (PIRES, 2011).

¹ A *Fédération Internationale de Football Association* ou Federação Internacional de Futebol (FIFA) é a instituição que dirige internacionalmente as associações desportivas de futebol. E COI é o Comitê Olímpico Internacional.

A mídia veio proporcionar ao esporte uma ponte entre o passado e o presente, na qual jornalistas e locutores esportivos passaram a desempenhar um papel importante na construção de narrativas que demonstrassem a dimensão histórica do evento narrado. Sabemos que mesmo os eventos mais recentes são emoldurados com significados históricos e/ou de identidade no sentido de fornecer sentimentos de partilha ou pertencimento em algum nível com o espetáculo apresentado (BOYLE; RAYNES, 2000).

Estabelece-se, deste modo, uma relação entre comunicação, cultura e política, posto que a cultura seja aqui entendida não apenas como um sistema de ideias, signos, associações, modos de comportamento e comunicação, mas também como um espaço de atos e manifestações políticas, e a televisão como um meio de comunicação que passa a fazer parte das “tramas dos discursos e da própria ação política” (QUEDINHO, 2007).

A condição da identidade é, portanto, um aspecto revelador da interpretação de Brasil, específica de quem fala. Além disso, a ideia de identidade será sempre questionada quando estiver relacionada à cultura como algo que legitima a nação e permite o reconhecimento de seus atores em um mesmo contexto social. Em um primeiro momento, pode-se pensar a identidade nacional com base na diferença que se estabelece com o outro, com o de fora, na contraposição ao estrangeiro (Ibidem, 2007).

Aqueles que não compartilham constantemente esse território, nem o habitam, nem têm, portanto, os mesmos objetos e símbolos, os mesmos rituais e costumes, são os outros, os diferentes. Os que têm outros cenários e uma peça diferente para representar. “A identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos” (CANCLINI, 2006).

Porém, mais do que isso, é preciso conhecer as características que marcaram o povo brasileiro em seu processo histórico e como isso é entendido atualmente. É preciso também compreender a identidade como algo incessantemente reconstruído partindo da análise de sua relação com o consumo e com a cultura, já que é aí também que “se reproduz o sentido que encontramos ao viver juntos” (QUEDINHO, 2007).

A identidade, vista pela concepção sociológica de Hall (2005), preenche o espaço entre o mundo pessoal e o público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos

seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, liga o sujeito à estrutura. O argumento do autor é de que, essas relações estão mudando, que o sujeito está se tornando fragmentado, composto de várias identidades, produzindo o sujeito pós-moderno.

À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar, mesmo que temporariamente.

Sendo assim, “não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade” (DURKHEIM, 1989, p.505).

A construção de uma identidade social é feita de afirmativas e negativas diante de uma série de questões e apresenta-se como um meio para posicionar os indivíduos no mundo, através do conhecimento que estes adquirem relativamente à existência de uma pessoa coletiva a qual pertencem e com a qual se identificam (OLIVEIRA, 2006).

A identidade nacional é um discurso dominante na cobertura da mídia porque a entrada na Copa é organizada essencialmente pelo Estado-Nação e porque os eventos esportivos internacionais são frequentemente utilizados por grupos nacionais de telecomunicações para angariar audiências maiores para toda a rede: as dimensões culturais, políticas e econômicas estão realmente interligadas (MACNEILL, 2006).

Partimos aqui da teoria de que o trabalho desenvolvido pelo jornalismo é como um “esboço da história”, uma primeira versão dos fatos que, posteriormente, serão refletidos pelos historiadores.

Para Landowski (1992 apud GURGEL, 2008), diferentemente do que se defende em escolas de jornalismo, os veículos de comunicação constroem a “realidade” a partir de interações com seus públicos no plano do discurso e é justamente assim que se daria o sentido das coisas do mundo, através da mídia.

Sinergias entre o esporte e os meios de comunicação, afetam esportes modernos em uma multiplicidade de formas: no seu regulamento, em seus critérios profissionais, nas economias de clubes e federações, nos calendários esportivos e até mesmo na duração das competições. No entanto, acima de tudo, eles afetam as formas culturais: a relação entre os cidadãos e o esporte, assim determinando uma das mais poderosas formas de produção simbólica na cultura moderna (MORAGAS, 2009).

As identidades têm, conforme alegam Mohanty (1997; 2000) e Moya (2000), *status* epistêmico em comunidades reais. Identificações nacionais são mediadas por outras identificações, mas continuam a dominar as disputas representacionais de produtores de mídia, atletas e outros atores em grandes eventos esportivos. As zonas de produção de mídia esportiva passaram a ser importantes locais para a (re) produção cultural e a corporificação contestada de várias identificações que têm importância epistêmica naquela conjuntura histórica (MACNEILL, 2006).

É pelo fato de que as identidades são construídas dentro, e não fora, do discurso, que precisamos entendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos dentro de formações discursivas e práticas específicas, através de estratégias enunciativas características. Elas surgem do jogo de modalidades particulares de poder e, portanto, são antes produto da marcação de diferença e exclusão, do que sinal de uma unidade idêntica, naturalmente constituída – uma “identidade” em seu significado tradicional (ou seja, uma uniformidade amplamente abrangente, sem emendas, sem diferenciação interna). Acima de tudo [...] as identidades são construídas através da diferença, e não fora dela (HALL, 1996, p. 4).

Vivenciamos com a Copa do Mundo um cenário discursivo, temático e de extrema visibilidade da nação brasileira, nossa expectativa é de que vivemos um momento propício para perceber ancoragens, contornos e variações que flagram o país se dizendo e sendo dito.

Um grande conjunto de textos e imagens foi produzido – imbricado a todo tipo de prática não discursiva, desde a construção de estádios, vias de transporte, logística, segurança, etc.

Antes mesmo que a Copa do Mundo se iniciasse no Brasil, uma série de manifestações populares foram iniciadas no período da Copa das

Confederações em 2013 e, que continuaram vivas até a efetivação dos jogos da Copa do Mundo de 2014. A população intensificou suas reivindicações nas cidades-sede dos jogos, porém em diversas cidades do território observava-se, também, o clamor popular.

As “vozes” do povo brasileiro pediam por melhorias nos setores de transporte, educação, saúde, além de maior rigidez no combate à corrupção. Também reivindicavam os altíssimos gastos para a construção dos estádios e da infraestrutura, além das polêmicas relacionadas ao atraso para a construção das arenas esportivas e a carência na logística dos aeroportos para receber os turistas, dentre outras. Tudo isso era posto como um possível fracasso da Copa do Mundo. Nas redes sociais era visível o surgimento de declarações que resumiam o sentimento de parte da população brasileira:

“Não vai ter Copa”; “Copa para quem?” Dentre outras expressões que eram disseminadas pela população de modo geral e, então o Brasil se tornou um grande alvo de comentários e críticas da mídia brasileira e também da estrangeira. A famosa declaração “Imagina na Copa!” foi consagrada durante o período em que o país se preparou para receber o Mundial. A expressão passou a ser usada principalmente para frisar a dificuldade que brasileiros e estrangeiros teriam para usufruir de serviços, transitar pelo país e pelas cidades-sede, se comunicar, encontrar preços justos e até lidar com manifestações e a violência durante o mês que o Brasil seria o país-sede da Copa.

Alguns questionamentos podem ser levantados quando analisamos este contexto, no meio deste caminho, milhares de opiniões difusas e, muitas vezes, passionais.

Ao mesmo tempo em que as reivindicações poderiam levar para uma unificação de massa, no sentido crítico, por exemplo, de denúncia de escândalos, corrupção, superfaturamento, assumindo, assim, um sentido de vigília. A identidade passiva de que o brasileiro possuía, acabaria sendo colocada em ‘xeque’. “O gigante acordou?” E como a imprensa representa isto? Para que lado o discurso oscila? Seriam eles - a mídia- responsáveis por fomentar opiniões da população, por direcionar e até formá-las? O discurso da imprensa assumiria um polo negativo/pessimista e terminaria como positivo/otimista em relação à realização do Mundial? Haveria ‘meio-termo’?

Parece-nos que poderiam acabar assumindo dois polos identitários. No primeiro, destacar-se-ia o nacionalismo pela paixão pelo esporte, pela vitória, pela emoção do jogo e etc. A identidade assumiria o sujeito como festivo, malandro, passivo, receptivo e etc. No segundo, o nacionalismo seria visto sob uma visão política e econômica, por exemplo; e a identidade do sujeito como um ser crítico e racional. Fugindo do estereótipo no qual foi sempre qualificado historicamente, de passivo. Analisando a identidade como algo que está em constante (re) construção, nos perguntamos: ainda seríamos a “pátria de chuteiras”?

Abdica-se a imagem do país que se satisfaz apenas com as vitórias no futebol, também subvertem o discurso do brasileiro como passivo, torcedor, povo-problema, adormecido; enfim, permitem que se crie uma outra imagem da comunidade – a nação é antes de tudo imaginada, lembra-nos Anderson (2013): uma mudança cultural em curso no campo dos sentidos e dos afetos – da subjetivação – trazida à tona nesses dias que surpreenderam o Brasil e o mundo (ALMEIDA, 2014).

Nosso anseio é utilizar fontes que nos ajudem a entender a tríade: Copa do Mundo/esporte – mídia – identidade(s), exemplificada pela citação de Roberto DaMatta:

Entendo que o futebol (como tudo o que funciona na sociedade brasileira) é um veículo para dramatizações de problemas importantes. Se estudo o esporte, quero me aproximar desta atividade buscando entendê-la como parte da sociedade e não em oposição reificada a ela. Acho que quanto mais estudo o futebol praticado no Brasil, mais terei possibilidades de entender a sociedade brasileira, que também se manifesta pelo esporte (DaMATTA,1982, p.55).

A ideia do futebol como metáfora da nação revela-se bastante produtiva para o pesquisador contemporâneo, sintonizado com as reflexões atuais sobre a linguagem, o discurso e o sentido. Diante dos limites e artifícios da representação, a metáfora – com sua dispersão de sentido e sua abertura interpretativa, propiciadas pela base analógica que a sustenta – pode ser um conceito operatório de grande utilidade na tentativa de captar de modo menos simplista os mecanismos pelos quais se produz a multiplicidade semântica do futebol, potencializada pelos inúmeros contextos históricos e socioculturais em que ele se difundiu ao longo do último século.

Pode-se observar, também, na literatura acadêmica a mudança conceitual da representatividade da seleção brasileira para a nação.

Desde que chegou ao país, o futebol passou por um processo de incorporação cultural até se constituir no que chamamos de “paixão nacional”, como se afirmássemos que o nosso futebol é o melhor do mundo e o Brasil é o lugar onde mais se ama e se entende do assunto. Isso está sintetizado no epíteto “Brasil, país do futebol” que, em períodos de Copas do Mundo, ganha uma dimensão mais intensa. Porém, mesmo aqui, as narrativas jornalísticas em torno da seleção já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação. A derrota na final para o Uruguai em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 foram sentidas como derrota e vitória de projetos de nação brasileira. Já as vitórias em 1994 e 2002 e a derrota na final para a França em 1998 – bem como as derrotas em 2006 e 2010 - não transcenderam o terreno esportivo e foram comemoradas e sofridas como vitórias e derrotas esportivas. Claro que a Copa do Mundo possui uma estrutura narrativa que estimula os nacionalismos. O encanto desta competição encontra-se justamente no fato de acreditarmos que as nações estão representadas por 11 jogadores. O futebol não é a nação, mas a crença de que ele o é move as paixões durante um Mundial. Mas ao compararmos a situação atual com a carga emocional de 1950 e 1970 especulamos sobre a possibilidade de estarmos assistindo a um declínio do interesse pelo futebol como emblema da nação (HELAL et al, 2001, p.135).

Assim sendo, o objetivo geral deste estudo é ampliar o conhecimento e a compreensão sobre as narrativas identitárias brasileiras elaboradas pela mídia no contexto do esporte. De maneira mais específica, procuramos identificar, descrever e analisar os elementos e estratégias utilizadas para narrar e representar o Brasil no Mundial de Futebol masculino de 2014, realizado no Brasil, com intuito de percorrer o caminho feito pelos jornalistas, tanto que redigiriam as matérias quanto as colunas de opinião do jornal O Globo, ponderando e categorizando os discursos identitários da mídia nacional acerca do Brasil e dos brasileiros, analisando o discurso sob aspectos organizacionais como país-sede da competição, aspectos de receptividade, dentre outros enunciados na pesquisa que nos levem a observar e atribuir significados a identidade brasileira.

Neste sentido, nosso escopo de tempo se dará durante o período que antecedeu a realização dos jogos da Copa do Mundo de 2014, o período do Mundial, e os 15 dias posteriores ao seu encerramento, por meio da análise interpretativa do jornal impresso o Globo no período que se iniciou no dia 29 de maio de 2014 e terminou em 28 de julho de 2014.

1.2 HIPÓTESE INTERPRETATIVA BRASILEIRA

"Aí esta, no Velho Mundo os sujeitos se parecem com soldadinhos de chumbo. A dessemelhança que possa existir de um tcheco para um suíço, é do feitio do terno ou do nariz. Mas o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana" (NELSON RODRIGUES, 1962).

As imagens icônicas brasileiras são em geral caracterizadas pela presença de personagens negros e/ou mestiços, fortes e belos, que são favorecidos pela liberdade de uma terra tropical, paradisíaca. Esses estereótipos continuaram em uma representação constante em manifestações artísticas que tratam de uma identidade brasileira, principalmente através da literatura, da música e do cinema. Cite-se, por exemplo, o despertar de um olhar sobre o exotismo e a sensualidade da terra brasileira através de obras como *Gabriela, Cravo e Canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, por exemplo.

Percebe-se, em uma análise superficial, que a imagem do Brasil que continuamos 'vendendo' é aquela 'freyreana', de um país tropical, favorecido por um clima quente, por uma natureza exótica, e por uma sensualidade à flor da pele de uma raça incomparavelmente híbrida. No exterior, o Brasil poderia ainda ser o país do futebol, do carnaval, de garotas de Ipanema, de personagens exóticas e sensuais como Carmem Miranda, Tieta, Gabriela e Dona Flor? (CORRÊA, 2008).

No processo de produção, invenção e promoção do local ou atrativo turístico, o turismo utiliza-se de uma superestrutura existente sustentada por aspectos naturais, históricos e culturais. Essa ideologia se expressa, principalmente, via imagens, narrativas, patrimônio cultural, natural e arquitetônico. E também, através, de relatos de viagens e de uma vasta literatura de viagem que foi se constituindo ao longo dos séculos e, mais modernamente, de uma infinidade de relatos de viagens originados pelas imagens fotográficas ou vídeos gravados que o turista contemporâneo exhibe no seu retorno.

Todos esses elementos corroboram para a criação, identificação e propagação de diferentes “versões” das identidades turísticas, bem como para a perpetuação de estereótipos e imagens mestres que definem a “autenticidade” de alguns lugares do planeta. As representações contraditórias ou ambivalentes, criadas pela atividade turística, com base em mitos, lendas e fantasias, originam, na maioria das vezes, um simulacro. Segundo o teórico francês Baudrillard (1991), o simulacro é uma imagem que inventa uma realidade. A assimilação dessa pelo imaginário de uma coletividade a transforma na imagem que se crê como autêntica. Na atividade turística a imagem de simulacro ocorre, uma vez que o turismo não vende a imagem real, de pobreza e de normalidades, mas a imagem de paraíso, do diferente e de exotismo, dos destinos turísticos (DALCHIAVON, 2012).

No entanto, vale levar em conta aqui o diálogo entre culturas no qual o olhar do outro é importante para que nos identifiquemos na diferença e na diversidade, para a definição de nossa própria identidade. É no olhar do outro que se constituem estereótipos destinados a perpetuar-se como ‘verdades’, traduções de identidades como máscaras e espelhos, que serão, por sua vez, responsáveis pela importância que o Brasil ocupa no espaço mercadológico cultural, interessante ainda, é que a entrada dos ‘brasilianistas’ nos estudos brasileiros dá-se principalmente através desses estereótipos.

Para o antropólogo Roberto Da Matta (1986), a constituição de uma identidade nacional advém do fato de compartilharmos certas características que, em contraste com o outro, forma uma sequência que permite dizer ‘quem sou eu’.

Em ‘Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil’, Carlos Fico (1997) argumenta que, historicamente, constituíram-se uma “visão otimista” e outra, “pessimista” do Brasil. De fato, é possível detectar a existência de um conflito secular entre duas perspectivas, duas visões sobre o Brasil. Para uma delas, viveríamos numa terra abençoada – um país exuberante, rico, grandioso, que só poderia inspirar sentimentos esperançosos quanto ao seu futuro, certamente positivo (FORTES, 2015).

Uma lista de motivos pelos quais a perspectiva otimista vê o Brasil desta maneira inclui: natureza exuberante; subsolo rico; clima ameno; mistura de povos (ou “raças”); grandiosidade e unidade territorial e linguística, carnaval.

Por outro lado, segundo este autor, também é possível identificar três notáveis “recorrências, no plano das ideias, que sempre atormentaram intelectuais do país”:

[...] a noção de que umas tantas “correções de rota” seriam suficientes para pôr o Brasil no caminho certo; a ideia de “crise moral”, isto é, de que nossos problemas decorrem da frágil personalidade dos indivíduos que compõem a sociedade e, finalmente, a preocupação com a “imagem externa” nacional, vale dizer, a inquietação com aquilo que de nós pensam as sociedades de outros países (FORTES, 2015, p. 38).

Para a outra visão, nossa triste sorte seria explicada por deficiências estruturais diversas, não restando muito mais que uma expectativa cética e pessimista quanto ao nosso possível futuro (FORTES, 2015).

Autores não acadêmicos também criaram chaves explicativas para como o Brasil lida consigo mesmo. Nelson Rodrigues, importante escritor, dramaturgo e jornalista esportivo entre as décadas de 1940 e 1970, referia-se ao complexo de inferioridade que enxergava nos brasileiros como “complexo de vira-latas”. A expressão se referia ao pessimismo com relação à qualidade do caráter nacional, explicitada particularmente pelo desempenho da seleção nacional antes da primeira conquista de Copa do Mundo, em 1958. Estas recorrências poderiam servir como uma chave de leitura para entender muito do que se falou sobre “Os Brasileiros da Copa do Mundo” – antes, durante e depois da competição.

De forma ambígua podemos dizer que nós, os brasileiros, apesar de exaltarmos algumas características próprias do Brasil, como a sensualidade, as belas praias, a cordialidade, etc., ao mesmo tempo criticamos interna e externamente, nossos produtos, nossas práticas, nossas autoridades e instituições. Para um melhor entendimento de como chegamos a esse ponto atual e ambíguo da identidade cultural brasileira, é preciso retomar o que foi dito por alguns críticos que estudaram o assunto através de várias vertentes.

Segundo o sociólogo Octavio Ianni (2002), boa parte das interpretações sobre o Brasil tiveram um só objetivo: buscar um conceito de Brasil. Seja nas Ciências Sociais ou na literatura, geraram-se várias linhas de pensamento ou mesmo “famílias” de interpretação do Brasil que se mostram evidentes nos seus diversos estudos e narrativas.

Dentro da perspectiva tipológica, que focaliza a realidade social ou histórica principalmente em termos culturais, Peres (2002) apresenta uma proposta de classificação dos principais intérpretes em três tipos de “famílias”: (1) os *institucionalistas*, que remetem suas análises aos problemas institucionais e buscam nesta esfera os constrangimentos e limitações para o desenvolvimento brasileiro. Geralmente eles assumem como objetos de reflexão a centralização e descentralização, tipo de federalismo, o Estado, a burocracia, os partidos, etc. Entre os autores mais conhecidos dessa linha estão Raymundo Faoro, Guerreiro Ramos e Oliveira Vianna que não serão analisados neste trabalho²; (2) os *culturalistas*, cujo enfoque recai sobre a questão cultural da população por isso de vital interesse para nós, ressaltam os aspectos formadores do “espírito” nacional e a partir desse arcabouço refletem sobre os entraves ao desenvolvimento e a modernização do Brasil. Assumem como objetos de análise as raízes culturais originárias, as matizes culturais resultantes, a cultura política constituída, etc. Entre os autores mais representativos desta vertente estão Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Roberto DaMatta; (3) Finalmente, os *economicistas*, considerando as questões de ordem estrutural e econômica, isto é, relativas ao mundo do trabalho e da produção material. Assumem como objetos de análise as condições históricas objetivas de um dado momento, as estruturas de classes e suas tensões, as relações no mundo da produção, o mercado, a dominação a partir da situação produtiva, etc. Os autores mais representativos, para efeito de ilustração, são Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso (ROSA et al, 2006).

Nas três “famílias” apresentadas, segundo Peres (2002), observa-se um ponto de convergência: a investigação das barreiras, internas e externas, que influenciam nosso desenvolvimento e a nossa modernização econômica e política. Cada autor buscou em seu tempo e espaço uma resposta para tal problemática e transitaram habilmente pela condição híbrida de nossa singularidade que, em termos weberianos, tende a oscilar ora entre a dominação tradicional e a dominação racional-legal– como é o caso do

²Quanto às outras correntes da tipologia apresentadas adiciona-se um rol de outros autores que são largamente citados no âmbito das Ciências Sociais que, por questões de escopo e objetivo, deixaram de aparecer nesta análise. O que não diminui em nada suas contribuições para a compreensão da dinâmica social brasileira.

coronelismo; ora entre a dominação racional-legal e dominação carismática— como é o caso do populismo. Essa dualidade nos leva ao incessante conflito entre o clientelismo personalista e o insulamento burocrático. Conflito este que tem marcado boa parte das análises contemporâneas sobre o Brasil (PERES, 2002).

Direcionamos, por conseguinte, nossa análise aos autores assim classificados como *culturalistas* que, além da afinidade com a presente discussão, em virtude do seu foco de análise estar voltado para os aspectos culturais e de formação do “espírito nacional”, são os autores com maior número de citações nos trabalhos sobre cultura organizacional brasileira. Outra justificativa para a escolha reside no fato de que suas análises constituem-se nas primeiras reflexões sobre a dinâmica social brasileira – no caso de Freyre e Holanda e mais recentemente DaMatta – e servem de base para análise das outras duas vertentes citadas anteriormente.

Nos anos de 1930, Gilberto Freyre, em ‘*Casa Grande & Senzala*’, descreve a sociedade brasileira a partir da instituição da família patriarcal nos latifúndios açucareiros do Nordeste. Para ele, o caráter do povo brasileiro poderia ser explicado através do processo de miscigenação racial, mesclando as características psicológicas de negros, índios e brancos.

A cultura brasileira, segundo Freyre, surge na interação entre dois mundos: o mundo da “casa grande” e o da “senzala”, sugerindo uma “integração na divisão” que permanece presente ao longo de sua obra.

Para Freyre, a grande lição da miscigenação brasileira está no reconhecimento do outro como parte constituinte de si mesmo. Acusado muitas vezes de defender o ‘embranquecimento’ para uma suposta democratização das relações raciais, Freyre, justamente pelo contrário, apontava o risco de um multiculturalismo americano que ao invés de pregar a união e o reconhecimento, escondia sob uma aparente política de inclusão o distanciamento e até a ‘guetização’. Para Freyre, miscigenação não é a negação de sua múltipla herança cultural, pelo contrário, é sua afirmação.

Sua argumentação contém um viés enigmático e ocupa uma posição ambivalente que oscila entre o tradicional e o moderno. De um lado, o autor afirma que a democracia racial sugere uma democracia social na medida em que a tolerância étnica do português foi o principal amortecedor das relações

que aproximaram e em certa medida igualaram as diferentes raças, de outro, é flagrante que não houve um encontro tão harmonioso entre dominantes e dominados e o mestiço é, sobretudo filho de um estupro (ROSA et al, 2006).

O foco de análise está direcionado ao cotidiano, pois ele narra a história do senso comum e da dinâmica das relações neste universo a despeito dos heróis e dos grandes feitos militares, geralmente enfatizados nas pesquisas sobre a colonização brasileira. A segunda ruptura, de grande importância às narrativas que o sucederam, reside na adoção do conceito de cultura no lugar do de raça. Seguindo Franz Boas – seu orientador de doutorado –, Freyre nega o determinismo geográfico e racial predominante na antropologia de sua época e se alinha ao historicismo alemão que enfatizava a cultura e a relatividade de valores, deslocando sua análise para o enfoque cultural.

Na mesma época de Freyre, em 1936, Sergio Buarque de Holanda escreveu *Raízes do Brasil*, um ensaio sobre o caráter nacional brasileiro a partir de suas matrizes culturais ibéricas. Para Holanda, a estrutura básica da sociedade brasileira seria a família patriarcal, cujo valor e exigências de fidelidade fariam com que se confundissem os domínios público e privado no campo político. Ao tratar da relação entre a elite e as camadas populares, Holanda ressalta o abismo existente entre ambas, afirmando ser a intelectualidade brasileira (nos anos 30) apenas "ornamental", dado o desencontro com a realidade nacional que caracterizava aquela elite, devido ao seu caráter dependente para com os modelos culturais europeus.

Em relação a Freyre, a posição de Sérgio Buarque de Holanda se aproxima do quadro teórico de análise e se afasta radicalmente do posicionamento político. Holanda considera-se também um ensaísta. Vê seu trabalho como uma interpretação construída sem muito rigor e exaustão (REIS, 1999).

Desenvolve sua obra sob perspectiva subjetiva e entra na análise apresentando sua própria impressão acerca da realidade brasileira. No entanto, assume uma postura contrária a de Freyre em relação à herança ibérica, em particular a lusitana.

Em *Raízes de Brasil*, Holanda (1995) defende uma ruptura com o passado lusitano. Sua análise focaliza e critica o estilo *neo-português* que permeia as relações sociais, assumindo uma postura de descontinuidade em

relação ao passado como pré-condição para um Brasil moderno. Em linhas gerais, o argumento de Holanda no livro tem duas etapas: a primeira ocupa os capítulos iniciais e dão conta de esclarecer as raízes da nossa formação a partir de alguns tipos ideais – bem no estilo weberiano – cuja dinâmica engloba os conceitos de (i) *trabalho* e *aventura*, onde o autor busca ressaltar o embate destes dois tipos na estruturação da atividade humana. Entre os dois, Holanda (1995) afirma que o trabalhador teve um papel residual em nossa formação; (ii) a *herança rural*, por sua vez, é uma forma que Holanda utiliza para caracterizar o legado português em relação ao legado espanhol durante a colonização. Ao passo que os espanhóis conduziram uma colonização urbana, metódica e racional com a criação de cidades cujo aparato administrativo era burocrático e composto por unidades planejadas com universidades e espaços públicos, o método de colonização português era ruralista e concentrava sua administração na organização familista que era um fim em si mesmo.

Sem universidades, nem cidades, a esfera privada determinava o político e o econômico com “relações intestinais” que refletiam o estilo neo-português da nossa formação; ainda como forma de distinguir portugueses e espanhóis, Holanda trata do primeiro como um *semeador* que não planeja, não modifica e não trabalha e o segundo como um *ladrilhador* metódico, organizado e rigoroso. Finalmente, (iii) a figura do *homem cordial* que retrata o tipo ideal que circula no mundo social fora da família. Uma figura que transborda afetividade e caracteriza a capacidade do brasileiro de ser generoso, afável e acessível diante da estrutura hierárquica da sociedade.

Na segunda parte do livro, Holanda (1995) apresenta as condicionantes da ruptura apontando os *novos tempos* que sobrepõem o velho e trazem consigo a possibilidade de uma modernização do Brasil.

A busca de um horizonte para o Brasil em contraste com o saudosismo freyriano constitui-se na principal característica de *Raízes do Brasil*. A negação do estilo neo-português e suas mazelas que levaram o Brasil à estagnação política e econômica, segundo Holanda (2005), é o primeiro passo para uma aceleração da mudança, assumindo a nova dinâmica que se instituía com a urbanização e a industrialização do país tornando-nos indivíduos *pós-portugueses*, isto é, brasileiros.

A interpretação do Brasil proposta pelo antropólogo Roberto DaMatta (1987; 1996) difere do caráter historicista presente nos trabalhos de Freyre e Holanda. Sua abordagem contempla a atualidade brasileira e, ao invés de focalizar o legado português de forma positiva ou negativa como fazem os dois autores anteriores, trata dos aspectos do dia-a-dia do povo brasileiro. No entanto, ao fazermos uma leitura conjunta com os autores precedentes, foi possível identificar a sistematização feita por DaMatta de alguns pontos defendidos por eles.

Os dois trabalhos mais citados do autor são *A casa e a Rua*, e *Carnavais, Malandros e Heróis* em que são apresentados seus principais conceitos que, segundo ele, explicam a natureza do dilema brasileiro. Em linhas gerais, as obras trazem uma discussão dual que visam antagonizar quatro categorias: o *indivíduo* e a *pessoa* e a *casa* e a *rua* que são perpassados pelo recurso de navegação social denominados por DaMatta como *jeitinho* que tem sua versão autoritária expressa pela pergunta *Você sabe com quem está falando?*

DaMatta (1997a) apropriou-se do conceito antropológico de dramas sociais, indicando que, no contexto de uma sociedade complexa, “o ritual permite tomar consciência de certas cristalizações sociais profundas [...] surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma determinada formação social” (DaMATTA, *op.cit.*, p. 29-30).

Segundo essa perspectiva, nos rituais ocorrem dramatizações de certos elementos, valores, ideologias e relações presentes na vida cotidiana. Assim, uma das ideias centrais do autor é balizada pela noção de que estes elementos do cotidiano – os dramas sociais –, são apresentados, são dramatizados e “é pela dramatização que tomamos consciência das coisas e passamos a vê-las como tendo um sentido, como sendo sociais” (DaMATTA, 1997a, p.36).

É, portanto, a partir de discursos simbólicos ou a partir dos —palcos: o Dia da Pátria, o Carnaval e as procissões religiosas, que DaMatta (1997a) propôs-se a interpretar o universo social brasileiro e seus personagens explicitando valores, atitudes e ideias que são constitutivos de sua identidade visando contribuir, assim, com a teoria geral das dramatizações e da ideologia, tomando como base o caso brasileiro (SANTOS, 2011).

DaMatta (1997a) apresenta a distinção entre o que denomina de momentos —extraordinários e cotidiano para explorar a concepção de rituais como espaços privilegiados de dramatizações que permitem a consciência do mundo social.

Os eventos *extraordinários* remetem aos acontecimentos situados fora da rotina, do dia-a-dia repetitivo, são acontecimentos tais como festas, solenidades, conferências, encontros, etc. Tais acontecimentos são marcados por um potencial aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais e distinguem-se do que denominamos de tragédias, desastres, catástrofes, ou ocasiões de sorte e milagres, por serem previstos. Segundo DaMatta (1997a, p. 47) —eles são construídos pela e para a sociedade (idem, 2011).

Um fato importante a observar é que estão implícitos na análise destes rituais, domínios sociais que DaMatta (1986, 1997a) considera básicos quando se deseja estudar o mundo social brasileiro e sua ritualização. O autor indica que os brasileiros transitam, são oscilantes quando diante de aspectos e situações contraditórias, estabelecendo uma atividade relacional com tais aspectos que é única.

Parte-se do pressuposto de que cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para existir como um todo social articulado, que se constituem como formas de organização de uma sociedade. A partir deles pode-se verificar como se configura essa oscilação, essa forma de sociabilidade singular do universo social brasileiro.

Embasamo-nos na análise de DaMatta (1986) que se ampara na compreensão de que a identidade é constituída a partir de afirmativas e negativas diante de certas questões. Para o autor, a chave para compreender a sociedade brasileira é dupla: de um lado é moderna e de outro é antiga.

A relação entre o tradicional e o moderno é verificada na perspectiva de DaMatta (1986, 1997a) num processo de tensão permanente que, em certos contextos, dialogam, e em outros confrontam-se, completam-se ou combinam-se. É nesta perspectiva que estão fundadas as formas de sociabilidade no Brasil, ou o dilema brasileiro (SANTOS, 2011).

Tal dilema baseia-se na noção de indivíduo e pessoa. DaMatta (1986, 1997a) explora em suas obras como se constrói a sociabilidade brasileira na convivência com esse dilema. Em linhas gerais o indivíduo é o sujeito das leis

universais que modernizam a sociedade; e a pessoa, o sujeito das relações sociais que conduz ao polo tradicional do sistema.

Para entender essa dinâmica podemos apresentar o indivíduo como o sujeito igual a todos e a pessoa como o sujeito que exige um tratamento especial. DaMatta (1997a, p.230) destaca que essa noção opera de modo simultâneo em todas as sociedades e que, no Brasil, —tudo indica que temos uma situação na qual o indivíduo é a noção moderna super imposta a um poderoso sistema de relações sociais.

O mundo social brasileiro opera, assim, em dois níveis: um que particulariza e outro que atua por meio de leis globais. A coletividade no Brasil, portanto, se expressa tanto na forma do Estado nação (o das leis globais) quanto como uma sociedade hierarquizada (que particulariza).

Como sociedade, o valor básico do sistema é a hierarquia; como Estado nacional o sistema se informa pela igualdade. Os dois princípios operam simultaneamente, de modo que situações podem ser diferentemente definidas, caso sejam lidas (ou hierarquicamente englobadas) pelo viés —nação (com sua ética moderna baseada no individualismo e da igualdade); ou pela ótica da sociedade, quando são classificadas pelos códigos tradicionais da pessoa, das relações e da hierarquia (DAMATTA, 2006, p.186).

É na ideia de navegação social diante de normas e leis que, teoricamente, teriam aplicabilidade universal, e DaMatta (op.cit.) explica as relações e atitudes do brasileiro com sua sociabilidade caracteristicamente oscilante.

Diante de certas situações, oscila-se entre leis universais que tomam por sujeito o indivíduo, e o jeitinho que torna a formalidade e a impessoalidade suscetíveis às relações pessoais que permitem o não cumprimento ou obediência às normas e leis.

No caso do universo impessoal a nossa unidade é o indivíduo. E no caso do universo pessoal, a pessoa. Na dialética indivíduo e pessoa existe uma ampla dinamização, assim, o mecanismo do Você sabe com quem está falando? Por exemplo, revela a possibilidade de passar de um polo a outro.

A passagem de indivíduo a pessoa e vice-versa, torna a lei uma faceta indissociável da moralidade pessoal e do jeitinho. A moralidade pessoal tem

todo um sistema de código de interesses, intimidades e respeito de forma que aciona mecanismos jurídicos impessoais.

Embora tenham sido produzidas em momentos históricos e com enfoques diferentes as obras de DaMatta (1986, 1997) e a de Holanda (1995) parecem identificar características da sociedade brasileira semelhantes indicando, de alguma maneira, que tais características remanescem nos dias atuais (SANTOS, 2011).

Recuperando o conceito de *Cordialidade* discutido por Holanda (1995) em conjunto com o conceito de Jeitinho damattiano, podemos dizer que eles acontecem de forma similar e tem seu lugar demarcado por dois espaços simbólicos muito distintos no trabalho de DaMatta: a *Casa* e a *Rua*. A Casa representa um espaço coletivo de harmonia entre os que nela vivem ou frequentam (DAMATTA, 1987).

Isto é, o lugar onde uma maior ou menor intimidade é permitida, possível ou abolida. Constitui-se no ambiente dos prazeres, da amizade, e da tranquilidade. É um lugar onde não se trabalha, não se discute e não se disputa. Mas sim, um lugar onde se compartilha a cordialidade e principalmente onde se ajuda os amigos e parentes. Seu habitante é a *Pessoa* que é o principal agente dessas relações cujo caráter determina o sistema de compadrio e personalismo intrínsecos neste espaço.

Enfim, a Casa traz o ambiente onírico descrito por Freyre (1988), a calma do mundo rural e os laços “intestinais” do familismo colonial. Por outro lado, a Rua é o espaço individual onde não há harmonia nem tranquilidade entre os participantes, mas sim, um ambiente hostil onde o *Indivíduo*, que é um mero transeunte absorto pelas regras e desprovido de qualquer sistema de relações, tenta articular estratégias de navegação social que preservem ou conquistem seus interesses (DAMATTA, 1987).

Isto é, na Rua é que buscamos o sustento do lar e a maximização dos interesses que podem melhorar a vida na Casa. É o espaço urbano, como almeja Holanda (1995), de um Brasil moderno, racional e meritocrático onde a impessoalidade constitui-se na marca principal das relações sociais. A capacidade de unir estes dois espaços (público e privado) depende da habilidade de conciliação e da forma como se utiliza a “cordialidade” e o “jeito” para conseguir defender interesses da Casa no espaço da Rua.

Ao estender os domínios de um espaço sobre o outro, torna-se possível conseguir aquele emprego para o parente ou amigo próximo e em outra direção transformar o local de trabalho num lugar de harmonia e tranquilidade, onde não se trabalha e não se produz conflitos. No entanto, de maneira transversal à cordialidade, ao jeitinho e aos espaços simbólicos da Casa e da Rua, tem-se o fenômeno do autoritarismo que corta as relações sociais e se manifesta de forma autônoma em relação a estas categorias. A herança escravagista dos tempos coloniais confere ao brasileiro o *ethos* autoritário (REIS, 1999).

A necessidade de dar ordens e de humilhar os subordinados deturpa a cordialidade e elimina a possibilidade do jeitinho. Tanto na Casa como na Rua, a regra consiste em reproduzir esta herança e fazer valer a sua vontade. Um expediente comum desta prática foi apresentado por DaMatta (1996) com o “você sabe com quem está falando?” cuja dinâmica representa um rito utilizado para demarcar posições ou afiliações sociais e com isso dissipar qualquer restrição gerada por regras burocráticas ou comportamentos impessoalizantes numa determinada situação de conflito.

Ambos os livros do autor foram publicados no contexto de um Brasil moderno, urbano e industrial, cujo cotidiano revela os rituais e práticas que ajudam a identificar nossos malandros e nossos heróis (SOUZA, 2001).

Em face da assimetria de poder nas relações de classe, o Jeitinho aparece como um expediente que visa obter uma igualdade simpática e minimizar as distâncias sociais (DAMATTA, 1996).

O Jeitinho está calcado no culto da personalidade, caracterizando a valorização do individual em detrimento ao coletivo. Na medida em que as relações entre posições assimétricas estabelecem regras formais de interação social e burocrática, expressas pelo formalismo com poder de veto e negação ao individual dando primazia ao coletivo, o Jeitinho se apresenta como uma estratégia de navegação social que visa driblar a regra, tida como meramente formal, e fazer prevalecer o interesse pessoal.

Assim, o uso do jeitinho mostra que na cultura brasileira não há posições fechadas do tipo “pode” ou “não pode”, mas há, sobretudo, um “jeito” de se resolver as questões. Tudo vai depender do argumento apresentado pelo pedinte ou do interesse do cedente.

Ao mesmo tempo, Holanda (1995) propôs traçar as características da sociedade tradicional (um dos polos de tensão social e política) e a transição de uma sociedade em revolução apresentando o conceito de homem cordial, cuja mentalidade tem origem na família rural e patriarcal, que por sua vez envolve formas de sociabilidade específicas.

Nesse sentido, Holanda apresenta a ideia de que as relações que se estabeleceram no quadro familiar da sociedade colonial brasileira (de autoridade única e intransferível) em muito transpuseram a esfera da vida doméstica. Assim, também no plano social – na vida pública e em todas as atividades –, as preferências da nossa sociedade são fundadas em laços afetivos.

Em outras palavras, a vida doméstica e familiar ofereceu o parâmetro para os outros tipos de contato. Isto significou a preferência pelas relações humanas mais simples e diretas, que evita qualquer forma de distância social e busca aproximação (intimidade) com a pessoa ou objeto, de maneira a torná-los familiares.

Trata-se de uma sociedade que se configura numa organização com tendência à informalidade. O homem cordial não se adequa às relações impessoais que decorrem da posição e função do indivíduo. É propenso à marca pessoal e familiar, às afinidades nascidas na intimidade dos grupos primários.

Assim, a cordialidade não quer dizer polidez. O cordial remete ao sentido de nossa impossibilidade de lidar com as questões políticas e de cidadania, por exemplo, para fora da esfera pessoal.

Logo, estabelecem-se relações personalistas e diretas entre o cidadão e a nação. Holanda nega a possibilidade de positividade a essa herança, pois, segundo ele, seria engano supor que a cordialidade brasileira represente boas maneiras, civilidade, pois, o homem cordial não pressupõe bondade, mas somente o predomínio de comportamentos de aparência afetiva, não necessariamente sinceras, nem profundas.

A análise de DaMatta é centrada nos elementos formadores da nação brasileira, embora não se possa considerá-la uma mera reconstrução histórica. Trata-se, sobretudo, do exame da vida social de instituições e mentalidades

que são localizadas na história e, ao mesmo tempo, figuram como elementos que constituem a identidade nacional independente de sua temporalidade.

Segundo Rojo (2005), a literatura relativa à questão da identidade brasileira é ambivalente, uma vez que reforça e/ou se contrapõe aos estereótipos que são associados ao “brasileiro”. Do mesmo modo, reafirma ou contesta a ideia de uma “identidade nacional” única e homogênea. Assim, a produção acadêmica sobre a “identidade nacional” mantém praticamente inalterada a percepção de uma sociedade dividida entre um grupo que pode estar associado tanto às características do “individualismo” quanto da “introjeção do controle social”, presentes nas chamadas “sociedades ocidentais”, enquanto outro seria mais “relacional” e “emotivo”, ainda que as leituras mais complexas impliquem pensar essa divisão como “tipos ideais”.

Parece não se tratar nem de uma coisa nem de outra, mas de algo que é dado de modo simultâneo e complexo. O que significa que a sociedade brasileira engloba sociabilidades e valores orientadores múltiplos. Assim, se, como afirma Cucho (2002), a identidade é uma construção social que se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos atores sociais e por isso mesmo orientam suas escolhas, a elaboração de uma “identidade brasileira” remete a uma vinculação, necessariamente contextualizada, consciente e baseada em oposições simbólicas (TAVARES et al, 2007).

Nesse contexto, diversos estudos têm sido produzidos na perspectiva de análise da construção da identidade nacional brasileira por meio das narrativas e construções simbólicas engendradas pela mídia (por exemplo, BARTHOLLO; SOARES, 2005; GUEDES, 1998; LOPES, 1994). De fato, embora as sociedades possam estar cada vez mais submetidas aos mesmos princípios, cada uma delas faz apropriações, recriações e ligações que as tornam únicas num mundo aparentemente cada vez mais semelhante.

1.3 IDENTIDADES NACIONAIS E ESPORTES

Uma sociedade não pode criar-se nem recriar-se sem criar, ao mesmo tempo, alguma coisa de ideal. Essa criação não é para ela uma espécie de ato suplementar com o qual ela se completaria a si mesma uma vez constituída; é o ato pelo qual ela se faz e se refaz periodicamente (Durkheim, [1912]1989,p. 500).

No caso brasileiro, como muitos vêm argumentando há alguns anos, em função de algumas peculiaridades de nossa história política e social, o futebol tem se apresentado como um veículo quase insuperável para a produção e reprodução de discursos sobre a nação e o “povo brasileiro”, representados no desempenho dos jogadores selecionados. A eficácia deste período ritual de conagração pode ser facilmente apreendida na “suspensão” do tempo cotidiano, transformando dias comuns em feriados. Mais importante talvez seja a “suspensão” das diferenças e desigualdades sociais, produzindo um extraordinário período de comunhão, no qual apenas a identidade nacional brasileira é acionada.

A memória possui um papel fundamental no processo de construção da identidade nacional, quando cumpre a função de conectar as diferentes gerações através das lembranças de glórias ou tragédias. O futebol, como uma das instituições identitárias, é lido romanticamente como fenômeno cultural popular que também representa as imagens socialmente partilhadas na nação, a saber: o Brasil é imenso, rico, generoso e tropical, fruto da miscigenação pacífica das diferentes etnias, que produziu um povo criativo, genial e artístico.

Nessa construção, samba e futebol, dentre outras expressões, são destacados como tradução do que é autenticamente brasileiro. Entender esse processo de construção da identidade auxilia a desvelar os valores que uma sociedade atribui a si mesma.

Sobre isso DaMatta (1982, p.21) diz:

“Entendo, pois, sem drama não há rito e que traço distintivo do dramatizar é chamar atenção para relações, valores ou ideologias que, de outro modo, não poderiam estar devidamente isoladas das rotinas que formam o conjunto da vida diária”.

Neste sentido, seguimos a reflexão de Clifford Geertz (2008), segundo a qual o rito e o drama seriam um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria. O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir.

É importante verificar como o futebol inseriu-se e imbricou-se de modo tão vicinal na sociedade brasileira, algo para o qual a obra do antropólogo Roberto DaMatta traz contribuições decisivas. Para ele, no artigo “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, “o futebol seria popular no Brasil porque permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos” (DAMATTA, 1982, p. 40).

Assim a importância desse esporte em nosso país transcenderia a mera esfera do entretenimento, já que estaria incluída no meio da ordem social (MARQUES, 2014).

Coube ao próprio DaMatta fazer a aproximação mais relevante entre futebol e cultura de massa, por meio de inúmeros estudos em que se pretende inaugurar um novo olhar sobre o país. Desde o aparecimento de seus “discursos fundadores”, o Brasil sempre procurou ser pensado a partir de sua alteridade, isto é, fomos vistos continuamente a partir dos olhos europeus (e, mais recentemente, norte-americanos). O antídoto a esse pensamento, em nosso país, teria muito a ver com a presença que o futebol ocupa – e as operações que ele põe em funcionamento – no seio social:

Se, de fato, carnaval, religiosidade e futebol são tão básicos no Brasil, tudo indica que, diferentemente de certos países da Europa e América do Norte, nossas fontes de identidade social não são instruções centrais da ordem social, como as leis, a Constituição, o sistema universitário, a ordem financeira etc., mas certas atividades que nos países centrais e dominantes são tomadas como fontes secundárias e liminares de criação de solidariedade e identidade social. Assim é a música, o relacionamento com os santos e espíritos, a hospitalidade, a amizade, a comensalidade, e, naturalmente, o carnaval e o futebol, que permitem ao brasileiro entrar em contato permanente de seu mundo social (DAMATTA, 1982, p. 39).

Roberto DaMatta (1979) afirma ainda que as sociedades modernas, precisamente por serem extremamente fragmentadas, tendem a multiplicar os rituais nacionais, entre eles, os esportivos, como forma de lazer e fortalecimento da totalidade social. Esta função seria desnecessária, por exemplo, nas sociedades tribais, já totalizadas. Nesta perspectiva, as competições esportivas operam como rituais, dramatizam valores básicos das sociedades modernas e, em particular, permitindo totalizações, representações da sociedade como um todo, ou dito de outra forma, narrativas nacionais.

No caso brasileiro, o futebol tem sido apresentado como um veículo quase intransponível para a produção e reprodução desses discursos de nação e da "brasilidade", sustentando toda uma semântica sobre o estilo nacional e a brasilidade. No futebol, as narrativas sobre "ser brasileiro" encontrariam seu lugar de eleição. Neste sentido, o futebol brasileiro seria "zona livre" com maior potencial de significação.

Assim, se estabelece um território de enorme significado, foco de inúmeras narrativas, inclusive algumas conflitantes, mas que, em cada caso, reinventam continuamente a comunidade imaginada chamada Brasil.

O foco mais marcante deste processo de construção da brasilidade ocorre na reinvenção da memória em um campo específico sobre o desempenho da seleção brasileira de futebol em uma competição específica, a Copa do Mundo.

São rituais patrióticos, ao estilo nacional brasileiro. No período da Copa do Mundo, na "comunidade imaginada" há uma apropriação de símbolos nacionais e que são creditados com o sentido mais profundo. "A nação é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles" (ANDERSON, 1983, p.32).

Há a suspensão do tempo cotidiano, assim como a suspensão do tempo simbólico, para (re) inaugurar o período festivo em que a nação entra em campo, é neste tempo suspenso em que você escreve outra história, a história pela qual se inscreve o modo que os brasileiros querem compreender a nação, como povo, como um todo.

Parafraseando Clifford Geertz (1973), assim como a briga de galos em Bali é um comentário sobre os balineses, as narrativas e os usos de ícones nacionais durante a Copa do Mundo seriam as observações dos brasileiros sobre si mesmos. Mas, para atualizar e operar este nível de identidade social é necessário, em primeiro lugar, uma "alienação" da vida cotidiana, todas as enormes desigualdades e conflitos são reintroduzidos com facilidade, mas nunca de uma forma linear.

Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas "seleções nacionais", uma espécie de "encarnação simbólica" de

cada nação participante do evento. Assim, uma Copa do Mundo é muito mais do que um mero torneio de futebol: ela é uma chance de se colocar a própria nação em perspectiva comparada com o resto do mundo.

O sentimento de pertença a uma nação tem origem em fatores religiosos, econômicos, políticos, de posse de terra, linguísticos, etc., que envolveram tribos, igrejas, realezas, imprensa, burguesias entre outros, cabendo à história o papel de dar curso à formação dos estados nacionais.

Cada nação tem sua própria narrativa de lendas, guerras e heroísmo, que deve ser defendida a todo custo pela consciência nacional. Embora muito dos fatores originais da formação de uma nação, mesmo os mais concretos como guerras e revoluções, possam se obscurecer, perdendo a força de sua significação ao longo do tempo, o sentimento de pertencer a uma determinada cultura imaginada homogênea permanece e tende a permanecer, mesmo que outros sistemas de significações sejam erigidos para isso.

Como se vê, a nação, que em boa medida se diferencia de um país, é bem mais ampla do que as fronteiras que a define; o que determina o “ser brasileiro”, por exemplo, não é o indivíduo ser nato do Brasil, é antes estar inserido no conjunto de hábitos e costumes que o caracterizam, homogênea e hegemonicamente, como brasileiro.

1.4 JUSTIFICATIVAS

Para o historiador britânico Eric Hobsbawn, entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendidas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global.

(...) Os Jogos Olímpicos (...) e as partidas internacionais foram realmente organizados com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas. (...) Entre as guerras, o esporte internacional tornou-se uma expressão de luta nacional, com os

esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi nesse período (...) que a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico e, como demonstrou o ano de 1936, que os Jogos Olímpicos se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de autoafirmação nacional. O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação (HOBSBAWN, 1990, p.171).

Segundo Dumont (1985), a nação “é duas coisas em uma; por uma parte, uma coleção de indivíduos, por outra, o indivíduo no plano coletivo, em face de outros indivíduos-nações”. Durante uma Copa do Mundo, a nação transforma-se em indivíduo coletivo que compete com ferocidade com suas congêneres. “Vive-se a experiência da identificação nacional, incorporada no desempenho do selecionado e em cada detalhe que o cerca” (GUEDES, 1995).

Como objeto de análise, pode se dizer que a sociologia do esporte do Brasil tem o futebol como seu objeto canônico. Apesar da existência de estudos que elegeram outras modalidades esportivas como objeto, é o futebol o esporte privilegiado como via de acesso à compreensão de nossas narrativas de identidade (s).

A identidade enquanto ideologia assenta no imaginário da comunidade, através dos significados, das metáforas, das imagens e das referências que são reproduzidos em discursos sobre a nação.

No Brasil, em especial, este ritual (Copa do Mundo) se potencializa, ganha as ruas, colore-as de verde-amarelo, geram-se expectativas, movem-se interesses, cria-se um “clima” entre país/seleção/torcedores/setores da sociedade. Como nos diz DaMatta (2006, p.92), em uma de suas crônicas, é quando:

“Amarramos as fitas do verde-amarelinho na antena do nosso carro, quando usamos a camisa da seleção, quando pintamos os muros que separam a nossa casa da dos vizinhos, fazendo a conexão essencial de todos com todos pelo desejo de ganhar, estamos focalizando a seleção de futebol”

Na literatura acadêmica foram encontrados estudos com temas próximos ao da nossa pesquisa como o de Fressa et al (2012)³, referente às vantagens e desvantagens da Copa do Mundo de 2014 a partir de uma pesquisa documental por meio de jornal impresso de circulação nacional. Além de muitos outros expoentes autores citados nesta pesquisa como: Helal (2001; 2010; 2011), Soares (2005), Cabo (2014), Guedes (2014; 2006; 1998; 1995), assim como, Gastaldo(2002; 2009), Pires (2006;2011;2012), Damo(2006) e de Roberto DaMatta (1982;1986;2006).

Todas as fontes citadas e utilizadas na pesquisa contam com releituras da Copa do Mundo no que concerne às identidades nacionais e à mídia e são muito significativas para a construção de nosso referencial teórico. Nossas fontes se basearam nestas perspectivas que serão mais aprofundadas ao longo da análise, além de demonstrar potencial de aproximação com a narrativa jornalística devido ao recorte temporal que contempla períodos que facilitam o entendimento das narrativas sobre a nação, buscamos analisar um panorama acerca dos megaeventos mais extenso além do já comumente pesquisado no campo acadêmico, sendo o 'antes, durante e depois' da competição.

2CAMINHOS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os estudos sobre a comunicação de massa fornecem-nos o suporte necessário para apreendermos como a mídia constrói um determinado entendimento da realidade (HALL, 2003).

O mundo é constituído por narrativas. O homem narra ao contar uma história, ao tirar uma foto, ao escrever uma música, ao conversar. As narrativas estão presentes o tempo todo e contribuem para a formação das nossas identidades. "A narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral

³FRESSA, L. G.; RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Vantagens e desvantagens da copa do mundo no Brasil: análise a partir do discurso do jornal Folha.com. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte (Online), v. 11, p. 107-124, 2012.

ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias” (BARTHES, 2009, p. 19).

De acordo com Motta (2013), narrar é uma experiência enraizada na existência humana. Elas são mais que representações, são estruturas que dão sentido e significação à vida humana. São relatos de acontecimentos. Elas recriam o passado, vivem o presente e o futuro. Para o autor, narrar é explorar na imaginação possíveis desenvolvimentos. É a metáfora ou releitura da realidade:

Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições. Estamos dando sentido à vida. Aquilo que incluímos ou excluimos de nossas narrações depende da imagem moral que queremos construir e repassar. Através das narrativas recobrimos nossas vidas de significação. Elas reiteram e confirmam o canônico, nomeiam e explicam o desviante, legitimam e estabilizam o mundo. Na narrativa, imitamos a vida; na vida, imitamos as narrativas (MOTTA, 2013, p. 18-19).

Os jornalistas exploram bem o discurso narrativo para causar efeito de sentido seja ele real ou emotivo. Entretanto, quando vamos analisar uma narrativa midiática é preciso preocupar-se com o processo como um todo e não apenas com o produto, como faz a narratologia literária. Fazer uma análise jornalística é o mesmo que perguntar como a história do presente está sendo construída. É recuperar o anterior e reuni-lo ao posterior para tecer os fios. É recuperar as expansões para trás e para frente da história.

Propõe-se então que a narrativa jornalística é um relato do acontecimento ou notícia. E sabendo que a “notícia é uma porta de entrada para a cultura” (LADEIRA MOTA, 2012), não se pode atribuir às narrativas jornalísticas apenas sua relação com a realidade pura, verdadeira e objetiva. Pelo contrário, sabemos que ela está impregnada de subjetividade mesmo quando tem o propósito principal de relatar os acontecimentos. É por isso que Ladeira Mota prefere a expressão “construções de significados da realidade” para caracterizar uma narrativa jornalística. E essa característica é fundamental para entender a importância do estudo das narrativas, já que o trabalho da narratologia é ir além do que está no texto. Ultrapassar os limites da produção, entrar no contexto da cultura, do processo histórico que está inserido, são caminhos que a narratologia propõe percorrer.

O fato é que as notícias estão imersas em metanarrativas que ligam a narrativa jornalística à cultura, a processos históricos e sua contextualidade. Assim, a análise interpretativa da narrativa sugere o melhor caminho para execução desta tarefa, já que com ela podemos desvendar a cultura, os estereótipos, as representações e os mitos de uma comunidade.

Considerado o mais antigo meio sistemático de difusão da informação, o jornal esteve presente, de diferentes maneiras, na própria construção da sociedade ocidental atual, desde o projeto de Modernidade. Além da divulgação de fatos da vida rotineira, alargando e incluindo a população em uma dinâmica cultural e de pertencimento.

Com o constante aperfeiçoamento tecnológico, a mídia impressa experimentou muitas transformações nos seus modos de produção e veiculação, além da companhia de novos meios de comunicação, notadamente os eletrônicos e digitais. Em vista disso, a despeito das muitas vezes em que se decretou o fim do jornal impresso, o mesmo tem conseguido se reinventar, estabelecendo novos parâmetros e retomando sua importância social (DINES, 2009).

Conforme este autor, o jornal, pela sua periodicidade diária, tem o poder de juntar notícias atuais que trazem uma breve contextualização para situar o leitor sobre o assunto, facilitando a compreensão por parte do público. Assim, o leitor tem a liberdade de “governar” a sua leitura, podendo dar maior prioridade a assuntos de seu interesse.

O jornal sempre teve o papel de formar opinião. Cada leitor, ao lê-lo, tem possibilidade de interpretá-lo diferente do outro, possibilitando-lhe filtrar a informação de uma maneira que o permita compreendê-la melhor. Na atualidade, a infinidade de informações circulantes em vários suportes implica que, mais importante do que a quantidade, é o fato de que a opinião pública selecione e discuta os temas considerados mais relevantes na agenda socialmente compartilhada (KUCINSKI; LIMA, 2009).

Nesse sentido, alguns jornais de maior densidade e credibilidade costumam ser considerados “formadores de opinião dos formadores de opinião”, entre os quais podemos incluir o jornal O Globo.

A metodologia do presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa documental de análise interpretativa. Foi utilizado como fonte deste estudo o jornal O Globo (Rio de Janeiro), em sua versão impressa.

Segundo a Associação Nacional de Jornais⁴, o Globo possui uma média de circulação de 267.542 mil exemplares por dia e é, atualmente, o terceiro jornal mais lido no País, constituindo-se, portanto, como um dos mais influentes periódicos da imprensa brasileira.

O levantamento das nossas informações e dados de pesquisa decorreu pela seleção, arquivamento e análise de reportagens da mídia impressa do jornal o Globo, de circulação diária e de abrangência nacional no período de 29 de maio de 2014 a 28 de Julho de 2014, período este que se refere aos 15 dias que procederam a Copa do Mundo, incluindo o período da realização dos jogos e os 15 dias que o sucederam.

Optou-se por analisar as reportagens, matérias e colunas de opinião relacionadas à cobertura da realização da Copa do Mundo que não estivessem diretamente arroladas à cobertura esportiva.

Neste contexto, havia uma seção do jornal o Globo que dedicava-se exclusivamente à cobertura da Copa, textos estes que foram trabalhados na nossa análise. Assim, os elementos analisados não serão de apreciação futebolística, mas aqueles relacionados às dimensões econômicas, políticas, geográficas, culturais, de sociabilidade, étnicos, organizacionais, turísticas dentre outros que podem se tornar relevantes no percurso de análise.

Tendo como objeto de análise os discursos da imprensa acerca da Copa do Mundo de 2014, a coleta de dados objetivou a seleção de textos que articulassem, explícita ou subjetivamente, a relação da apropriação de elementos simbólicos da cultura brasileira, as identidades brasileiras, presentes nestes discursos.

De acordo com o Infoglobo⁵ no período da investigação (Maio, Junho e Julho de 2014), a média de circulação do jornal foi de 200.492, 202.715, 203.595 exemplares, respectivamente, de segunda a sábado e de 281.135,

4anj.org.br

5<https://www.infoglobo.com.br/anuncio/circulacao.aspx> - Acesso em 29/04/2015 às 20:38h.

281.153, 281.500 exemplares aos domingos, demonstrando o elevado grau de alcance das edições.

Essa análise, conduzindo as descrições sistemáticas, sejam elas qualitativas ou quantitativas, auxilia na reinterpretação de mensagens, atingindo uma compreensão de significados em um nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999).

Asmatérias do jornal o Globo foram separadas e agrupadas, inicialmente, de acordo com as categorias delineadas a partir de diversos elementos de análise das interpretações do Brasil, sua identidade e cultura: organização, planejamento, controle, qualidade, segurança, seriedade, desorganização, indisciplina, falta de planejamento, falta de controle, desordem, falta de qualidade, alegria, espontaneidade, calor (ou falta de), malandragem, miscigenação, natureza, turismo, costumes e possíveis legados, categorias estas produtos da teoria mobilizada nesta pesquisa.

No decorrer da investigação, optou-se por um agrupamento que permitisse um quadro categórico mais conciso sem prejuízo da análise. Assim, trabalhamos com os polos da modernidade e tradição, os quais sob muitos aspectos se recompõem nas dicotomias entre natureza e cultura, organização e não organização e disciplina e não disciplina, sendo que este último inclui, também, as narrativas específicas das manifestações que ocorreram durante o período que precedeu e o período da realização do Mundial.

A análise contemplada aferiu no total 268 textos selecionados, incluindo neste quadro as matérias jornalísticas e os artigos de opinião dos colunistas do referido jornal. Segundo Pinto (1999) para realizar a análise foi importante levar em conta detalhes de superficialidade do texto, as pistas sociais inseridas no contexto e sua possível repetição ao longo do discurso jornalístico.

Uma vez que trabalhamos com a hipótese de que o desenrolar das atividades durante a Copa do Mundo poderia produzir efeitos sobre as narrativas sobre o país, criamos uma linha temporal que aperfeiçoasse o exame das informações. Assim, dividimos a análise nos períodos de antes da Copa (29 de maio a 11 de junho), durante (12 de junho a 13 de julho) e depois (14 de julho a 28 de julho) a fim de elucidar os pontos de análise com maior clareza e verificar se houve deslocamento dos discursos jornalísticos entre os polos de análise durante esse período investigado.

2.1 O ANTES: VAI TER COPA?

A preparação para a realização de um megaevento como a Copa do Mundo exige do país-sede elevados esforços de organização. Neste contexto, o avanço da infraestrutura para o esporte e de serviços públicos, como o de transportes e comunicações, por exemplo, tornou-se uma questão central, gerando um número significativo de matérias e comentários sobre a (in) capacidade de organização nacional.

De um modo geral, as notícias acerca do planejamento para a Copa, nos permitem vislumbrar alguns pontos em questão. De um lado, citações consideradas otimistas e afirmativas como aquelas que indicam as possibilidades ou a realização de obras e benfeitorias, com a modernização dos aeroportos, os investimentos em mobilidade urbana nas cidades-sede. A reforma e a construção de novos hotéis, incluindo-se a ampliação da oferta de quartos que estava prevista para superar a demanda. Tudo apontando, de maneira implícita ou explícita, no sentido da modernização.

Em contrapartida, também foram enfatizadas as falhas de segurança e conforto dos aeroportos, classificando-os como aeroportos "*made in Brasil*" - expressão esta que evidencia uma noção essencialista do que podemos fazer de modo depreciativo – e os atrasos visíveis das obras nas cidades-sede.

Foram veiculadas notícias que versavam sobre as dificuldades para as obras dos estádios, as polêmicas em torno dos orçamentos para construí-los, os problemas e percalços da mobilidade urbana, as dúvidas dos estrangeiros se o Brasil era um país seguro, além da infraestrutura dos hospitais no entorno dos estádios, superlotados, com obras inacabadas e a escassez de materiais e profissionais da saúde.

No momento pré-copa, entre a esperança em um futuro mais moderno e civilizado e a infraestrutura e serviços '*made in Brasil*', torna-se bastante destacada a característica de "deixar tudo para a última hora", enfatizando uma dificuldade com a disciplina e o planejamento e o caráter negativo do improvisado e do jeitinho. Esta narrativa é ilustrada pela quantidade de notícias encontradas versando sobre "atrasos" e "indefinições" e enfatizando o papel do governo

brasileiro na desorganização sobre o andamento das obras para a Copa do Mundo de 2014.

Sobre as obras de mobilidade urbana foi afirmado que havia deficiências, como o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) que em algumas cidades-sede não saiu do papel ou não foi finalizado configurando um atraso considerável nas obras, além dos altos custos que foram questionados.

Moradores, como em Manaus que festejaram a escolha para receber os jogos do Mundial, se queixaram do abandono das obras, afirmando que os benefícios para a cidade e a população não teriam sido concretizados, frustrando-os, como o BRT e o monotrilho. No entanto, em Belo Horizonte, o BRT/Move foi considerado a principal conquista da capital mineira como legado (Manaus, cidade-sede. Na torcida por um legado. O Globo. 02 de Junho de 2014, Pág.10).

Foram citadas também as obras dos estádios, como a do Beira- Rio e a revitalização do seu entorno que seriam os principais legados deixados para a cidade de Porto Alegre, apesar de obras importantes terem ficado pelo caminho. Em contrapartida, os atrasos nas obras na Arena da baixada em Curitiba quase impediram a capital paranaense de receber quatro jogos do Mundial (Curitiba, cidade-sede. Pressão para não receber cartão vermelho. O Globo. 06 de Junho de 2014. Pág.14).

Já sobre Recife afirma-se:“O maior legado da Copa está em Pernambuco, além da construção da Arena Pernambuco, um estádio de padrão internacional, esses recursos foram empregados em obras para garantir a mobilidade urbana. Sem a Copa, dificilmente essas obras teriam novas linhas de financiamento para a sua execução” (Recife, cidade-sede. O Globo. 09/06/2015. Pág.10).

O Estádio do Maracanã, palco da final, recebeu 1,2bilhão em investimentos para ganhar o ‘padrão FIFA’, mas “ainda antes da Copa estava longe da tão anunciada transformação em complexo de entretenimento, com bares, lojas e estacionamento”. Havia a preocupação dos moradores com os possíveis transtornos em dias de jogos. Porém, “os residentes comemoraram a revitalização da área no entorno do estádio que ganhou um “*upgrade*”, um legado que muitos já aproveitam” (Rio, cidade-sede, O Globo, 08 de junho de 2014, pág.14).

Como seria esperado, não são apenas nas matérias jornalísticas que se observa a preocupação com o ritmo e a qualidade da preparação. E, se nas matérias por vezes se qualifica negativamente a obra ou serviço como tipicamente nosso (“*made in Brazil*”), outra noção recorrente da nacionalidade, o imprevisto, torna-se visível.

A copa econômica se ganha em vários campos, e estamos perdendo. Ela deveria aumentar o ritmo de crescimento e elevar o ânimo. Ocorre o oposto. Não estamos eliminados ainda, mas **há pouca chance de se aproveitar o momento para retocar a imagem de país de imprevisto**. A bola começará a rolar esta semana e estaremos diante dos olhos do mundo. Ainda há esperança. Ficar no foco do planeta não serve apenas para aparecer bonito na foto. A hora é de atrair capitais e turistas para além do tempo dos jogos. Os aeroportos não estão terminados, ainda batem o martelo no estádio da estreia, a rede de comunicação celular no país parece perto do colapso, os provedores de *wifi* não entregaram o que prometeram e a mobilidade urbana travou. Imagina a ampliação da mensagem adversa sobre o país que pode ser enviada pelos formadores de opinião? (LEITÃO, MIRIAN⁶. Os campos da Copa. **O Globo**. p.38, 08 jun. 2014). Grifo nosso

Esperava-se que a Copa servisse como uma “vitrine para o mundo”. A questão da imagem do Brasil articulada à realização da Copa do Mundo é tão proeminente que o Ministério do Esporte lançou o *Plano de Promoção do País – A Copa do Mundo Fifa 2014 como plataforma de promoção do país*⁷ em que se instituiu uma mensagem única do governo para esse grande evento de mídia nacional e internacional que será a Copa. Os atributos que se quer agregar à imagem do país estão, portanto, fixados em duas frases: uma para o país, “vamos celebrar nossas conquistas e demonstrar nossas capacidades”; outra para o exterior, “o Brasil está pronto para encantar o mundo”. O futebol e todo o *marketing* que vêm junto com a Copa do Mundo representam uma oportunidade para o governo investir em um projeto de valorização da imagem do país que potencialmente contrastaria com as incertezas em relação aos feitos e à capacidade de fazer nacionais, que são a tônica nos discursos sobre o país no momento.

⁶Miriam Azevedo de Almeida Leitão é uma jornalista e apresentadora de televisão brasileira. Atualmente ela apresenta o GloboNews Miriam Leitão e faz comentários no Bom Dia Brasil e na coluna *Panorama Econômico* de O Globo .

⁷ Disponível em http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/plano_promocao_brasil.pdf. Acesso em: 11/10/2014.

Todavia, neste contexto, a luta pela produção de uma determinada imagem do Brasil é visível, uma vez que de vitrine para vender o país, a Copa também se transformou em plataforma para reverberar lutas políticas e sociais. A colunista Helena Celestino verbaliza esta luta dramatizada no título da coluna (Brasil, vitrine ou vidraça?) e ao mesmo tempo o próprio papel da mídia na construção de uma determinada realidade.

É isto que estamos vendo agora no Brasil: cada vez mais lutas vão se colando na Copa em busca de visibilidade internacional (...). Em nome do legado urbano, cometeram-se ilegalidades e protestos explodiram(...). Enquanto isso, a imagem do Brasil foi pautada pela exposição cotidiana de nossas mazelas nos jornais do mundo. Ontem, por exemplo, a denúncia era a violência policial contra as prostitutas em Niterói, onde cem delas teriam sido presas e muitas estupradas pelos policiais(...). É tudo verdade. Só que durante as Olimpíadas de 2012, uma multidão de “comunicadores” estava a postos para passar pautas sobre as graças e os prazeres da vida em Londres. Muito poucos foram procurar os bairros pobres para contar os conflitos com imigrantes, mas lembraram as origens de James Bond na velha Londres e descobriram a nova gastronomia inglesa. Já aqui a gente faz discurso contra jornalista(CELESTINO, HELENA⁸. Brasil, Vitrine ou Vidraça? **O Globo**.p.34, 04 jun. 2014).

No que tange à expectativa em receber o Mundial, apesar dos percalços e comentários desvantajosos à realização do mesmo, a preocupação com o desperdício do dinheiro público e a possível transformação das obras, após a realização do Mundial em verdadeiros “elefantes brancos”⁹, a cobertura jornalística também começa a narrar a preparação para a Copa com um prisma positivo. Em Manaus “A cidade começa a se enfeitar e mostrar um clima de receptividade. A expectativa é atrair mais estrangeiros após o Mundial, explorando o potencial turístico da Amazônia.” (Manaus, cidade-sede. Na torcida por um legado. **O Globo**. 02/06/2014. Pág.10). “Em Salvador, apesar dos atrasos das obras, a população mostrou-se animada para o evento. A arena da Fonte Nova foi a primeira arena do país a obter o nível prata de certificação internacional LEED-selo que identifica o empreendimento como sustentável”. Como informa o jornal, na pesquisa que sondou o nível de desinteresse da

⁸Helena Celestino, jornalista, autora da coluna “volta ao mundo” do jornal **O Globo**

⁹ Nome dado a construções enormes que servem apenas para um evento e depois ficam inutilizadas

população brasileira em relação ao Mundial, Salvador (junto com Fortaleza) foi a cidade que se mostrou mais interessada nos jogos (Salvador, cidade-sede. O Globo. 04 de junho de 2014. Pág.09)

Às vésperas da abertura da Copa, o 'país do futebol' tem sentimentos contraditórios em relação ao torneio. Ao mesmo tempo em que torcem pelo sucesso dos jogos, os moradores das 12 cidades-sede acham que a competição trará mais prejuízos do que vantagens ao país. O pessimismo é causado por vários fatores: os brasileiros citam como pontos negativos a falta de verba para a saúde e educação, o baixo investimento em segurança pública e desvio de dinheiro público na realização do Mundial. Em relação à preparação da infraestrutura, uma das piores avaliações ficou para o setor do transporte público. Em todas as cidades-sede, a maior parte da população considera que a Copa será importante para valorizar o país no cenário internacional, mas segundo o Ibope, a pesquisa mostra que prevalece o "complexo de cachorro vira-latas". Nem todos acham que o brasileiro está preparado para receber os turistas (Bola dividida. O Globo. 11/06/2014. Pág.10).

Por outro lado, para a maioria dos entrevistados, de forma contraditória, "a Copa contribuirá para o brasileiro ter mais orgulho próprio, o orgulho de ser brasileiro". De certo modo, tais resultados vão ao encontro das posições teóricas de Roberto DaMatta, vistas anteriormente neste estudo e que ele mesmo reafirma em coluna em O Globo.

A partir de 1950, o futebol consolidou o Brasil como dono de uma invejável cronologia futebolística. **Foi o futebol que- ao lado da Bahia de Jorge Amado, do cinema de Glauber Rocha e Cacá Diegues e da bossa nova de Tom Jobim- nos tirou da vala com um de um povo sem mapa, para nos reordenar num lugar superior no tal "concerto das nações"**. Para nós, pentacampeões, **a taça da vitória** que hoje é um pesado troféu, um tanto cafona na sua ostentação aurífica, **seria a prova de que o nosso sangue mestiço é nobre, e não o testemunho de fatal inferioridade**. Ganhar a Copa no Brasil, em pleno território nacional, portanto, resgataria a tal prosperidade e a santa paz prometida pelo velho populismo esquerdista que, cada vez mais corrupto e dissimulado, tem desonrado muita coisa. Menos-assim espero- o futebol (DAMATTA, ROBERTO¹⁰. As Copas do Brasil e as Copas no Brasil. **O Globo**. p.23,11 jun. 2014.). Grifo nosso

¹⁰Roberto Augusto DaMatta é um antropólogo, conferencista, consultor, colunista de jornal e produtor brasileiro de TV.

O evento em si motiva uma grande cobertura jornalística que tem necessariamente como cenário diversos lugares do país, sendo assim, a Copa foi considerada como “alavanca para o turismo no Brasil”, “podendo alcançar um novo patamar na rota turística internacional”, estando o Brasil “na vitrine do mundo” e “se a Copa do Mundo é uma lente de aumento tanto para as qualidades como para os problemas do país-sede, os correspondentes internacionais são os que podem projetar esta ampliação pro mundo.” (Correspondentes redescobrem o país. O Globo. 01/06/2014. Pág.14).

As narrativas desta redescoberta do Brasil podem ser consideradas como o ponto de inflexão da visão pessimista para a visão otimista do Brasil e suas qualidades. De fato a análise da cobertura jornalística demonstra um uso ambivalente das imagens e narrativas: “A poucos dias do início das partidas, muitos correspondentes já derrubaram estereótipos que limitam a imagem do Brasil a um país de favelas, belezas tropicais e carnaval. O Brasil é mais complexo do que o país do futebol, do samba e das belezas naturais.” (Correspondentes redescobrem o país. O Globo. 01/06/2014. Pág.14).

Por outro lado, a favela (pacificada), antes um dos estereótipos que limitam a imagem do Brasil, torna-se um exotismo atraente. Amplamente citadas, as comunidades pacificadas do Rio de Janeiro (Pavão-Pavaõzinho, Cantagalo e Vidigal) se tornaram alvo de turistas. “O cotidiano das favelas, sua peculiar topografia e, em alguns casos, a vista deslumbrante são alguns dos trunfos.” (“*Bed and breakfast*” nas comunidades. Para 'gringo' ver e ficar. O Globo. 04/06/2014. Pág.08).

Ainda no Rio de Janeiro, “Os turistas já estão maravilhados com a vida noturna da cidade. Vida noturna, Maracanã, Lapa, gastronomia, igrejas, são locais que deixaram turistas encantados”. O que rendeu comentários do tipo: “me deslumbrei com a beleza do cenário”; “achei que não fosse me sentir segura por causa das notícias de crimes e protestos, mas me sinto bem, estou gostando muito” (Na Lapa, turistas aprendem que a noite é uma criança. O Globo. 11/06/2014. Pág.14).

Em contrapartida a estas narrativas idílicas de encontros entre turistas e os (bons) nativos, a expectativa de períodos violentos preocupava como uma ameaça à “boa imagem do país”. Dados sobre a violência foram lançados,

como o Mapa da Violência de 2014 que afirmava das 12 capitais brasileiras que sediaram os jogos, sete tiveram aumento no número de assassinatos na última década. (Violência preocupa em todas as cidades-sede: Foco do reforçopolicial estará nas áreas centrais e turísticas. O Globo. 01 de Junho de 2014. Pág.15). Para tal situação, foi feita segurança máxima nas ruas, “Militares assumem policiamento de estradas, aeroportos, hotéis e centros de treinamento” (Segurança máxima nas ruas. O Globo. 09 de Junho de 2014. Pág.06).

A greve dos metroviários em São Paulo, palco da abertura da Copa também foi bastante noticiada: “na cidade da abertura, greve no metrô paralisa SP. Quatro milhões de passageiros ficam sem transporte e até dirigentes da FIFA penam no engarrafamento. Ministro da Justiça apela para o patriotismo, afirmando que poderá ajudar a reduzir os protestos dos metroviários de SP e de outras categorias em campanha de reajustes”. “Vão entender que é necessário projetar uma boa imagem do país” (Na cidade da abertura. Greve no metrô paralisa. O Globo, 06 de Junho de 2014. Pág.13).

Desde a Copa das Confederações de 2013, presenciamos no cenário brasileiro, inúmeras manifestações populares, algumas das quais entre as maiores da história do país. Nas Manifestações de Junho de 2013, havia como reivindicação um fator central e inicial: o aumento das passagens de ônibus.

Porém, logo em seguida, surgiram muitas outras pautas reivindicatórias – como sabemos, algumas delas em completa oposição aos gastos e a realização da Copa do Mundo no Brasil. Neste contexto, as frações mais radicais dos movimentos adotaram o lema “não vai ter Copa”, enquanto outros pediam, de maneira irônica, escolas e hospitais no “padrão FIFA”¹¹.

Após os eventos de 2013, havia uma tensão em torno da possibilidade do caos que poderia se instaurar nas cidades-sede durante a realização dos jogos do Mundial de 2014. Havia medo, apreensão acerca da possibilidade de atos violentos, a crença de que nada poderia dar certo, além da revolta em torno dos gastos excessivos nas obras do Mundial e as polêmicas de corrupção da entidade organizadora do evento, a FIFA e o governo brasileiro.

11 Uma referência crítica e irônica as exigências da Fifa quanto às características dos estádios para a Copa do Mundo, as quais obrigaram ao dispêndio de elevadas quantidades de dinheiro na construção e reforma dos estádios.

O discurso ensejado pela mídia tinha como base a segurança, “nos poucos dias que restam para o início da Copa do Mundo, o Rio tem assistido ao fenômeno da multiplicação das manifestações”, a força e o poder, como se pode ler nestes exemplos: “se for necessário, lançaremos mão do uso progressivo da força”, “forças armadas terão quatro mil homens em São Paulo”, “vamos reforçar o efetivo de Polícia Federal nos dois aeroportos, o policiamento extra vai contar também com homens das polícias Militar e Civil”, “Marinha deve pôr bateria de mísseis antiaéreos no alto de prédio na Tijuca” (Vias nem tão públicas. O Globo. 31/05/2014. Pág.12).Foram veiculados diversos trechos e pesquisas que demonstraram a opinião dos brasileiros e a posição sobre os protestos.

“A maioria dos cariocas não vai a protesto e quer ver a Copa”. “Pesquisa aponta que até quem é contra o Mundial planeja assistir aos jogos. Torcida ainda silenciosa”. Apesar da decoração tímida das ruas, maior parte dos cariocas é a favor do Mundial; 84% dos cariocas entrevistados afirmam que vão assistir aos jogos. É grande também a proporção daqueles que não pretendem participar de manifestações: 88,2%. Para 67%, a população deve “torcer para a seleção”, “receber bem os turistas”, ou “fazer do mundial uma festa; “As pessoas estão com vergonha de decorar as ruas por conta das reações” (O Globo, 01/06/2014).

Apesar do foco evidente no Rio de Janeiro, sede do jornal, O Globo também relata as mobilizações e protestos em Salvador (04 de junho 2014), Curitiba (06 de junho de 2014),Belo Horizonte (07 de junho de 2014). Em todas elas, narra-se a baixa adesão aos protestos.

Neste ponto, as colunas de opinião revelam posições divergentes quanto à relação do futebol brasileiro (e da seleção nacional) como elementos da cultura popular para a positividade da identidade nacional tendo como pano de fundo as manifestações populares de 2013 e o medo de novas manifestações durante a Copa. Alguns colunistas como o cineasta Caca Diegues compartilham as posições de Roberto DaMatta, como é possível ler abaixo.

O que era pra ser uma agradável e divertida expectativa de festa acabou se tornando pretexto para conflitos que já levaram às ruas multidões cheias de ira cívica e contagiante mau humor(...) É um disparate construir estádios no meio da Floresta Amazônica, em cidades cuja final de campeonato local raramente passa de cinco mil

espectadores, "arenas" que nunca mais servirão para nada. Não se pode "baixar o cacete nos vândalos", como aconselhou Ronaldo Fenômeno; mas alguém precisa explicar a nossos manifestantes selvagens que os grandes proprietários do capitalismo brasileiro não andam de ônibus, não precisam de caixas eletrônicas, não usam telefone público. Para mim, vai ter Copa, sim. **Ela é o orgasmo que temos hoje à disposição em nossa casa, o momento em que nos sentimos outra vez uma nação depois de desapontamentos recentes, depois de tanta conversa fiada sobre nosso futuro.** Além de pagar pela festa da Fifa, ainda tivemos que aceitar sem piar o neocolonialismo cultural da turma de Blatter e Valcke, que diz o que devemos fazer com nossos costumes. Foi desse modo que acabaram com o Maracanã, permanente festa popular, cultura profunda de vozes e corpos que criavam unidos um raro sentido de pertencimento (DIEGUES, CACA.¹²O prazer da Copa. **O Globo**. p. 18, 31 mai. 2014). **Grifo nosso**

Outros, como o escritor Arnaldo Bloch, tem posição diversa,

Quem gosta da Copa, quem quer torcer, quem quer pintar a rua, vestir verde-amarelo, é um pária, um traidor da classe média sacrificada, carece ser patrulhado, ou até agredido. Nesse campo de batalha fragmentado, vive-se um suspense jamais visto, a ponto de se ter dúvidas sobre se a Copa acontecerá ou não. É útil observar que a FIFA tem razão ao dizer que a "culpa das manifestações" é do governo. Não há uma Copa paralela, só há a Copa da FIFA, se quiser a Copa das Copas vai ter que lambe as botas do Blatter. **O discurso de que a seleção é "patrimônio" do Brasil, salvaguarda da afirmação da identidade e da civilidade e da cordialidade, isso ninguém engole mais.** *O Brasil se transforma* (BLOCH, ARNALDO.¹³ A Fifa das Fifas. **O Globo**. p.19, 31 mai. 2014). **Grifo nosso**

Neste contexto, o estereótipo do futebol como ópio do povo pode ser visto de uma maneira romântica, como por Rosiska Darci de Oliveira (Festa. **O Globo**.p. 20, 21 jun. 2014)

Passada a Copa, é provável que encontremos intactos o desencanto e o mau humor, razão a mais para valorizar esse tempo de alegria. Seremos campeões? Não sabemos. Tomara. O melhor do futebol é a alegria de torcer. Essa Copa vem sendo uma festa vivida nos estádios, nas ruas e em cada casa onde se reúnem os amigos para misturar ansiedades. A cidade grita, nunca tinha visto uma cidade inteira, um país inteiro. Em tempos de justificado desencanto e legítimo mau humor, precisamos muito dessa alegria que se estende noite adentro nas celebrações e na confraternização das torcidas. Pelé ou Neymar, esse menino serve de espelho às esperanças de um povo inteiro a quem o futebol oferece uma oportunidade-rara, quase

¹²Carlos Diegues, mais conhecido como Cacá Diegues, é um premiado cineasta brasileiro. Foi um dos fundadores do Cinema Novo.

¹³ Arnaldo Bloch, escritor e colunista do jornal o Globo.

única- de se sentir o melhor do mundo(OLIVEIRA, ROSISKA DARCY¹⁴. Festa. **O Globo**.p. 20, 21 jun. 2014).

Ou como algo negativo e atrasado e que necessita ser superado, como foi abordado pela escritora Martha Medeiros, na matéria editada sobre a cidade-sede Porto Alegre no dia 03 de junho de 2014. Segundo esta escritora a Copa proporcionou ao menos uma mudança histórica no país, gerou indignação em quem considera os gastos com estádios e com obras de mobilidade desnecessárias; “foi bom sair do oba-oba de que basta sermos bons de bola, craques na música e termos samba no pé que tudo será resolvido”.

Uma terceira posição, certamente diferente, é aquela apresentada pelo cientista social Martin Curi. Em coluna publicada em O Globo, o autor chama a atenção para a transformação dos estádios em arenas como uma espécie de violência simbólica contra o modo de ser dos torcedores brasileiros. Nesse processo o autor estabelece uma diferença identitária ‘para fora’ a partir do estabelecimento de uma unidade ‘para dentro’, o “torcedor brasileiro” que bebe cachaça, se confraterniza, dança e canta.

[...]Claro que vai ter Copa. As manifestações serão menores, muito do conteúdo se esvaziou com a violência. Os brasileiros reclamam da organização, mas em relação ao evento esportivo a grande euforia já está aqui, todo mundo que eu conheço pediu ingressos, todo mundo quer ver os jogos e se o Brasil ganhar vai ter festa. "Os estádios estão perdendo a sua alma?": Com certeza. Os estádios são como um lar para as pessoas, um lugar que você conhece, onde encontra seus amigos. Estive no Machadão, em Natal, no clássico entre América e ABC, poucos dias antes de ser derrubado para virar Arena das Dunas. As pessoas bebiam cachaça, tinham um bar cheio de flâmulas do mundo todo. Isso acabou. A comida agora é feita por uma empresa, sem sabor, dentro de um plástico, estéril. "Torcedores são iguais em qualquer país?": Há grandes diferenças. A expressão dos torcedores brasileiros nos estádios é muito mais dança e música. Acho surpreendente que exista uma tendência no Brasil, quase uma guerra, de acabar com as formas tradicionais de torcer nos novos estádios. Essa é uma coisa que a Alemanha fez em sentido contrário. Preservam-se as gerais e as torcidas organizadas, o que levou a um campeonato com a maior média de público do mundo (CURI,

¹⁴Rosiska Darcy de Oliveira é uma jornalista e escritora brasileira, membro da Academia Brasileira de Letras, desde de 2013. Bacharel em direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Obteve o doutorado na Universidade de Genebra. É professora da PUC-RIO.

MARTIN¹⁵. A grande euforia já está aqui". **O Globo**. p. 02,09 jun. 2014).

Como todo grande evento dentro de um megaevento, as manifestações tomaram conta dos noticiários e do cotidiano dos jornalistas, inclusive dos estrangeiros.

As manifestações ficaram muito claras como um momento em que o povo brasileiro gritou "não somos estúpidos!". "Eu (jornalista francesa) vim para falar da cultura do Brasil, e o futebol faz parte disso. Então, a Copa me interessa. Porém, como um momento em que brasileiros dizem o que querem, não pelo futebol em si. O Brasil é definitivamente um país de contradições e elas precisam aparecer para o mundo (O Globo, 01 de junho de 2014).

De fato, só resta a grande imprensa reconhecer que "O Mundial trouxe o despertar da nação de chuteiras para os problemas que ocorrem fora dos gramados"(O Globo, 01 de junho de 2014).Apesar dos esforços governamentais o "momento pré-Copa não fez bem à imagem do país" (Padrão Brasil. O Globo. 29 de Maio de 2014. Pág.04).

As narrativas e interpretações sobreos eventospré-Copademonstram a presença de uma leitura a respeito de uma possível mudança conceitual da identidade brasileira,mais complexa, multifacetada e, portanto, menos redutível a elementos tradicionais e totalizantes como seria o futebol em algumas de suas interpretações mais clássicas.

[...] Vai ter Copa, e minha camisa do Brasil já está separada. O fato de confrontarmos os investimentos no esporte chamado de paixão nacional com a situação do ensino público é um sinal positivo que estamos amadurecendo e, aos poucos, colocando as prioridades em seus devidos lugares.É hora mesmo de cobrar um padrão alto de qualidade na educação. Para todos(GOIS, ANTÔNIO¹⁶. Efeito Maracanã. **O Globo**.p.26, 09 jun. 2014).

Imagino o que acontecerá se o Brasil perder a Copa. Será que o povo vai ficar ganindo e chorando, como os vira-latas de 1950? E se ganhar, as ruas vão ficar lotadas de patrioteiros *pitbulls* latindo de euforia, como em 1958, 1962, 1970? Ouso prever que não vai acontecer nem uma nem outra. **Desconfio que o Brasil já não depende mais de futebol para ser feliz ou infeliz de 4 em 4 anos. Ainda bem. O complexo de vira-lata acabou faz tempo e está mais do que na hora de acabar com o complexo de "melhor do mundo"**. Bola pra frente. E, antes que eu me esqueça, a melhor frase

15 Martin Cristoph Curi Spörl, Antropólogo e escritor alemão, professor visitante da UERJ.

16 Antônio Gois é colunista do GLOBO e comentarista do Canal Futura de educação, tema que cobre desde 1996.

de Nelson Rodrigues é "toda unanimidade é burra" (TÉRCIO, JASON¹⁷. Vira-lata, mas sem complexo. **O Globo**.p.19, 10 jun. 2014).**Grifo nosso**.

Já se foi o tempo em que a vitória ou derrota da seleção era vivenciada como derrota ou vitória de projetos de nação brasileira. Isto é positivo e pode ser entendido como o resultado da consolidação da democracia e de uma maior organização da sociedade civil. Um espectro parece rondar o país: o silêncio em relação à Copa. Qual a razão deste silêncio? Por que os brasileiros não parecem motivados com o evento? Por que as ruas não estão enfeitadas como em outros Mundiais? No momento em que a maioria silenciosa se percebe como maioria, o entusiasmo deve voltar. Apesar de que não será mais com o ufanismo de antigamente. Neste sentido, o Brasil mudou, e para melhor. Os quase 30 anos de regime democrático proporcionaram certo amadurecimento político da população. **A seleção ainda pode ser vista como a pátria de chuteiras em períodos de Copa do Mundo, mas o sentido simbólico deste epíteto não tem mais força que tinha no passado.** Os resultados da seleção em Copas não mais transcendem o universo esportivo. Hoje, ficamos tristes quando perdemos e celebramos quando vencemos, mas sabemos que o país não vai ficar pior, ou melhor, por conta disso. Segundo, se refletirmos um pouco, observaremos que o interesse brasileiro pela seleção vem declinando nas últimas décadas. **Por conta de uma série de fatores como a globalização, o declínio dos estados-nações no mundo, o êxodo dos nossos melhores jogadores para a Europa e, com isso, a desterritorialização do ídolo, a pátria de chuteiras já não contém mais o mesmo sentido que tinha na época em que o dramaturgo e cronista esportivo Nelson Rodrigues dessa forma alcunhou nossa seleção.** O torcedor de hoje torce mais para seu time de coração do que pela seleção. Algo ocorreu durante a Copa das confederações que está afetando este momento. As diversas manifestações que tomaram as ruas do país demonstraram a insatisfação da população com a política do país e resultaram de imediato, na prisão de um deputado, na transformação da corrupção em crime hediondo e na retirada de uma proposta de emenda constitucional- a PEC 37. Além disso, elas geraram também alguns questionamentos sobre a relação do brasileiro com a seleção e a política. Um deles dava a entender que quem gosta de futebol e torce pela seleção seria um alienado político, um sujeito contra as manifestações. Uma coisa não exclui a outra (HELAL, RONALDO¹⁸. Uma nova pátria de chuteiras. **O Globo**. p. 21, 12 jun. 2014).**Grifo nosso**.

17 Jason Tércio é autor de vários livros, entre eles *A Pátria que o Pariu e Órfãos da Tempestade* (Objetiva). Como jornalista, trabalhou para BBC de Londres, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Movimento*. Organizou uma coleção de livros de crônicas de José Carlos de Oliveira, e já publicou contos em antologias, jornais e sites literários. Também é tradutor e ganhou vários prêmios

18 Ronaldo George Helal, possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1980), graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979), mestrado em Sociologia - New York University (1986) e doutorado em Sociologia - New York University (1994). É professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Neste momento da análise, é possível delinear uma tendência entre os colunistas como comentaristas e intérpretes do momento, de um esforço em mostrar um país mais maduro entre emoção e razão. Entre a permanência do “homem cordial” de S. B. Holanda e racionalidade característica da modernidade ocidental. O futebol, a seleção e a Copa estariam perdendo sua condição de englobar nação, povo e sociabilidades. Isto parece significar um caráter mais delimitado da “pátria de chuteiras” como condição de afirmação de nossa autoimagem enquanto povo, sociedade e cultura.

2.2 O DURANTE -DUALIDADES DA COPA: DAS DÚVIDAS E ELOGIOS AO SUCESSO E O VEXAME

Enquanto que para muitos colunistas, a complexidade da sociedade brasileira fez com que a seleção deixasse de ser um ícone privilegiado de identidade nacional, para outros, mais ligados à economia, numa Copa que começou sob o medo de protestos e o constrangimento diante do atraso das obras, o choque de autoestima que seria proporcionado pelo hexacampeonato é o ponto mais citado quando a discussão gira em torno dos efeitos do Mundial sobre a economia.

Todavia, esta relação não é expressão de posições ingênuas. Todos alertam que, passada a euforia após uma eventual conquista, os gols não ajudariam o país a crescer. “Se o Brasil ganhasse, aumentaria a confiança até para empresários investirem”. Depois voltaríamos à realidade, aos juros altos. Se perdermos, o pessimismo retornará com força maior (Se a seleção for bem, a economia vai também. O Globo. 15 de Junho de 2014. Pág.25).

De qualquer modo, os padrões de referência comparativa, por vezes são claros, evidenciando a presença da relação tradição / modernidade nos esquemas comparativos. Solicitado a comentar os efeitos da Copa para a economia brasileira, um consultor da ONU entrevistado para O Globo afirmou que a Copa é muito boa para o país, mas é apenas uma festa. “Não transformará o Brasil numa Alemanha”. (Consultor da ONU diz que maior ganho é a exposição. O Globo. 15 de Junho de 2014. Pág.25).

Como vimos anteriormente neste estudo, as identidades se definem por posição e escolhas. Neste contexto, a ideia de que a seleção possa ser uma metáfora do país e a Copa do mundo uma metáfora do sistema internacional, são atraentes demais para não serem usadas por economistas com insuspeitos dotes sociológicos que foram convidados a escrever para O Globo.

O Mundial nos ensinou sobre globalização, esse monstro de mil faces e vilanias, que, contudo, se apresentou em uma encarnação encantadora. São diversos os impactos econômicos da Copa, e os mais importantes não têm propriamente a ver com o PIB ou com os empregos e os feriados, mas pertencem ao campo do simbólico. **É incomensurável o poder de representação que possui o futebol, um retrato tão rico quanto amargo, como diz o mestre Roberto da Matta, da maneira pela qual o país sabe organizar o seu talento e seus valores dentro e fora do campo.** São quatro, ao menos, as lições. Um jogo tão simples quanto apaixonante mobilizou rigorosamente todo o planeta, equalizando grandes potências e pequenos países subdesenvolvidos, bem como seus torcedores. Nenhum outro evento ou empreendimento, com exceção do comércio internacional, tem este alcance. Como não fazer parte desse conjunto? Por que o Brasil é tão fechado e infenso ao intercâmbio comercial com outros países? Como anfitriões, aprendemos que o evento vai bem além do que se passa dentro de campo. São milhares de peregrinos torcedores, paramentados com suas cores nacionais e nos oferecendo uma lição inesquecível de tolerância e fé no gênero humano: o contato com outras civilizações não dilui a nacionalidade e pode se tornar uma celebração da diferença, especialmente quando todos se misturam sob o signo do respeito às regras, como é próprio desse jogo e das relações internacionais. Nosso orçamento público está precisando de uma vasta reforma, a partir da qual receitas, despesas e dívidas fiquem subordinadas a normas claras de sustentabilidade. Em resumo, o legado econômico da Copa poderá ser muito rico se tivermos o descortino de tirar o devido proveito dos erros e dos acertos, sem as fanfarrônicas (FRANCO, GUSTAVO¹⁹. A Copa e a economia. **O Globo**. p. 35, 06 jul. 2014). **Grifo nosso.**

Enfim, iniciada a Copa, a ideia de “festa nacional” torna-se chave para identificar um dos eixos da cobertura da Copa do mundo, como se pode observar título e textos de matérias. “Clima de festa invade da praia à montanha”(O Globo. 12 de Junho de 2014. Pág.10). "Nem todas as ruas estão tomadas de verde e amarelo em SP, outras correm contra o tempo para se enfeitar, mas não faz mal, porque a festa agora já é bem mais colorida. Ao contrário do que aconteceu em Copas passadas, as cores brasileiras ainda não dominaram São Paulo. Só a um dia da estreia da seleção, em partida na

19 Gustavo Franco é economista e ex-presidente do Banco Central do Brasil

cidade, é que bandeiras são desfraldadas e pinturas começam a ser feitas; falta de entusiasmo da população adiou a mobilização verde-amarela” (Cidades-sede em festa. Mistura de todas as cores. Nas capitais, verde-amarelo se junta aos tons das bandeiras trazidas por estrangeiros. O Globo. 12 de Junho de 2014. Pág.08).

Como se poderia esperar, o carnaval é o referente importante nas narrativas da festa da Copa. “Brasileiros e estrangeiros confraternizaram juntos em várias cidades, como se fosse um carnaval fora de época. Muitos estrangeiros adotaram o verde e amarelo” (Alegria verde-amarela. Começa a Festa. O Globo. 13 de Junho de 2014. Pág.08). “No coração verde e amarelo, a alegria que deu de goleada. Torcedores de todo o país usaram o verde e amarelo para colorir ruas e praças enquanto a bola rolava na estreia do Brasil. De Manaus a Rio, passando por São Paulo, o que não faltava era animação. Da expectativa da festa, há sete anos esperada, à tensão dos primeiros momentos; do entusiasmo em ver os jogadores em campo à decepção do primeiro gol do adversário, a partida do Itaquera foi um teste de nervos para os brasileiros” (Torcida de emoções à flor da pele. O Globo. 13 de Junho de 2014. Pág.09).

A mídia estrangeira se esforçou para entender abertura da Copa, que teve alegria e raiva nas ruas do país. O "*Financial Times*" resumiu dizendo que a Copa começava no Brasil entre a "alegria e a raiva". Citando a greve dos aviários, a invasão por *hackers* de sites do governo e o conflito entre policiais e manifestantes em SP, o jornal britânico publicou: "apesar dos incidentes, a excitação começou a tomar conta do país fanático por futebol". O francês "*Le Figaro*" noticiou que o principal conflito em SP ocorreu após manifestantes "tentarem bloquear uma avenida que ia em direção à Arena Corinthians, onde é o jogo entre Brasil e Croácia". Sobre a abertura da Copa, o "*El Mundo*" destacou que Dilma foi vaiada por "milhares de torcedores". *The Wall Street Journal* afirmava que manifestações de SP acusavam a polícia de usar força excessiva para conter um pequeno grupo. O britânico "*The Guardian*" comemorou quando o espetáculo acabou, mas fez deboches enquanto acontecia (Cobertura estrangeira, entre a paixão e os protestos. O Globo. 13 de Junho de 2014. Pág.15).

Evidentemente o esforço de explicar o ‘momento’ do Brasil aos estrangeiros é também um esforço de explicá-lo aos brasileiros acionando narrativas de identidade e pertencimento. Neste contexto, a cerimônia de abertura como um ‘dever-ser’ de celebração da cultura nacional e o momento do hino nacional, cantado até o final, apesar do corte de som nos estádios são seriamente discutidos e teorizados.

“A Copa é um ritual coletivo de expressão da nacionalidade. Falar de Copa é lidar com aspectos muito profundos da identidade nacional. É o nosso quatro de julho (dia da independência dos EUA)”- explica Edison Gastaldo.

Para o jornalista Zuenir Ventura “Abertura foi cafona e ‘chinfirim’, considerando que o Brasil, com festas como o carnaval e Parintins, já ensinou ao mundo como realizar emocionantes espetáculos”(Comendo o adversário. O Globo. p.19, 14 jun. 2014). Já para a educadora Rosiska Darci de Oliveira,

A centralidade do futebol na vida dos brasileiros é razão de sobra para vivermos este mês em estado de euforia como se na Copa do Mundo estivesse em jogo a nossa identidade. E também, para detestarmos o que a Fifa produziu como espetáculo de abertura, um pastiche cafona da cultura brasileira, atestando abissal ignorância ou menosprezo por parte de quem contratou. Um insulto ao país dos espetáculos grandiosos que põem em cena, a cada mês de fevereiro, milhares de figurantes em coreografias e cenários de tirar o fôlego, outro legítimo orgulho nacional. **O Brasil está devendo ao mundo e a si mesmo uma apresentação autoral de quem somos.** A Copa revela ambiguidade de nosso tempo. Um bilhão e meio de pessoas assistem às mesmas imagens confirmando o avanço da globalização. **Mas o conteúdo das imagens a que todos assistem afirma os pertencimentos nacionais, expressos com símbolos ancestrais, bandeiras, emblemas, hinos entoados com lágrimas nos olhos. O nosso é cantado à capela pelos jogadores e uma multidão verde e amarelo desafiando o regulamento da Fifa, entidade sem pertencimento que salpica no espetáculo, em poucas notas mal tocadas, o que para cada povo é a evocação emocionada de sua história.**(OLIVEIRA, ROSISKA DARCY. Festa. O Globo.p. 20, 21 jun. 2014). Grifo nosso

Uma mudança extraordinária nas interpretações do Brasil refere-se ao fato que o cantar emocionado do hino deslocou-se de um polo negativo (tradicional e conservador) para um polo positivo (rebeldia e cidadania), como

comenta a coluna de Jorge Maranhão²⁰ (Protesto à capela. **O Globo**. p. 17, 28 jun. 2014).

Na cobertura da Copa da Fifa no Brasil, muito tem sido comentado sobre as vaias aos governantes. Assim como sobre a alegria da torcida com a bola que rola. **Mas acredito que tão importante quanto esses dois momentos seja comentar o canto à capela do Hino Nacional Brasileiro, que persiste em transgredir o limite imposto pela Fifa de execução apenas das aberturas musicais. Porque esta significativa rebeldia é o que mais bem traduz o estado de espírito da cidadania política de hoje em dia, depois das jornadas de manifestações do ano passado.** O que tem feito despertar do sono esplêndido um povo que, há mais de um século, a tudo assiste bestializado. Bem-vindos sejam, pois, gestos de protesto tão espontâneos quanto eficazes como estas reincidentes execuções do hino à capela. **Com o ganho cívico de que são rebeldias contagiantes e elucidadoras da distinção que a galera aprendeu a fazer entre o verdadeiro patriotismo e a demagogia barata do falso orgulho nacional negociado por governantes populistas com delinquentes cartolas do futebol internacional.** O fato é que os jogadores de seleções de tempos atrás mal balbuciavam frente às câmaras os versos de ordem invertida e gongóricos adjetivos da norma culta. Hoje, ensinados e motivados pelo despertar da cidadania política nacional, numa verdadeira aula de civismo explícito, nossos jogadores cantam em uníssono com esta nova galera de cidadãos, cada vez mais exigentes em participar do destino das coisas públicas. **Grifo nosso**

Tal como visto anteriormente, a interpretação do Brasil como uma sociedade mais complexa como chave interpretativa da equação 'amor pelo futebol' e insatisfação popular torna-se frequente.

O finlandês chegou. Ele é jornalista, amigo de um dos meus filhos, e veio cobrir a Copa para uma revista especializada em esporte. O que eu direi a ele sobre o outono do nosso descontentamento? Tempo em que a presidente é vaiada no estádio e não pode nem pensar em discursar. Em que repórteres estrangeiros são atingidos por estilhaços de batalhas na rua. O descontentamento permanece, mas agora as manifestações são mais violentas. Para exercer nas ruas o ofício de repórter será melhor seguir as dicas que a Associação Brasileira de jornalismo Investigativo (Abraji) preparou para todos que estão cobrindo os protestos. **Terei de explicar a aparente contradição de que no Brasil - que se define como "país do futebol" e que há 63 anos sonha com a chance e de abrigar nova Copa para, afinal, vencê-la - haja manifestações contra a realização do torneio. Será simples. O Brasil é hoje uma sociedade mais complexa, mais ampla, mais democrática e mais plural do que jamais foi em sua República sempre marcada por períodos autoritários.** O movimento que eclodiu há um ano foi

²⁰Jorge Maranhão é diretor do Instituto de Cultura de Cidadania A Voz do Cidadão

espontâneo, de massa, reuniu famílias e não havia bandeiras precisas. Era a onda do desconforto com a inflação, a corrupção, a incompetência gerencial, a sufocante falha na mobilidade urbana brasileira. De lá pra cá, a violência da polícia, a ocupação do espaço público por *blackblocks*, as reivindicações corporativas mudaram a natureza dos protestos. (LEITÃO, MIRIAM. O que dizer ao finlandês. **O Globo**. p. 36, 15jun. 2014). **Grifo nosso.**

Mesmo quando é mantida a tese da ‘pátria de chuteiras’, Miriam Leitão, uma das colunistas que mais escreveu sobre a Copa, mesmo sendo tradicionalmente dedicada aos temas econômicos, tenta equacionar tradição e modernidade, explicando que o senso de pertencimento celebrado no ritual emocional do canto do hino nacional à capela é racionalmente separado da consciência crítica. Seríamos enfim um povo irreverente e maduro ao mesmo tempo.

Futebol provoca paixão, amor, raiva, desatino. Outros esportes têm torcidas, mas o futebol é avassalador. É nosso e é mundial. O sociólogo Mauricio Murad lembra que a Fifa tem 209 países, mais do que a ONU, e a Copa está sendo transmitida para 214 países. O psicanalista Joel Birman acha que o Brasil contribuiu colocando o debate sobre os erros da Fifa na agenda mundial. Futebol sempre provoca paixão. Desta vez, há também a raiva e a insatisfação. Sociólogo e psicanalista acham que **a separação dos sentimentos mostra maturidade**. Torcedor não perdoa erros do governo e Fifa, mas vive seu amor à camisa torce pela seleção. A Copa de 2014 está particularmente intensa. Tem tido jogos lindos, resultados inesperados, manifestações de raiva nas ruas contra erros do governo, denúncias, loucuras de torcedores, hino cantado à capela. O futebol sempre provocou paixão, mas o curioso é que nesta copa, principalmente para os brasileiros, há sentimentos opostos, misturados, de igual intensidade. **Quando canta o hino dá sinal de liberdade, alegria, irreverência. O futebol, com sua grandeza, está sendo instrumento de revelação, denúncia, oposição. Joel Birman acha que há uma simbologia forte na decisão dos torcedores de continuarem cantando o hino após a versão resumida que a Fifa impôs.** Os brasileiros inventaram isso e outras torcidas imitaram. **O futebol é uma representação na Nação, para nós, é a pátria de chuteiras, como disse Nelson Rodrigues. Por isso, cantar o hino tem forte significado.** Lamento apenas a homogeneização e o fim do futebol arte. Murad disse que o futebol é mais representativo do país do que o carnaval. Em muitas cidades do interior só se conhece o carnaval pela televisão, mas há sempre um campinho e em torno dela a cidade se reúne até para discutir outras questões. Engana-se quem pensa que o futebol é apenas um jogo nas quatro linhas. É uma grande representação de culturas. E viva o futebol que ajudou a expor, desta vez, as mazelas do Brasil e fez a Copa das Confederações virar a Copa das manifestações. **Tradição e novidade se misturam nessa copa. O novo é a insatisfação. A tradição é o amor ao futebol.** E é assim, sobretudo, porque é um esporte bonito e imprevisível; coletivo e individual. E há aquela parte que não se explica porque paixão a gente vive, e só, sem

Como veremos abaixo, com o decorrer da Copa o foco da cobertura não-esportiva concentra-se na observação e na avaliação dos serviços, no que 'funciona' e no que 'não funciona'. Ainda no início da Copa falava-se dos atrasos e da falta de organização em alguns setores, como as filas nos aeroportos, a internet 3G que congestionou em alguns momentos, os estádios que operavam sem internet Wi-Fi fazendo com que os torcedores e jornalistas encontrassem problemas de conexão e não conseguissem transmitir informações em tempo real.

Da euforia de 2007, quando a FIFA confirmou o Mundial no país, aos protestos de 2013 e às obras inacabadas de 2014. Mesmo com parte das obras inacabadas, o custo da 'Copa das Copas' já é o maior da história dos Mundiais: R\$ 25,5 bilhões. Passada a euforia da escolha do Brasil como país-sede, era hora de trabalhar. E os problemas começaram a aparecer. Em 2010, com três anos de atraso, o governo lançou a Matriz de Responsabilidade da Copa- 12 estádios, 81 obras de infraestrutura e mobilidade urbana nas cidades-sede que seriam o "grande legado" para o povo brasileiro. Mas as execuções passaram longe do gol. Do total previsto, 22 obras foram retiradas do planejamento nos anos seguintes. Na construção dos estádios foram contabilizadas 9 mortes de funcionários.

No rol das promessas não cumpridas há ainda o trem-bala que ligaria o Rio a SP. Em Junho de 2013, o país foi surpreendido com uma onda de protestos que demonstrou mau humor generalizado- do qual o Mundial virou alvo, marcado pelo mote "Não vai ter Copa". Os dirigentes da Fifa, antes animados, começaram a criticar o Brasil e a temer a violência das manifestações (E se passaram sete anos de atrasos e críticas. **O Globo**. 12 de Junho de 2014. Pág.09).

Sobre as cidades-sede, as greves persistiram, como em Fortaleza: "Motoristas e cobradores de ônibus de Fortaleza decidiram ontem, em assembleia do sindicato, iniciar uma greve na próxima segunda-feira, véspera do jogo entre Brasil e México" (Fortaleza pode ficar sem ônibus no jogo do Brasil. **O Globo**. 12 de Junho de 2014. Pág.13). Também em Fortaleza foi

citado o sentimento de insegurança que havia na região em que ficariam hospedados cerca de 2100 mexicanos com rotineiros os assaltos nas imediações. "Os hóspedes só saem daqui com o táxi na porta, caso contrário, ir até a esquina é uma roleta russa. São raros os que não são assaltados. Para o lado de cá mal tem policiamento. Espero que com a chegada destes mexicanos isso mude". A questão do transporte também é apontada como problemática, os táxis têm seu número reduzido por conta da criminalidade. O Terminal de passageiros do porto de Fortaleza é uma obra inacabada. Embora faça parte da Matriz de Responsabilidade da Copa, ainda faltam 8% para ser concluídos (Uma fortaleza mexicana. O Globo. 17 de Junho de 2014. Pág.10).

Em São Paulo, algumas obras que estavam previstas, iriam ficar prontas só depois do torneio, outras foram excluídas. A expectativa do governo municipal era receber 250 mil visitantes estrangeiros e um milhão de turistas brasileiros ao longo de 45 dias. "A ideia é consolidar o perfil da capital paulista como destino turístico" (São Paulo, cidade-sede. Conquistas garantidas fora das 4 linhas. O Globo. 12 de Junho de 2014. Pág.14). Foram ainda registrados muitos engarrafamentos, além de dificuldades para deixar o Itaquerao. Houve aglomerações no trajeto até as estações de trem e metrô; na chegada, o transporte funcionou bem (Torcida tem dificuldade para deixar o Itaquerao. O Globo. 13 de junho de 2014. Pág.17).

No Rio de Janeiro, queixavam-se de grandes filas nos pontos turísticos da cidade, além da falta de informação (também na saída do Maracanã). "A cidade é muito bonita, mas pensei que as coisas seriam mais organizadas" – mexicano"(Vans para o Corcovado têm filas de até 2h. O Globo. 18 de Junho de 2014. Pág.12).

Houve também polêmicas com o estacionamento dos *motor homes*, situação esta que gerou reclamações dos turistas acerca das cobranças ilegais. "Se vocês não têm a capacidade de receber pessoas, não façam então uma Copa. Precisaremos nos hospedar na fronteira agora?" - Chileno sem se dar conta que na verdade havia dado propina. (Choque de ordem atrapalha farra dos *motorhomeno* Leme. O Globo.19 de Junho de 2014. Pág.09)

A cidade de Curitiba recebeu elogios dos turistas pela infraestrutura, enquanto Manaus mostrou grande despreparo. "No Sul do país, os turistas não têm do que reclamar da Copa. Preparada, Curitiba está sendo elogiada pelos

seus serviços”. De transporte de qualidade a hotéis e restaurantes, os curitibanos fazem de tudo para que o turista se sinta em casa. Manaus por sua vez apresentou sucessivos problemas, um despreparo quase geral em bares, restaurantes e hotéis. (Serviço: um jogo desequilibrado. O Globo. 22 de Junho de 2014. Pág.19).

Também é possível identificar a narrativa sobre as impressões e reações dos estrangeiros como um recurso que confirma um determinado tipo de visão de ‘quem somos nós’. Daí porque o grande interesse de O Globo em documentá-lo antes e durante a Copa.

Em “Aeroportos. Não houve caos, mas serviço tem que melhorar”(O Globo. 28 de Junho de 2014. Pág.09) pode se ler que os turistas se queixaram de obras inacabadas, carência de informação e até falta de comida. O aeroporto de Brasília enfrentou problemas hidráulicos. Em Salvador as obras não terminaram a tempo. Muitos turistas reclamavam da dificuldade de obter informações em espanhol nos aeroportos. Em Cuiabá tinha tanta gente, que faltou comida no aeroporto.

Por outro lado, o plano de mobilidade montado para atender aos torcedores que foram assistir Argentina e Bósnia, primeiro jogo da Copa do Mundo realizado no Maracanã, passou no teste. (Rio passa no primeiro teste. O Globo. 16 de Junho de 2014. Pág.06).

Como espécie de síntese provisória, O Globo de 15 de Junho noticia: em Brasília: preços altos na capital do país; Já no Norte, em Manaus: desinformação e hospitalidade; No sul do país, Porto Alegre: placas em inglês, e transporte ruim; Já na capital baiana, Salvador: caos no trânsito, simpatia nas ruas; Em Cuiabá: chegada difícil, sorriso fácil. Em Curitiba: informação é coisa rara; Na capital mineira - Belo Horizonte: delícias na mesa e trânsito lento; no Rio de Janeiro: bagagem rápida, elevador parado; Recife: caos urbano, festas populares; Natal: greve para atrapalhar; em Fortaleza: falta tradução, sobra simpatia; Em São Paulo: internet falha, amabilidade não.

Nos primeiros dias do Mundial, a hospitalidade dos brasileiros foi o que os turistas mais elogiaram nas 12 Cidades-sede. Problemas como trânsito caótico, transporte público deficiente, falta de infraestrutura nos aeroportos e de informações turísticas na língua dos viajantes são os mais recorrentes (...).

“Mas seja onde for o artilheiro no coração dos visitantes tem sido um só:

o brasileiro” (As cidades em jogo. Gol de brasileiro. O Globo. 15 de Junho de 2014. Pág.13)**Grifo nosso.** De fato, esta louvação à amabilidade e a simpatia e o “calor” do brasileiro eram realçadas tanto nas matérias quanto pelos colunistas como características marcantes do caráter e da identidade brasileira.

Bem antes da Copa, consultas a turistas sempre indicaram que a hospitalidade do povo é o ponto forte do país. Supera menções às manifestações culturais e às belezas naturais. Suplanta até as deficiências de infraestrutura e serviços, sublinha a consultora Jeanine Pires. Significa que valorizam, sobretudo, a convivência, capital intangível nato dos brasileiros.(OLIVEIRA, FLAVIA²¹. Vocação para receber. **O Globo.** p. 38, 06 jul. 2014).**Grifo nosso.**

Convivência harmoniosa entre diferentes culturas foi talvez o principal legado da Copa do Mundo para a população. **Nesta Copa do Mundo um fato chama a atenção: a extraordinária alegria nas ruas, independentemente do resultado dos jogos.** Enquanto as partidas se realizam em espaços fechados e têm duração de 90 minutos, a confraternização nas ruas é pública e acontece durante as 24 horas do dia. Esse espírito festivo que tomou conta das cidades-sedes da Copa provocou algumas reações controversas na população. Enquanto alguns reagiram criticamente aos transtornos causados em seu dia a dia, outros se deixaram envolver pelo espírito de confraternização das ruas, incorporando uma alegria que há muito não se via com tanta expressividade (JANOT, LUIZ FERNANDO²². A festa é na rua. **O Globo.** p. 23, 05 jul. 2014).**Grifo nosso.**

Nessas duas últimas semanas, o Brasil viveu em sursis. A realidade cotidiana desapareceu para dar lugar à fantasia. Mas essa aparente “alienação” do real nos ensina muita coisa que pode ser importante para depois que a festa acabar. Ela nos ensina, por exemplo, a superioridade da alegria sobre a tristeza, mas também a inevitabilidade da frustração e da dor. Aprendemos que a solidariedade e a sensação de pertencimento são indispensáveis para que uma coletividade sobreviva às desgraças. Além de reforçarem as vitórias. **A Copa do Mundo traz muitos estrangeiros ao Brasil. Alguns já nos conhecem, mas a grande maioria ignora quem somos, a não ser pelos estereótipos difundidos em seus países. Eles ocupam nossos estádios e cidades como se fossem território deles, espalham com suas bandeiras e cantos uma vontade de dividirmos com os outros o que é nosso, como se o que é nosso fosse de todos. E assim os conhecemos melhor, reiteramos nossas diferenças e descobrimos como, apesar delas, somos tão parecidos.** O mundo estará mais sombrio, não acharemos graça em nada. Voltaremos a pensar nos absurdos que a Fifa cometeu, no superfaturamento da Refinaria Abreu e Lima, na

21 Flávia Oliveira da Fraga mais conhecida como Flávia Oliveira (Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1969) é uma jornalista e comentarista brasileira, atualmente na TV Globo e Globo News.

22 Luiz Fernando Janot, arquiteto e colunista.

falta de convicções com que os políticos e os partidos tratavam as eleições de outubro enquanto íamos ao Maracanã. Teremos saudades da ilusão da Copa. Mas talvez descubramos também que, quando a fantasia nos ajuda a viver melhor, quando ela é melhor do que a realidade, tanto pior para a realidade. E está na hora de entrarmos em campo para torná-la mais próxima da fantasia (DIEGUES, CACA. Notícias da Copa. **O Globo**. p. 16, 28 jun. 2014).
Grifo nosso

Matérias como “Olhar estrangeiro. Bem na foto”, publicada em 26 de Junho de 2014 (Pág.20) e “A cidade sob novos olhares”(O Globo. 13 de Junho de 2014. Pág.14) apresentam extensas narrativas de como os estrangeiros estão vivenciando e registrando a experiência brasileira.“Vinte e dois mil jornalistas estrangeiros que vieram para a Copa mostram para o mundo um pouco da realidade carioca”. O tunisiano gerente da equipe do canal de televisão se surpreendeu com os preços na cidade. Disse que estava preocupado com ladrões, mas que depois se sentiu seguro.

As reportagens têm abordado apenas a Copa e o clima de festa entre cariocas e turistas. Para uma chinesa, a maior dificuldade teria sido a barreira da língua, mas estavam conseguindo se comunicar, afirmou que os cariocas são amigáveis. Acrescenta que o Rio é muito limpo e exalta a beleza das praias. E diz que os engarrafamentos onde mora são muito piores do que aqui. Um repórter francês afirmou que achou o Rio bem seguro, a imagem que ele está passando é que o Rio é um bom lugar para passar as férias. Na matéria “Povo, a arma secreta do país para fazer um Mundial de primeira”(O Globo. 07 de Julho de 2014. Pág.08) pode se ler que o sol quente e as praias são fatores determinantes para o êxito da competição no Brasil. "Quando você passa sua primeira tarde de folga em 20 dias caminhando por Copacabana, percebe que uma praia de primeira linha deveria ser elemento compulsório em todas as futuras Copas, da mesma forma que estádios de primeira linha”.

Ainda que aspectos organizacionais também tenham sido elogiados, chama à atenção que a leitura preferencial das qualidades do país sejam o povo e a natureza. "É impressionante; é tudo muito lindo- estrangeiros" (Partidas em Cuiabá levam mais turistas ao Pantanal. O Globo. 23 de Junho de 2014. Pág.09). O Globo enfatiza que as características do país estavam sendo vistas por bilhões de pessoas, e isso ajudaria a influenciar o turismo no Brasil. “Quando voltar vou aproveitar as praias, os coqueiros, a música e a culinária.

Australiano achou o país mais seguro do que imaginava e gostou do que conheceu. Colombianos: Pretendem voltar e disseram que as pessoas são muito simpáticas e calorosas. “O Rio é muito bonito, já sabíamos pelas fotos, mas as imagens não chegam aos pés da beleza da cidade” (Em 18 dias, gringos gastam US\$ 365 milhões. O Globo. 25 de Junho de 2014. Pág.27).

Os turistas de modo geral exaltam e se encantam com as características dos brasileiros, a receptividade e a alegria. “Todos são muito amáveis, está fantástico!” Além de estrangeiros que residem no país que torceram ardorosamente pela seleção canarina. “O Brasil com sua música, romantismo e calor humano mudou a minha vida pra sempre” (Italiana) (A pátria globalizada. Brasileiros de coração. O Globo. 16 de Junho de 2014. Pág.10).

Além disso, o “jeito carioca de ser” passou a integrar as narrativas sobre a estada de muitos turistas estrangeiros numa espécie de celebração do ser brasileiro. “De passagem pela cidade, torcedores incorporam ‘carioquices’ da vida à beira-mar” (...) Aportaram aqui com tanto entusiasmo de se sentirem locais que, já na primeira hora, lá estavam jogando altinho em Copacabana (Gringos vivem seus dias de meninos do Rio. O Globo. 29 de Junho de 2014. Pág.33).

Com um indisfarçável orgulho, O Globo afirma que “basta um olhar atento para perceber que os torcedores estrangeiros não são mais os mesmos que antes”. Se quando eles desembarcaram no Brasil o foco era descobrir os principais pontos turísticos, agora, a uma semana do fim da Copa, a prosa é outra. “A maioria instalada no Rio não quer saber de ir embora tão cedo, e mesmo aqueles cujas seleções já partiram continuam na cidade, onde adquiriram hábitos tipicamente cariocas. Alguns mais ousados chegam a nem se considerar turistas” (Estrangeiros padrão-Rio. O Globo. 06 de Julho de 2014. Pág.20).

Podemos nos remeter ao processo de formulação de imagens sobre o Brasil do início do século XIX, através do olhar estrangeiro, que estava imbuído num contexto em que o sujeito observador era tomado de surpresas e construía sua narrativa conforme ia construindo a si mesmo, através da experiência vivida.

Apesar da estrutura das leituras preferenciais, O Globo estabelece alguns contrapontos. A matéria “Os jornais lá fora só querem fotos de

violência”(O Globo. 24 de Junho de 2014. Pág.02) traz uma entrevista com um jornalista espanhol que afirma:“A Copa está dando certo, quase tudo está funcionando, mas os veículos, principalmente os espanhóis, só querem fotos de protesto, de confusão, ou que mostrem o Rio como uma cidade violentíssima. Acontece que não consegui ver violência no Rio até agora”.

- (P) Algo o impressionou negativamente?

- (R) “Sim, algo me chocou profundamente quando estive em São Paulo, no aeroporto, e havia uma parede gigante com um cartaz que dizia: Brasil, um país alegre e sem pobreza”. Como assim sem pobreza? A pobreza está por toda parte. Em Salvador, em torno do estádio, a pobreza é gritante. Aqui mesmo do Forte de Copacabana podemos ver a favela. Fiquei muito triste com essa propaganda enganosa.

A curiosidade sobre o estilo de vida nas comunidades que sempre atraiu turistas, sozinhos ou em companhia de guias, às favelas com UPP’s (Unidade de Polícia Pacificadora), principalmente as da Zona Sul, cresceu durante a Copa. “Só ficamos chocados com a pobreza e pesarosos pelas pessoas que moram aqui”.

Soubemos de histórias tristes de violência que ocorreram antes da Copa. Estamos torcendo para que o processo de pacificação continue e que os grupos armados não retornem. E que mais turistas conheçam a beleza deste lugar. As pessoas lá fora e, dependendo da classe social, no Brasil também, criam um estereótipo da favela, porque talvez nunca tenham visitado uma comunidade. As pessoas precisam ver que aqui tem cultura e música. Às vezes, os estrangeiros têm preconceito em relação aos moradores da favela porque não conhecem a realidade deles. Há quem pense que os moradores da favela são ilegais porque não têm título de propriedade de terra, pois lá fora isso representa cidadania (Comunidadesviram imã de turista no Mundial. O Globo. p.34, 29 jun. 2014).

Alvos de muitas críticas feitas pela população brasileira, os estádios também foram noticiados: “superdimensionados, três estádios correm risco de virarem elefantes brancos após mundial. O apogeu durante a Copa, quando seus assentos foram disputados por milhares de torcedores, vai, em breve, virar apenas uma boa lembrança. Passada a euforia do Mundial, pelo menos três arenas construídas para os jogos, num custo total de R\$ 2,8bilhões,

correm o risco de tornarem-se verdadeiros elefantes brancos. Com capacidade muito maior do que exigem os campeonatos locais, os estádios de Manaus, Cuiabá e Brasília têm pela frente o desafio de continuarem tendo serventia no pós-copa” (Destino incerto. O Globo. 30 de Junho de 2014. Pág.09).

A Copa ainda não havia chegado ao fim, mas a cobertura de O Globo e seus colunistas começam a ensaiar um balanço do que ela foi, em sentido amplo. “Só 30% das obras prometidas para Mundial foram concluídas, admitiu o Ministério do Planejamento. Ao longo dos últimos meses, a Matriz de responsabilidades da Copa foi sofrendo alterações. Foram descartados empreendimentos que não serviriam mais à recepção de turistas para os jogos, ou por pedido de governos regionais para se alterar o plano de intervenção urbana. Dois em cada três empreendimentos com verbas federais previstos para facilitar a movimentação de brasileiros e turistas pelo país não ficaram prontos para a Copa do Mundo. Segundo levantamento do Ministério do Planejamento, feito a pedido do Globo, das 70 obras de mobilidade urbana, de aeroportos ou de portos, que somam R\$ 14,38 bilhões, apenas 24 foram concluídas, no valor total de R\$ 3,36 bilhões. Entre os empreendimentos que menos avançaram estão os de melhoria da mobilidade urbana” (Muito além do prazo. O Globo. 01 de Julho de 2014. Pág.09).

Porém, em contas finais, para colunistas como Francisco Soares Brandão e Nelson Motta, o “Brasil já ganhou a Copa”.

O Brasil já ganhou a Copa. Os aeroportos estão funcionando bem, apesar das obras incompletas. A infraestrutura do país vem dando conta do recado. Ainda estamos nas oitavas de final, mas já ganhamos a Copa. Os estádios ficaram prontos e são belas obras de engenharia. Especialmente, estão lotados de gente alegre, colorida, animada. A mobilidade urbana, com os sistemas emergenciais adotados nas cidades-sede, tem sido garantida, quase sem transtorno, para os que festejam em praças e bares e para os que seguem aos estádios. Resultado? A imagem do Brasil nas mídias internacionais mudou da água para o vinho, com a chegada de 600 mil turistas vindos de 186 países, que reservaram 340 mil diárias em hotéis até 13 de junho. A BBC já fala que “a Copa das Copas prometida pelos governantes brasileiros está acontecendo mesmo dentro das quatro linhas”. E se rende aos brasileiros, ao revelar que, quando perguntam aos turistas estrangeiros o que pensam do nosso povo, ouvem sempre mesma resposta: “*Fantastic people!*” O Brasil está superando a resistência da mídia e da opinião pública. E aparece bem, de Manaus a Porto Alegre, de Fortaleza a Natal, de Recife a Salvador. De Brasília a Cuiabá e Curitiba. De Belo Horizonte a São Paulo e Rio de Janeiro. O país, até agora, lidera a Copa da

imagem e da reputação (BRANDÃO, FRANCISCO SOARES²³. O Brasil já ganhou a Copa. **O Globo**. p. 23, 25 jun. 2014).

Os estádios estão lindos e cheios, os jogos de ótimo nível, com muitos gols e surpresas, as torcidas animadas e pacíficas, as ruas fervilhando de gringos e de alegria. Independentemente da performance da seleção brasileira, a Copa é um sucesso. Quem ama o futebol está feliz. Assaltos, arrastões, roubos e furtos, achaques policiais, saidinhas de banco, sequestros relâmpago- o habitual cotidiano urbano brasileiro- sumiram dos noticiários e, aparentemente, as ruas (MOTTA, NELSON. ²⁴Show de bola. **O Globo**. p.15, 20 jun. 2014).

Para este veredito, mais uma vez, a referência externa é importante. “Até a imprensa britânica, que é a mais crítica do mundo, disse que toda Copa deveria ser no Brasil” (Mundial diminui as manifestações de rua. **O Globo**. 05 de Julho de 2014. Pág.15).

A prova mais convincente do sucesso da Copa, pelo menos até aqui, não é a conversão da imprensa internacional, antes tão cética e agora tão entusiasmada com a nossa organização, capaz de transformar um evento com previsão de fracasso num belo espetáculo de celebração nacional. Na verdade, a melhor demonstração tem sido a enorme afluência do público aos estádios, e não só para ver o Brasil. Acho que todos os jogos, inclusive os de pouca expressão futebolística, foram realizados com lotação esgotada, sem falar nas *fanfest's* espalhadas pelas 12 capitais-sede, reunindo milhares que não conseguiram ingressos. O Brasil é mesmo imprevisível, desmoraliza até a Lei de Murphy. Quando tudo parece que não vai dar certo, aqui dará (VENTURA, ZUENIR²⁵. Desmoralizando a Lei de Murphy. **O Globo**. p. 17, 28 jun. 2014).

Após a fatídica derrota para a Alemanha o que foi noticiado no campo organizacional foi a correria do comércio para trocar as vitrines. “A derrota histórica da seleção pegou as empresas e o comércio de surpresa. Nas grandes marcas, a reação, de início, foi o silêncio. Só ontem a publicidade e as ações em mídia com mote no Mundial mudaram de estratégia. Já o varejo entrou mais rapidamente em campo e foi ágil na mudança de tática para não

23 Francisco Soares Brandão, jornalista e sócio-fundador da agência de comunicaçãoFSB.

24Nelson Cândido Motta Filho é um jornalista, compositor, escritor, roteirista, produtor musical e letrista brasileiro

25Zuenir Carlos Ventura é um jornalista e escritor brasileiro. É colunista do jornal **O Globo**, tendo ganho o Prêmio Jabuti em 1995, na categoria *reportagem*, pelo livro *Cidade Partida*. É ocupante da cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras desde de outubro de 2014.

levar um baile nas vendas” (A reação ao desastre. O Globo. 10 de Julho de 2014. Pág.08). A derrota também provocou insegurança no setor hoteleiro e de restaurantes. “A derrota histórica do Brasil na semifinal da Copa para a Alemanha não vai trazer perdas para o setor hoteleiro do Rio, que vai sediar a final. De acordo com levantamento da Federação Brasileira de Hospedagem e Alimentação, a taxa deve se manter em 99% de ocupação. Já no caso de alimentação na rua- em bares, casas noturnas e restaurantes populares- a queda no movimento deve chegar a 20%” (Derrota canarina afeta restaurantes, mas não hotéis. O Globo. 10 de Julho de 2014. Pág.08).

Depois do Mundial, o Rio ainda tem muitas obras a fazer nos preparativos para os Jogos de 2016. “O apito final do juiz italiano na partida entre Argentina e Alemanha, hoje, no Maracanã, representará para o Rio muito mais que o desfecho da 20ª Copa do Mundo. Faltando 754 dias para os Jogos Olímpicos, a cidade entra na reta final de preparação- será a primeira Olimpíada da história da América do Sul. O tom das autoridades é de otimismo, mas há muito ainda o que fazer” (Nova contagem regressiva. Desafio agora é olímpico. O Globo. 13 de Julho de 2014. Pág.16). Neste contexto, ao contrário das avaliações negativas lastreadas em nossa proverbial incapacidade de planejamento e execução adequadas, chegando ao fim da Copa o Comitê Olímpico Internacional (COI) afirma: **“Estamos certos de que os jogos irão transmitir a mensagem que o Brasil é apaixonante e eficiente”** (COI elogia Mundial e diz que Olimpíada será excelente. O Globo. 12 de Julho de 2014. Pág.13). Grifo nosso.

Tanto em relação à organização quanto em relação ao próprio resultado da seleção brasileira (o fatídico 7 x 1 para a Alemanha), nota-se que as interpretações veiculadas no jornal acionam termos e imagens que de maneira mais ou menos explícita atribuem algum tipo de essencialismo à identidade nacional.

Ao contrário das interpretações positivas da identidade nacional de colonistas como Ronaldo Helal, Rosiska Darci de Oliveira e Mirian Leitão, para alguns colonistas somos pessimistas...

“Imagina na Copa” e do “Não vai ter Copa”, chegou a hora do outro lado da moeda com o mote “Quem paga o prejuízo?” A verdade é que, derrubando expectativas pessimistas longamente acalentadas, o

Mundial deu certo, inclusive com uma surpreendente soma de qualidade e carga emocional dentro das chamadas quatro linhas. O vexame organizacional, tão insistentemente apregoado, não se confirmou. **Um primeiro balanço, mesmo que mais impressionista do que sustentado em números, deixa evidente que houve um excesso de desconfiança em relação à capacidade brasileira de promover um evento desse porte e que esta capacidade foi subestimada.** O que se deixou de adicionar em divisas e movimentação da economia nunca poderá ser devidamente contabilizado. **No fim das contas, as expectativas venceram a realidade, configurando um clássico tiro no pé.** Sim, não se deve substituir a depressão do “Imagina na Copa” pela euforia da “Copa das Copas”. O negócio acabou dando certo, mas aos trancos e barrancos, com ineficiências, improvisações, atrasos, superfaturamento e desvio de recursos. Muita coisa ficou incompleta, inclusive o planejamento para utilização produtiva dos estádios e seus entornos depois da festa(KUPFER, JOSÉ PAULO²⁶. Tiros no pé. **O Globo.** p. 25, 04 jul. 2014).**Grifos nossos**

Inseguros,

Não fomos vítimas trágicas de deuses cruéis que nem sempre premiam os melhores, mas sim de nossa própria fragilidade. **Hoje, a derrota para os alemães é uma patética consequência de nossa insegurança, de nossas dúvidas quanto a nós mesmos, de nosso mergulho no pessimismo sobre o nosso destino.** Claro que contribuem para isso a mediocridade de nossos políticos, a corrupção pública e privada, a extinção de critérios de valor, a violência entre nós, nossa desconfiança quanto a nosso futuro, uma incerteza que gera um generalizado “salve-se quem puder”. Todos esses são fatores que fizeram com que o Brasil deixasse de ser, para os outros, uma ilha utópica num mundo condenado por conflitos insolúveis e se tornasse exemplo de um modo original de agravá-los. Perdemos a confiança de nossa torcida, ganhamos o desinteresse da dos outros. O “apagão” não foi só deles, mas de todos nós que estávamos conformados com nossa fraqueza. **Ao contrário de 1950, dessa vez perdemos porque nos subestimamos. A tragédia brasileira é a de que, cada vez que chegamos perto da vitória, tratamos de provocar a derrota iminente, como se não pudesse ser de outro modo e fosse um alívio apressá-la.** Como disse alguém (não me lembro quem), é como se o brasileiro achasse que não tem direito à felicidade. Cada vez que ela chega muito perto, trememos e choramos, entramos em pânico até que a afastamos de nós. (DIEGUES, CACÁ. Depois da Copa. **O Globo.** p.18, 12 jul. 2014)**Grifo nosso.**

Imaturos,

²⁶ José Paulo Kupfer é um jornalista brasileiro. trabalhou em publicações como *Fatos e Fotos, Correio da Manhã, O Globo, Exame, Jornal do Brasil, Veja, Istoé, O Estado de S. Paulo, Zero Hora, Gazeta Mercantil.* Foi consultor editorial do *Jornal do Commercio* (Recife) e da *Tribuna do Norte* (Natal, Rio Grande do Norte).. Graduado em economia pela USP, é também membro do Grupo de Conjuntura da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas.

Mas que povo é esse? No jogo contra Alemanha, já no final do primeiro tempo, circulavam nas redes sociais gozações sobre a seleção, o técnico e alguns locutores. **O típico mecanismo de defesa brasileiro, o esculacho e a gozação, que personaliza e transfere para o outro a responsabilidade pelo acontecido.** Uma reação que enxerga o dedo e não o que ele aponta, que se esgota em si mesma, levando à apatia, à resignação e ao esquecimento. Enquanto há festa e chances de vitória, entramos no transe coletivo, quando vem a derrota caímos fora! A Copa seria “nossa”, o vexame foi “deles”. (SORJ, BERNARDO²⁷. O legado da Copa. **O Globo**. p. 13, 13 jul. 2014),

E, incompetentes

Gastamos para a glória alheia, gastamos para nada. E o povo chora nas arquibancadas e mais chora pelo desperdício. Este desastre do futebol brasileiro diante da Alemanha, em goleada, começou bem antes da lesão propositada em Neymar, veio bem antes de quando Felipão mostrou-se desatualizado, soberbo, ditador; veio antes pela excessiva propaganda, cuidando dos mínimos gestos e movimentos de nossos jogadores, como se fossem deuses, novos e opulentos, com a supervalorização dos pés, como se pensassem ou criassem a ordem do universo. Não foi apenas a seleção alemã superior, houve negligência, pane, lapso dos atletas nacionais e como de início se viu um time de sopro curto. O preço foi muito caro. Esse desastre começou com Lula e continuou com Dilma Rousseff com gastos em estádios, criando dinheiro onde não havia, criando inflação, feriados, bolha imobiliária, a ponto de o país parar. (...) **E tal desastre mostrou que não temos governança criteriosa, gestão sábia, sendo a administração do Erário desmontável e frágil como a queda recente do viaduto em Minas Gerais. O desastre já estava anunciado,** com a Fifa poderosa impondo ordenações e leis, com alguns juízes cegos e incompetentes. A presidente Dilma não é a única responsável por esta hecatombe nacional no esporte mais importante do país, mas dela também partiram esses desmandos, sem falar da Petrobras ou Pasadena. E não pode agora ficar em cima do muro, presa na sua autossuficiência. **Não só Neymar que faltou, faltaram o nosso orgulho, a nossa alegria de povo diante do resultado, que foi uma solene goleada, a mais funesta da história, que chegou a ser piada no estrangeiro.** Não temos apenas de reformular o nosso futebol, temos que também mudar nosso governo, que desperdiçou a riqueza da nação e não aceitamos que persista em cima do muro. **A nossa seleção se apresentou com sinais visíveis de despreparo. Sem poder de artilharia. E todos sofremos juntos o desastre.** Observou o Padre Antônio Vieira que “as lágrimas são consequência da vista; juntou a Providência o chorar com o ver porque o ver é a causa de chorar.

²⁷Bernardo Sorj (Montevideo, Uruguai) é um sociólogo, professor titular aposentado de Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, do Projeto Plataforma Democrática^[2] e professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP. Publicou 30 livros e mais de 100 artigos sobre desenvolvimento político da América Latina, relações internacionais, o impacto social das novas tecnologias, teoria social e judaísmo.

Sabeis por que choram os olhos? Porque veem”(NEJAR, CARLOS²⁸. O desastre do Brasil. **O Globo**. p. 19, 10 jul. 2014). Grifos nossos

Com o fim dos jogos, o que ficou foi o sentimento de dever cumprido, pelo menos estruturalmente, mesmo após percalços, polêmicas, dúvidas, e o infausto dia da derrota para a Alemanha. Alguns dos colunistas resumiram os acontecimentos de forma que facilita a visualização dos eventos da Copa e talvez lançar mão de algum olhar crítico para as considerações. A seguir trechos paralelos, porém sinópticos.

Buscamos no futebol uma cifra do que podemos ser. Gostamos de achar no estilo da seleção uma singularidade brasileira, diferente do padrão europeu, pois nela estaria a ideia de nação para além da pálida imitação civilizatória de um modelo já conhecido. Torcer é achar-se em unidade com outras pessoas e com o time: abraçar os estranhos na arquibancada e a torcida é, conforme o ditado, o 12º jogador. O indivíduo dilui-se na multidão e junto ao time. O entusiasmo desinteressado- no qual a pessoa esquece de si e apaga e eu pro alguns momentos - contraria o racionalismo crítico de que carecemos diante da forma político-econômica pela qual a Copa foi feita mas é, ao mesmo tempo, coerente com o prazer festivo do futebol. Não se trata, entretanto, de uma encruzilhada. **Podemos fruir a Copa esteticamente e criticá-la politicamente.** Uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa. Nada se transforma sem crítica. Nada vale a pena sem prazer. O problema é que está difícil acompanhar com desinteresse a Copa, por tudo que a cerca. Gastos excessivos, estádios inexplicáveis, corrupção e os favorecidos de sempre convivem com a precariedade social dos hospitais e escolas de um país aquém do que o povo brasileiro precisa. Mas esse povo ama o futebol e gostaria de festejá-lo, de ser tomado por aquela embriaguez desmensurada e dionisiaca da qual falava Nietzsche. **Na festa do canto e da dança, o homem torna-se membro de uma comunidade superior.** "Desaprendeu a andar e a falar está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares", afirmou o filósofo. Nelson Rodrigues, o maior escritor sobre futebol que já tivemos, espantava-se que, no Brasil, os homens largassem tudo -trabalho, namorada- pra ver um jogo. O fascínio explicava-se, para ele, por buscarmos em clássicos e pelada uma só coisa: poesia. Queremos jogar bonito, procuramos o chamado futebol-arte. Valorizamos o escrete de 1982 do Brasil, mesmo tendo sido derrotado, Por quê? Pois ali havia poesia (DUARTE, PEDRO²⁹. Poesia em campo. **O Globo**. p.03, 21 jun. 2014). Grifo nosso.

28Luís Carlos Verzoni Nejar, mais conhecido como Carlos Nejar é um poeta, ficcionista, tradutor e crítico literário brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia. É graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

29Pedro Duarte é professor de Filosofia da PUC-Rio e autor do livro "Estio do tempo: Romantismo e estética moderna".

Além dos destaques dos aspectos positivos e negativos que foram elencados, uma vez que eles noticiam as novidades e perspectivas, também podemos discutir a importância social da realização do evento Copa do Mundo sob um aspecto mais crítico, considerando as informações transmitidas pela mídia, podendo (re) interpretá-las e dar-lhes significados.

Nesta Copa que parece um flashback de felicidade, sinto a alegria da 'normalidade'. Esta Copa de 2014 nos trouxe de volta um sentimento semelhante — temos alguma causa em comum, um desejo de vitória, um desejo de avanço, uma alegria que não sentíamos há muito tempo. **Por algumas semanas perdemos a sensação de tudo ser fragmentário, inatingível e um país possível surgiu a nossa frente.** Alguém escreveu por aí que se dedicássemos toda essa energia para mudar o Brasil politicamente, seria um “chuí” ou um “banho”, como se dizia em futebol. **Daqui a uma semana, voltará o sentimento de excesso, de insolubilidade para os problemas do mundo, estaremos de novo em trânsito como carros engarrafados, dominados por celulares, por circuitos sem pausa, com nossa identidade cada vez mais programada. Depois da sensação de passado, estaremos sem presente.** Voltará o suspense diante do destino político, principalmente com as eleições. Estamos no intervalo. Que nos espera depois do jogo contra a Alemanha? Que nos espera em Brasília? (JABOR, ARNALDO³⁰. Gramados verdes, céus azuis. **O Globo**. p. 08, 08 de jul. 2014). **Grifo nosso**

A única realização genuinamente original e vitoriosa de uma instituição pública nacional foi a atuação da Polícia Civil do Rio, juntamente com a Polícia Federal, no desmantelamento da quadrilha que atuava já há quatro Copas na venda ilegal de bilhetes para os jogos do campeonato do mundo. Mesmo o clima de segurança que vivemos, tão elogiado pelos jornalistas estrangeiros, é absolutamente atípico, consequência do uso do Exército e das polícias num esquema de prontidão absolutamente impossível de ser mantido no dia a dia do país. Até o trânsito, criticado pelos estrangeiros, está mil vezes melhor do que o usual em todas as capitais do país pela decretação de feriados nos dias de jogos. **Estamos vivendo uma espécie de conto de fadas que se desvanecerá assim que a Copa do Mundo acabar, e tivermos de voltar ao nosso dia a dia de insegurança e imobilidade urbana nos grandes centros. A Ilha da Fantasia em que se transformou o país da Copa mostra apenas o país que poderia ser e não é, com as pessoas andando alegres pelas ruas, sem receio de assaltos.** Mas a presidente Dilma não aceita que o atraso nas obras previstas pelo PAC da mobilidade urbana tenha prejudicado a realização da Copa, e tem razão nessa visão estreita que só pensa nos benefícios eleitorais que pode tirar. Viadutos que caem ou que simplesmente não serão construídos, transportes urbanos deficitários, aeroportos com puxadinhos para dar conta do movimento, nada disso prejudica a realização dos jogos. Mesmo os estádios superfaturados e inaugurados em cima do laço, muitos sem nem mesmo uma vitória, não impediram que os

³⁰Arnaldo Jabor é um cineasta, roteirista, diretor de cinema e TV, produtor cinematográfico, dramaturgo, crítico, jornalista e escritor brasileiro.

jogos da Copa do Mundo fossem fascinantes, mesmo que a grama de alguns deles tenha sido criticada, ao contrário do que disse o ex-presidente Lula, que atribuiu a desclassificação da seleção da Inglaterra à excelência de nossos gramados. Mas não houve nenhuma demonstração da capacidade de realização deste governo que tenha sido diferente da África do Sul, por exemplo, o que mostra que, de uma maneira ou de outra, as Copas do Mundo sempre se realizam. As obras atrasadas, na verdade, são as mais importantes para as cidades envolvidas na organização de uma Copa do Mundo, e interessam aos seus habitantes, não à Fifa, que sairá do país com os bolsos cheios e sem compromisso nenhum com nosso desenvolvimento. E nem era para ter. Nós, que aqui vivemos e que temos de conviver com a gestão indigente de nossos governos, é que teríamos que exigir mais responsabilidade pelas promessas não cumpridas e menos regozijo por fatos que nada têm a ver com os governantes. Como as belas praias e o povo caloroso destacados nos depoimentos dos jornalistas estrangeiros. (...). Os estereótipos foram reforçados por esses dias, e até os indígenas tiveram seu lugar no folclore nacional realçado (PEREIRA, MERVAL³¹. Alhos com bugalhos. **O Globo**. p.04, 08 de jul. 2014). **Grifo nosso**.

Basta um olhar mais crítico para podermos mostrar outro lado do discurso sobre a representatividade da seleção para a nação:

A seleção não representa o Brasil. Se o Congresso e os políticos, que são eleitos, não o representam, por que uma equipe de jogadores poderia fazê-lo? O raciocínio é absoluto e vale quando invertido: também nas grandes vitórias o time brasileiro não encarnava, nem virá a encarnar, a nação. Essa história de que a seleção é a pátria de chuteiras é balela, uma metáfora mal-ajambrada. A derrota de quarta-feira — a hecatombe, a catástrofe, o vexame, a vergonha, o massacre, qualquer que seja a designação estentórea que se lhe dê — é uma humilhação apenas para os que nela estavam implicados. Sendo o futebol o que é, não parece razoável esperar que ela produza grandes modificações na organização do esporte. Alguns nomes serão trocados e, como eles mesmos dizem, bola pra frente. Para os outros, para nós, restarão as palavras. O espantoso jogo contra a Alemanha será analisado, interpretado, discutido e dissecado como um cadáver (CONTI, MARIO SERGIO³². A pátria sem chuteiras. **O Globo**. p. 02, 10 jul. 2014). **Grifo nosso**.

Para finalizar, um trecho que acreditamos resumir o discurso geral pós-Copa:

Longe do discurso meramente ufanista, essa Copa serviu para afastar, temporariamente, a nossa síndrome de vira-lata — pelo menos fora das quatro linhas. O Brasil ganhou a Copa. Não falo da seleção que, infelizmente, teve seu objetivo interrompido — e isso

31MervalPereira é um jornalista e escritor brasileiro, funcionário das Organizações Globo e membro da Academia Brasileira de Letras.

32Mario Sergio Conti (São Paulo, 1954) é um jornalista, apresentador de televisão e escritor brasileiro. Foi editor da revista *Veja* e do *Jornal do Brasil*, entre outros veículos. É repórter da revista *Piauí* e colunista dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Escreveu o livro *Notícias do Planalto, a Imprensa e Fernando Collor*.

seria papo para outro artigo. Mas, sim, do país. Foi difícil encarar o ceticismo de brasileiros e estrangeiros, a ameaça de manifestações violentas e de paralisações em serviços importantes, os alardes negativos em relação à infraestrutura, entre muitos outros desafios ao investimento nessa Copa. Isso sem contar o legado para a nossa imagem: a grande maioria dos turistas ficou encantada com a forma com que foi recebida pelo povo brasileiro; elogiou nossa culinária, sucumbiu aos nossos dois beijinhos no rosto e assistiu maravilhada aos nossos aplausos ao pôr do sol. Elogiou nossos estádios, deu boas notas ao nosso sistema de transporte e à segurança do evento. Apaixonou-se pelas coisas que, por vezes, deixamos passar batidas no nosso dia a dia, na sombra da máxima de que nada no Brasil presta ou funciona. Longe de mim ter um discurso meramente ufanista, mas alguém tem dúvida de que essa Copa serviu pra afastar, mesmo que temporariamente, a nossa síndrome de vira-lata em relação ao mundo (pelo menos, fora das quatro linhas)? Essa mesma síndrome foi a que fez muitos não acreditarem e não quererem investir por aqui — por sorte (na verdade, prefiro acreditar que por competência) outros muitos surfaram nessa onda de oportunidade única. **Lamento informar aos pessimistas e derrotistas: o Brasil ganhou a Copa.** E foi de goleada (MARIZ, JÚLIO³³. O ouro do Brasil no Mundial. **O Globo**. p. 13, 13 jul. 2014). **Grifo nosso.**

2.30 DEPOIS: TEVE COPA, TEVE SUCESSO, SÓ NÃO TEVE A TAÇA

Passada a euforia da Copa o que foi noticiado permeou assuntos como planejamento e visitação para as Olimpíadas Rio 2016, além das eleições presidenciais deste mesmo ano, fatores esses que, possivelmente, foram responsáveis pela diminuição dos comentários ainda sobre a Copa de 2014 após seu término.

O sucesso da Copa é boa notícia para 2016. O ceticismo em torno dos dois eventos foi respondido. Os preparativos para a Copa do Mundo da Fifa de 2014 no Brasil foram marcados por uma série de histórias assustadoras, sugerindo que o país e a maioria das cidades-sede não estavam prontos para sediar o torneio. Os meios de comunicação internacionais foram ativos em destacar todas as instâncias de um problema na preparação e em emitir terríveis advertências do que esperar da realização do Mundial. No entanto, aqueles de nós que conheceram o Brasil e a sua determinação para o sucesso continuaram a acreditar que esta seria uma Copa do Mundo incrível. E isso acabou sendo provado. O Brasil e todas as 12 cidades-sede devem se sentir orgulhosos do que foi alcançado durante a competição. Este foi um evento muito especial, que foi tornado possível pelas autoridades e pela maravilhosa hospitalidade e boas-vindas dadas pelo povo brasileiro. E, no final, o torneio

33Julio Mariz, engenheiro e consultor de marketing esportivo.

destacou para um mundo que assistia à demonstração de que o Brasil, como país, merece seu lugar como ator no cenário mundial. É claro que os problemas e os protestos de junho do ano passado que tipificaram a Copa das Confederações de 2013 continuam a ser questões reais dentro da sociedade civil, que a Copa do Mundo não resolve, mas a nação tem o direito de sentir um renovado senso de confiança. Existem muitos desafios importantes pela frente, mas a evidência é de que o Brasil mostrará ao mundo que é capaz de sediar os dois maiores eventos esportivos do planeta um em seguida ao outro. Ao alcançar isso, enviará um sinal que vai além da experiência esportiva e reforçará o lugar do Brasil no cenário global como um membro respeitado da comunidade internacional(LEE, MIKE³⁴. Para calar os críticos. **O Globo**. p. 21, 24 jun. 2014).

Ainda sobre os planos futuros em relação às Olimpíadas de 2016, há de se lembrar de que:

Como foi apontado em diferentes estudos e matérias jornalísticas veiculadas durante e depois do Mundial da Fifa, o turismo é um dos setores mais beneficiados com a realização e o legado do megaevento. É preciso criar uma estratégia competitiva para fortalecer a imagem do Brasil no mercado global, criando uma identidade para o país, atraindo novos investimentos e envolvendo o turismo, as empresas exportadoras, a cultura, o esporte e a diplomacia. **Também é importante preparar uma mensagem única para apresentar ao mundo em 2016. A proposta deve ser mostrar que somos de verdade, divulgando nossa imagem do nosso jeito** (PIRES, JEANINE. ³⁵Podemos tirar nota 10. **O Globo**. p. 19, 20 jul. 2014).**Grifo nosso**

Noticiou-se sobre a vontade dos “hermanos” de voltarem para o Brasil nas Olimpíadas. Segundo pesquisa, 58% dos visitantes querem estar no Rio em 2016; o perfil do público dos jogos vai mudar. Visitantes, autoridades e especialistas em turismo e esportes apostam que o sucesso da Copa no Brasil, e em especial em território carioca, deve provocar uma mudança no conhecido perfil dos torcedores olímpicos. Ou seja, os primeiros jogos em território sul-americano deverão ter mais turistas padrão-Copa. Poderão ser, de fato, Olimpíadas "Hermanas". Os turistas da Copa, na maioria são homens, solteiros e jovens. Os das olimpíadas são amantes das diversas modalidades esportivas, chegam com ingressos comprados, e são de nacionalidades mais variadas, porque participam muito mais países dos Jogos do que do Mundial. Mas com a proximidade regional e a partir do sucesso que foi a Copa na cidade, esse perfil de público pode mudar nas Olimpíadas ficando mais jovem e

34Mike Lee, consultor de marketing das candidaturas olímpicas de Londres e Rio.

35Jeanine Pires, diretora da Pires e Associados, nomeada como Secretária de Desenvolvimento Econômico e Turístico de Alagoas.

latino (Acabou a festa, mas 'Hermanos' já planejam voltar para as Olimpíadas. O Globo. 14 de Julho de 2014. Pág.10).

Nesse 'balanço geral' da Copa o setor do turismo foi amplamente beneficiado, o Rio recebeu quase 900 mil visitantes na Copa. Segundo balanço da prefeitura, arrecadação do setor de turismo chegou a R\$ 4,4 bilhões. Destes, 471 mil turistas estrangeiros e 415 mil visitantes nacionais e os hotéis tiveram até 97,6% de ocupação, o gasto de turistas no país é recorde: US\$ 797 milhões(16 de Julho de 2014. Pág.11).

A Copa do Mundo chegou ao fim com o título da Alemanha. Apesar da 'ressaca' do carioca com o desempenho da seleção brasileira no Mundial, a competição deixou benefícios para a cidade que merecem comemoração. "Um deles é a estação intermodal do Maracanã. Outro legado deixado pelo Mundial foi a passarela coberta, apesar de ainda estar fechada para uso. Apesar dos problemas, a maioria dos moradores ficou satisfeita com a atenção que o bairro passou a ser tratado em virtude da competição"(Gol da mobilidade. O Globo. 24 de Julho de 2014. Pág.08).

Além disso, a Copa no Brasil foi o maior evento de mídia social já registrado, envolvendo 350 milhões de usuários do *Facebook* no mundo todo. A "conversa" sobre o Mundial foi formada por três bilhões de publicações e curtidas. "Sabíamos que a Copa seria grande, mas esse nível de engajamento é extraordinário (diretor de parcerias de mídia global do *Facebook*). (Mundial foi o maior evento de mídias sociais já registrado, diz *Facebook*. O Globo. 15 de Julho de 2014. Pág.21).

Já no campo da natureza e cultura, após o fim da Copa o que se destacou foi um debate acerca da relação com os "Hermanos" na identidade brasileira. Especialistas temiam que, depois da Copa, rixa com 'Hermanos' iria além do mundo do futebol. Eles começaram a chegar ao início de junho, mas, em pouco tempo, reuniram-se aos milhares. O relacionamento com os 'Hermanos' apesar de cordial na maior parte do tempo, teve episódios que mostraram o tamanho da rivalidade entre Brasil e Argentina. "Não se pode entrar no terreno da intolerância. A rivalidade está dentro do futebol, mas tomou proporções exageradas. Se ficar nas relações jocosas, é saudável, coisa de torcedor" - Ronaldo Helal.

Helal esteve em Buenos Aires para analisar a narrativa dos jornais argentinos nas Copas do Mundo entre 1970 e 2006. O que encontrou com certa perplexidade: uma exaltação ao "jogo bonito brasileiro". De 1998 pra cá esse discurso vem mudando. Eles não faziam ideia de como eram tratados por nós quando o assunto é futebol. A nossa imprensa diz que ganhar é bom, mas ganhar da Argentina é muito melhor. Com a internet, essas informações começaram a chegar por lá, e os argentinos tomaram consciência que debochamos deles há décadas.

O sociólogo Pablo Alabarces formulou a frase "os brasileiros amam odiar os argentinos, enquanto os argentinos odeiam amar os brasileiros", mas os argentinos estão começando a odiar os brasileiros. Alabarces enxerga na "rixa" com os hermanos outras questões que vão da formação da identidade nacional à geopolítica. Segundo ele, a torcida do brasileiro pela Alemanha causou estranhamento, não apenas pela derrota histórica na semifinal, mas por se tratar de um embate entre América do Sul e Europa. "Será que o Brasil não está se distanciando da América Latina? - questiona Lovisolo- O país não se vê como latino-americano, é como uma ilha dentro do continente. A implicância brasileira com o vizinho, diz o sociólogo, futebolisticamente não faz sentido nas últimas décadas. Para ele, a "broma" de comparar Maradona com Pelé atinge em cheio um símbolo formador da identidade nacional, e isso é parte da explicação para essa rixa. A identidade não é algo dado, é construída. Veja que sobre a Alemanha, mesmo com quatro títulos mundiais, ninguém diz que é o país do futebol. Fala-se de trabalho em equipe, de disciplina, da produtividade. O Brasil é o país do futebol e tem em Pelé seu rei. São dois lados de uma mesma moeda. Se o reinado do Pelé cai, o Brasil como país do futebol também pode cair. O sociólogo vê com preocupação o acirramento da rivalidade visto de parte a parte durante a Copa do Mundo. Corroborando com o estudo do Helal, Lovisolo afirma que do lado argentino não existia esse tipo de enfrentamento e chama atenção para a publicidade. É comum ver por aqui propagandas zombando dos vizinhos. A publicidade reflete símbolos que estão presentes. Não vai chegar a uma guerra, mas temo que se torne uma relação menos de irmãos e mais entre vizinhos, com um criticando o outro (Extrapolou as 4 linhas? O Globo. 19 de Julho de 2014. Pág.32).

Perdemos a 'Felicopa', mas realizamos a melhor das Copas — a Copa das Copas, como a presidente Dilma prometia e a gente ironizava. **Nós, jornalistas, somos mesmo profetas do passado, quase nunca acertamos o futuro. Esperávamos o sucesso nos gramados, e anunciávamos o caos nas ruas, aeroportos e portos. Erramos**, embora se saiba que as obras ficaram inacabadas, assim como outros legados de infraestrutura. Mas no momento o que interessa é que recebemos o elogio quase sem restrições dos colegas estrangeiros, o reconhecimento das delegações adversárias à nossa hospitalidade, à organização, à tolerância bem-humorada para com as provocações dos espaçosos Hermanos, admitida até por eles mesmos. A seleção, muito menos a atual, não é a pátria de chuteiras, não representa a pátria sem chuteiras. Isso foi uma hipérbole do genial cronista, que um dia escreveu que toda unanimidade é burra e hoje, por ironia, aceita-se unanimemente o que escreveu ou disse (VENTURA, ZUENIR. Um remédio mais radical. **O Globo**. p. 15, 16 jul. 2014). **Grifo nosso**.

De modo geral, nas estatísticas, mesmo com casos de protestos, e relatos de insegurança. A frequência de furtos ficou abaixo da registrada durante a Jornada Mundial da Juventude (405 furtos/dia) e a Copa das Confederações (266 furtos/dia). Segundo o balanço inicial, não houve registro de ocorrências graves. Entre os crimes que chegaram às delegacias de polícia, os furtos responderam por 74% do total de casos, seguido pelas queixas de cambismo que representam 5,2% dos registros. (17 de Julho de 2014. Pág.10).

O balanço identitário do final da Copa caminha de maneira ambivalente ao afirmar a maturidade típica da racionalidade ocidental ao mesmo tempo em que desconfia que sua manifestação pode ter sido uma excepcionalidade:

Brasileiros reagiram à eliminação da nossa equipe com maturidade que não esperávamos de nós mesmos. No sétimo dia de um luto discreto, cai o pano da Copa, abre-se o das eleições de outubro (...). **Em vez disso, houve lucidez face às nossas deficiências, aplausos, em campo, para o adversário que nos devastava e justificado orgulho de tudo mais que, na Copa, foi grande sucesso** (...). Os aplausos vão para o povo brasileiro (...). O cartão vermelho vai para o padrão Fifa de corrupção. Cartão vermelho também para o superfaturamento dos estádios e para o desabamento de um viaduto mal construído que feriu e matou, crimes que terão que ser apurados. A sociedade brasileira surpreende. Já tinha surpreendido com as manifestações pacíficas de junho do ano passado ao colocar claramente suas reivindicações e ao se retirar das ruas, dando prova de bom senso, para não confundir-se com um punhado de mascarados saídos não se sabe de onde nem mandados por quem. Derradeiro legado da Copa: aprendemos, com o descalabro de Felipão, a desconfiar das lideranças iluminadas e a confiar nas equipes bem treinadas e competentes, onde não há herói nem condottiere, apenas cada um fazendo bem o que tem que fazer na posição em que joga no time. Não é isso o bom governo?

(OLIVEIRA, ROSISKA DARCY. Pena de nós, não precisava. **O Globo**. p. 24, 19 jul. 2014). **Grifo nosso**.

Lições da Copa: nós e o Outro. **Que a hospitalidade e a generosidade com o estranho, o forasteiro, não se manifestem só em grandes eventos, mas no dia a dia também.** Tudo indica que nem o fiasco da seleção brasileira nem os problemas identificados, usuais em grandes eventos, apagarão as marcas positivas do que sempre é, no Brasil, uma celebração popular: o futebol. Uma delas, destacada pela imprensa nacional e internacional, foi a hospitalidade com que os visitantes foram recebidos. Sobre isso chamou a minha atenção o caso de pessoas que se cadastraram e abriram suas casas para abrigar visitantes de diferentes países que tinham ingresso, mas não recursos para ficar em hotéis. Nas entrevistas, tanto brasileiros quanto estrangeiros ressaltaram a beleza da possibilidade de encontro e intercâmbio e do processo educativo para a vida. **Com isso se destacou um elemento muito significativo da cultura brasileira: a hospitalidade e a acolhida do Outro, acompanhadas da gentileza. Claro que não podemos tampar o sol com a peneira e deixar de reconhecer o oposto. Em nosso país há fortes expressões de desconsideração com o Outro, com o estranho no cotidiano. Isso se reflete em violência e intolerância.** Muitas vêm dos comumente identificados como bandidos (assassinos, assaltantes, traficantes ilegais), outras de quem pratica discriminações, vandalismo ou linchamento moral. Com isso, há quem diga que a imagem do brasileiro cordial está se extinguindo (CUNHA, MAGALI³⁶. Lições da Copa: nós e o Outro. **O Globo**. p.26, 10 jul. 2014). **Grifo nosso**

Numa Copa do Mundo, os times não são clubes, mas símbolos vivos de estados nacionais que, obviamente, vão além do futebol". País afora, o 7 a 1 deflagrou um processo generalizado do que os anglo-saxões chamam de *soul searching*. Cada um à sua maneira, perplexos, indignados e revoltados, estamos todos remoendo o desastre na Copa, em busca das razões profundas para desempenho tão lamentável, compelidos a aceitar fatos que nos recusávamos a enxergar. Com o país inteiro engajado em intensa troca de impressões sobre os resultados desastrosos que podem advir da improvisação, do voluntarismo e da arrogância, as inevitáveis analogias entre o futebol e a economia vão se tornar cada vez mais frequentes. O Planalto tem boas razões para estar preocupado. E não pode reclamar das analogias fáceis. Foi a presidente quem primeiro sugeriu que seu governo era "padrão Felipão" (WERNECK, ROGÉRIO FURQUIM³⁷. Escapismo, Vexame e Voto. **O Globo**. p. 18 18 jul. 2014).

Muitas interpretações do Brasil por meio da Copa do Mundo vão equilibrar-se entre os discursos da modernidade e da tradição.

36 Magali Cunha, colunista o Globo, política e religião.

37 Rogério Ladeira Furquim Werneck é doutor em Economia pela Universidade Harvard e professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.

Mostramos para o mundo todo que nós, brasileiros, somos capazes de organizar e receber megaeventos esportivos, aprimorando casos de sucesso que eram tidos como referência. O sucesso da Copa poderá deixar outro legado. A reformulação do futebol brasileiro, que passa necessariamente pela volta do público aos estádios. A presença maciça de torcedores nos jogos reforça o vínculo com os clubes, motiva os patrocinadores a investirem e possibilita um melhor espetáculo para a TV. Temos grandes clubes, a paixão pelo futebol **e a ginga natural do jogador brasileiro.** Soma-se a isso o trunfo das novas arenas, que inegavelmente oferecem conforto, segurança e serviços de qualidade. A paixão do brasileiro foi revigorada com a competição, as estruturas foram modernizadas e as famílias reviveram a diversão nas arenas. Agora é hora de valorizar um dos nossos maiores patrimônios: o nosso futebol, os nossos clubes e, em consequência, a seleção brasileira e as cinco estrelas que ostentamos na camisa (CIDREIRA, DENIO³⁸. A festa tem que continuar. **O Globo.** p. 17, 23 jul. 2014). **Grifo nosso**

Outras, mais ‘rodrigueanas’, reafirmam nosso destino de inferioridade e incapacidade:

Nesta Copa, só o povo estava de chuteiras, para esquecer os escândalos que lhe mergulharam em cada depressão. Fome nacional “por um prato de comida”, a ânsia dos vira-latas. Já disse e repito que, antes, nas Copas do Mundo, éramos a pátria de chuteiras. Hoje somos chuteiras sem pátria. Fomos infeccionados pelo futebol europeu, mas pela metade; ficamos na dúvida se somos Pelé ou Dunga. Nesta Copa, só o povo estava de chuteiras, para esquecer os escândalos que lhe mergulharam em cada depressão. Foi diferente de 1950. Lá, sonhávamos com um futuro para o país. Agora, tentamos limpar nosso presente. **Somos uma nação de humilhados e ofendidos, pois o país é dominado por ladrões de galinha e batedores de carteira.** E a população queria que o escrete fizesse tudo que o governo não fez. Mas era peso demais. **O brasileiro não estava preparado para ser o “maior do mundo” em coisa nenhuma.** Mas o Brasil nunca está em seus melhores dias. Não esperávamos uma vitória, mas uma salvação. Só a taça aplacaria nossa impotência diante da zona brasileira — era nossa única chance de felicidade. **Atrás da derrota, estavam todos os nossos vícios seculares: salvacionismo, milagres brasileiros, fé no improviso, vitórias abstratas e derrotas políticas.** Além disso, há entre nós e a loucura um limite que é quase nada. Ao contrário do que disse Parreira em 2006, que “não estávamos preparados para perder”, desta vez estávamos todos preparados para a calamidade e secretamente sabíamos disso. Agora estamos com uma angústia épica, como uma víbora crispada dentro de nós. E depois de perdermos para a Holanda por 3 a 0, vimos que não houve derrota — como haver derrota se não tínhamos time? O povo viu no fracasso a confirmação de sua sina de vira-latas e desceu as rampas arrastando os chinelos, como em 1950. Agora, eis o nosso dilema: ou o Brasil ou o caos. O diabo é que temos a vocação do caos. O Brasil precisa ser feito e nós não o fazemos. O mal da cultura brasileira é que nenhum intelectual sabe bater um escanteio. Mas **ninguém cresce sem**

38Denio Cidreira é diretor da Odebrecht Properties Entretenimento

sentir o gosto amargo da vergonha. Sempre fomos condenados à esperança, ansiando por uma redenção pelo futebol; mas pode ser que agora a gente vá assumir a própria miséria, a própria lepra, e isso será nossa salvação. É isso aí, amigos, é só(JABOR, ARNALDO. A volta do complexo de vira-latas. **O Globo**.p. 10, 15 jul. 2014).

Roberto DaMatta nos lembra que quando nos comparamos e nos contrapomos aos países capitalistas modernos que são modelos ideais (e idealizados) de modernidade, como os Estados Unidos, a França e a Inglaterra, pensamos em parâmetros ‘universalizantes’ (trânsito, vida urbana, renda per capita, sistema financeiro e educacional, saúde, etc.). Mas, “quando queremos enxergar o lado incomparável e singular do Brasil, um lado que nos conforta, falamos de coisas inefáveis, incomensuráveis e incomparáveis, como a comida, e a música” (DaMatta, 2004).

Existe identificação com aquilo que tem ligação ao País, é onde as diferenças tornam-se menores que as semelhanças. Nesse plano, não há lugar para diferenciações sociais. Como coloca DaMatta (2004), “as identidades, como as narrativas, têm muitos pontos de partida”, e esse ponto de partida é escolhido de acordo com a linha de discurso que se quer seguir. Por isso, a construção de identidades “é um jogo entre o que deve ser necessariamente lembrado e o que deve ser necessariamente esquecido em certas situações” (DAMATTA, 2004).

Por isso, quando se lança mão da construção da identidade nacional para exportação, geralmente passa-se a ideia de uma nação no plano universalista.

30 ENCERRAMENTO E O ‘ATÉ LOGO’

O objetivo desta pesquisa foi analisar as narrativas jornalísticas acerca do Brasil e dos brasileiros, por meio de uma análise interpretativa do jornal O Globo. Alguns aspectos e categorias (organização, cultura, natureza e disciplina), como já citados, foram elencados a fim de elucidar os discursos sobre a identidade brasileira no andamento da Copa do Mundo.

Nosso período de análise contemplou os dias 29 de Maio de 2014 a 11 de Junho, momento este, classificado como o “antes” da competição, de 12 de

Junho de 2014 a 13 de Julho, o período de realização efetiva dos jogos e, 14 de Julho de 2014 a 28 de Julho de 2014, o “depois”.

Tínhamos como hipótese inicial a possibilidade de mudança no discurso da imprensa acerca da realização dos jogos no Brasil, de polos de tradição e modernidade.

A forma que a imagem de um país é narrada e construída é uma questão que envolve aspectos internos e externos a este país. Por meio destas imagens, podemos dizer que, por exemplo, os Estados Unidos ‘são assim’, que a França é ‘daquele jeito’, e assim alguns estereótipos são criados em torno de uma nação.

Podem existir interesses por trás dessas definições, como o enquadramento, o ato de transformar o desconhecido em algo conhecido por identificação. Podemos pensar que por trás do ato de definir, mora a tentativa de dominar algo que é estranho e assim, transformá-lo em algo familiar, ou seja, eliminar a ‘estranheza’.

Em relação ao que foi dito sobre a Copa ao longo da nossa análise podemos observar que antes da realização dos jogos houve citações negativas sobre o atraso das obras e as polêmicas em torno dos grandes gastos para efetivação das mesmas. Além das deficiências na mobilidade urbana. O que causou certa apatia da população que ainda se mostrava descrente e um tanto quanto pessimista.

Parece-nos que ainda se tem esse sentimento, quando se observa a organização de uma Copa do Mundo, as pessoas, mesmo lúcidas têm a inclinação que será uma catástrofe. Quase um “culto da derrota e da imperfeição”, enquanto o que se fez na Alemanha foi uma maravilha, por exemplo.

Há certo sentimento de “inferioridade voluntária” por parte dos brasileiros, talvez algo inoculado de alguma maneira ou por determinado grupo para desvalorizar o que é feito aqui e manter o que é de fora como superior.

Prevalecia, por ventura, o famoso “complexo de vira-latas” termo cunhado pelo cronista esportivo, Nelson Rodrigues.

Às vésperas da competição, os sentimentos ainda eram ambivalentes, havia a perspectiva positiva de alguns legados e o desânimo e descrença da população.

De fato, o fator mais positivo que fora citado foi a enorme receptividade dos brasileiros. Os estereótipos que antes eram explanados pelo mundo afora de que o Brasil era tão somente a terra do samba e do futebol, essencialmente, já estavam deslocando seu discurso para algo muito melhor, de que o Brasil e os brasileiros tinham muito mais a ser explorado.

Não se pode conceber que hospitalidade seja apenas a atividade turística de hospedar o viajante, ou a relação comercial de oferecer abrigo, alimentação em troca de pagamento. Há mais do que isso, o ato de receber pressupõe uma troca de valores humanos entre visitantes e visitados. Os turistas não ficam restritos aos lugares de hospedagem ou de visitaçã, circulam pela comunidade receptora interagindo com a população local, interagindo com seus costumes e descobrindo alguns de seus “mistérios”.

Em oposição a este aspecto positivo da população havia ainda o discurso de tensão com as manifestações, greve, confrontos. Os movimentos sociais ganharam força e geraram um clima de apreensão pré-copa. No entanto, poucos casos eram noticiados, no caso das cidades-sede, houve pouca adesão, e muitos brasileiros aguardavam a Copa com muito entusiasmo.

Havia um preleção por parte dos jornalistas de que o povo estaria mais consciente dos problemas da população brasileira, que essas manifestações seriam o “despertar da nação de chuteiras” para os problemas que acontecem fora dos gramados.

O início dos jogos foi marcado por sentimentos dicotômicos de alegria e raiva/ indignação. Alegria daqueles que já se animavam com o clima da Copa, e indignação daqueles que ainda se comoviam com as polêmicas em torno da realização do evento.

O transporte, inacabado, problemático, assim como a desorganização nas filas dos aeroportos, a precariedade da internet 3G nos estádios, a permanência de algumas greves sem definição de finalização, as obras, de modo geral, incompletas. Os questionamentos acerca dos estádios: e depois da Copa? Virarão elefantes brancos? Eram questões que persistiam.

Muitas ações foram desenvolvidas para que os turistas “se sentissem em casa”, mesmo com a limitação da língua - uma barreira pouco ultrapassada. O período era alegre e festivo, a população dava o seu “jeitinho” de se comunicar.

Os turistas criticaram os transportes e os aeroportos, mas elogiavam enfaticamente e repetitivamente a cordialidade e o calor da população e até a organização do evento. De fato, se sentiam em casa e incorporavam hábitos locais. Apreciavam a simpatia do povo e as belezas naturais.

Os brasileiros conquistaram o coração dos turistas, e aquele pessimismo que rondava na imprensa mundial, inclusive sobre a logística, foi substituído pelo brilho da festa.

E com o passar dos dias, o clima além de alegre era seguro, a população saía nas ruas sem medo, o Brasil foi citado como capaz de sediar o maior evento esportivo do mundo.

Chegando ao final dos jogos, foi noticiado que o apoio da população aos protestos caíra, mesmo com alguns episódios de conflitos de alguns grupos específicos, as polêmicas dos ingressos e a corrupção da entidade organizadora.

Podemos observar que, de modo geral, o discurso do “antes, durante e depois”, oscilou entre observações positivas e negativas. Fizemos contrapontos entre as matérias e os artigos, de forma que eles se completassem ou se opusessem sobre o mesmo assunto, ou até mesmo sobre argumentos generalizados.

O polo da racionalidade brasileira (organização, planejamento, controle, qualidade, segurança, seriedade, desorganização, indisciplina, falta de planejamento, falta de controle, desordem, falta de qualidade), e o da alegria, espontaneidade, calor (ou falta de), malandragem, miscigenação, natureza, turismo, costumes e possíveis legados (polos da singularidade brasileira) foram distintivamente exaltados e muitas vezes sobrepostos.

O discurso era que apesar do brasileiro ter inúmeras razões para reclamar de tudo, deveria saber diferenciar que “Copa é Copa” e “reclamação é reclamação”, não havia mais o que dizer e fazer, haveria Copa, sim, não poderiam privar o povo brasileiro de algo que o trouxesse tamanha alegria, e nem tão pouco seria útil, já que os gastos já estavam contabilizados e nada disso iria mudar a conjuntura social, cultural, econômica e política do país.

E o fato de estarmos revoltados com gastos e investimentos, e confrontarmos com a atual situação da saúde, da educação brasileira, por

exemplo, mostrava que estaríamos amadurecendo como nação, priorizando e alocando as coisas nos devidos lugares.

Infelizmente por algum tempo a imagem do Brasil foi pautada apenas nas mazelas cotidianas, e nas possibilidades de caos e nas impossibilidades de êxito, e a Copa e a atuação dos brasileiros tiveram papel crucial para que essa imagem melhorasse.

Para os jornalistas, a Copa deveria ser realizada mesmo, com todas as letras, as manifestações iriam diminuir, e mesmo que a organização possa ter deixado a desejar em alguns momentos, a euforia tomaria conta e o povo queria assistir com emoção aos jogos.

Torcer contra, ok. Quer falar mal do governo? Ok. O que fora pedido foi: façam isso, porém sem conturbar a ordem e sem incentivar ao caos. Para alguns mais críticos, os brasileiros já não dependiam mais do futebol para serem felizes ou infelizes. Outros acreditavam que poderíamos construir um modelo global de vida, tendo as bases da miscigenação, sabedoria, a beleza, a harmonia, e o mais importante, a vocação para a alegria.

O silêncio inicial, decorrido do desânimo e de certa apatia da população era considerado sinal de mudança, positiva por sinal, de que o país mudou para melhor. Certo encanto com a Copa ficara no caminho e a maioria achava que os gastos poderiam ter sido minimizados e usados para a saúde, educação e segurança no país.

Mais uma vez afirmaram que a vitória ou a derrota da seleção não era mais vivenciada como a derrota ou a vitória da nação brasileira, como na Copa de 50, por exemplo. Os resultados da seleção já não transcenderiam o universo esportivo.

A torcida mostrou que era possível gostar do futebol e criticar o governo e a Fifa. O Brasil desta Copa é um Brasil mais complexo, plural. Os movimentos de 2013 foram de massa, espontâneos sem bandeiras específicas. Já na Copa de 2014, a violência, os grupos de milícias e as reivindicações partidárias e corporativas mudaram a natureza dos protestos.

A Copa seria apenas parte do contexto da insatisfação da população. Era a hora e o momento de jogar contra a Fifa, a CBF e a corrupção federal, mostrando que o futebol teria forças tanto nos gramados quanto fora. A Copa

era do povo brasileiro. A percepção popular acerca da corrupção como prioridade de questionamento foi considerado um legado da Copa. O principal era que o Mundial não nos fizesse esquecer alguns acontecimentos importantes da vida fora dos estádios.

A Copa já era considerada um sucesso mesmo bem antes do seu fim, muita animação, paz, sensação de segurança. A alegria do povo, a centralidade do futebol na vida dos brasileiros é razão do estado de euforia como se na Copa do Mundo estivesse em jogo a nossa identidade.

Gastos excessivos, os inexplicáveis e suntuosos estádios, corrupção e os favorecidos de sempre convivem com a precariedade social dos hospitais e escolas de um país aquém do que o povo brasileiro precisa. Mas esse povo ama o futebol e gostaria de festejá-lo, de ser tomado por aquela embriaguez desmensurada.

Amor, revolta, jogos, manifestações contra o governo, torcedores ensandecidos, hinos à capela, todos esses sentimentos, separadamente e ao mesmo tempo uníssonos fizeram da Copa um sucesso.

A tradição e a modernidade se misturaram numa grande representação de culturas. Aprendemos que a solidariedade e a sensação de pertencimento são indispensáveis para que uma coletividade sobreviva às desgraças. Além de reforçarem as vitórias. A Copa do Mundo traz muitos estrangeiros ao Brasil. Alguns já nos conhecem, mas a grande maioria ignora quem somos, a não ser pelos estereótipos difundidos em seus países ao longo dos anos.

Gostamos de achar no estilo da seleção uma singularidade brasileira, diferente do padrão europeu, pois nela estaria a ideia de nação. O indivíduo dilui-se na multidão e se junta ao time. O entusiasmo desinteressado - no qual a pessoa esquece de si e apaga o eu por alguns momentos - contraria o racionalismo crítico de que carecemos diante da forma político-econômica pela qual a Copa foi feita mas é, ao mesmo tempo, coerente com o prazer festivo do futebol.

O Brasil já tinha ganhado a Copa, mesmo antes da derrota final. Os aeroportos estavam funcionando bem, apesar das obras incompletas. A infraestrutura do país vinha dando conta do recado. A imagem do Brasil nas mídias internacionais mudou 'da água para o vinho'. O país liderava a Copa da imagem e da reputação.

Com estádios repletos e generosidade de gols, transporte funcionando, multidões se deslocando com relativa segurança, jornais estrangeiros elogiavam o país. Ultimamente vivemos uma destruição cultural do sentido de nação, como se o amálgama que nos constitui como um povo estivesse se desfazendo frente a uma onda crescente de mal-estar com nossa brasilidade, ainda mais caçoada pela descrença generalizada na nossa capacidade de hospedar a Copa do Mundo. Imagem ainda frágil, a ser protegida dos desmandos da nossa crítica implacável e persistente ao Brasil, onde tudo é pior que lá fora. Mais uma vez, o sentimento que os brasileiros têm de que não seriam merecedores da felicidade, é citado como fora anteriormente nas matérias.

O que foi falado ao longo da realização também foi o que se esperava de ruim na organização não se consolidou, mesmo que com algumas improvisações, atrasos, desvios, acabou dando certo. A convivência em harmonia dos povos deixou um legado considerado um dos principais, a alegria. O contato com outros povos celebrou as diferenças de forma respeitosa, valorizando um fundamento dos brasileiros, a convivência. Vastamente citada, a hospitalidade do povo. E que essa característica pudesse ser estendida a nós mesmos no nosso dia-a-dia.

Para os colunistas, vivenciamos um clima de fantasia, a segurança nunca vista (resultados de um esquema atípico das forças armadas), o afastamento momentâneo dos problemas, que acabariam após o apito final do juiz.

O Brasil ganhou a Copa mesmo tendo o ceticismo dos próprios brasileiros e dos estrangeiros, as manifestações, e paralisações, o alarde da infraestrutura, a maioria dos turistas encantou-se com as formas que foram recebidos e o calor que foram tomados, sucumbiram às nossas belezas naturais e prometeram voltar.

Perdemos a taça, a chance de pôr mais uma estrela no peito. Esperou-se a taça, negou-se a organização, no final das contas, os times mudaram de campo. Houve fulgor frente às deficiências, e os aplausos foram, definitivamente, ao povo brasileiro que conviveu pacificamente com os povos

em prol de uma paixão comum a todos, o futebol, e este sucesso virou boa notícia para as Olimpíadas de 2016.

Tivemos a oportunidade de perceber que independente das mensagens negativas, dos discursos preestabelecidos, do medo, da insegurança, de tudo que esteve em voga no discurso jornalístico e no imaginário internacional e da população brasileira, a Copa deu certo, por inúmeras razões e tudo isso nos deixa premeditar uma conclusão que o discurso não omitiu os problemas, nem as propostas de ações futuras para melhorar o país, mas também fez questão de manter viva a paixão quase que religiosa do povo brasileiro em celebrar, em reunir, em receber e ser alegre e caloroso, e isso ficou claro no discurso, mesmo que de forma mesclada.

De fato, qualquer identidade, mesmo aquelas que se definem como “individuais”, realiza-se por referências internas e externas, por meio de comparações com outras comunidades que se situam no seu âmbito histórico-social. Como ensina o antropólogo francês Louis Dumont (1985): “uma cultura jamais existe em isolamento, mas deve sempre ser vista em relação ao seu ambiente”. Ou seja, em relação ao conjunto de suas identidades internas e externas que são buriladas, acentuadas, negadas, construídas ou inibidas em situações de contato que agenciam a comparação e a reflexividades – a mais profunda alteridade.

A dialética das leituras do Brasil pelos brasileiros quando, com a consciência dilacerada ou um sorriso irônico, ora nos vemos como um povo atrasado, explorado, “que não tem jeito” e cujo destino é “dar errado”; ora como a sociedade que vale à pena e tem futuro- denunciam duas visadas do Brasil, a universalista, moderna, nacional e globalizante (mais formal, quantitativa e externa, baseada na territorialidade e na cidadania) e a regional, local e íntima, como já fora dito.

O modo de integração nacional burguês e moderno que engloba as exigências de leis escritas, normas constitucionais, e de modo geral a burocracia, de instrumentos homogeneizadores como uma língua, um sistema, moeda e etc. é para DaMatta um modo de coletivização, porém, sempre tem sido problemático para nós, brasileiros. É dele e de suas “vergonhosas estatísticas” que estamos falando quando concordamos que “o Brasil não tem remédio”. Mas quando lemos o Brasil, como sociedade, pelo seu lado

interiorano, local, regional e íntimo – como o “Brasil brasileiro” das tradições, das frutas, dos doces, das mulatas, da música, da praia, da mais pungente religiosidade e do mais sincero pessoalismo- o nosso Brasil do futebol, das varandas, dos amigos e do carnaval, temos certeza de que ele “vai dar certo”.

Dessa visão disjuntiva entre duas formas de coletividade e de nosso relacionamento com elas surge a permanente censura cautelosa, repleta de ironia e humor, segundo a qual “a terra é boa, mas o povo é ruim”. Ou que a natureza é dadivosa, mas a sociedade é atrasada.

Diante de inúmeras explicações de identificação que configuram o mito do brasileiro, perguntamo-nos: “o que é ser brasileiro?”, há sentido em definir “brasileiro” no singular, ou o “povo brasileiro” em sua pluralidade? Além disso, não seria o que chamamos de povo brasileiro aquele que, sendo efeito de um entrelaçamento de processos históricos, sociais e políticos diversos, um dos povos mais difíceis de definir no mundo atual?

Na Constituição Federal é brasileiro aquele que nasceu no Brasil ou naturalizou-se brasileiro por viver aqui incorporando seus aspectos culturais. A cultura brasileira é, contudo, algo complicado, porque o Brasil não é um país uniforme no sentido de suas expressões, artísticas, urbanas, rurais, musicais, nem mesmo de seu clima e geografia variados, nem mesmo dos hábitos cotidianos de suas populações.

A imagem que o brasileiro tem lá fora de carnaval, samba e belas mulheres não é nenhuma surpresa a qualquer viajante brasileiro. Muito menos a singularidade em reduzir o Brasil apenas ao Rio de Janeiro, à Floresta Amazônica e ao samba, associados aos perigos do dia-a-dia e às riquezas naturais. A imagem do Brasil fora do Brasil é a do futebol, do povo hospitaleiro e pacífico, da gente simples, da malandragem, e necessariamente, da pobreza.

Aqui, acredita-se que todos estão em ‘sono profundo’, não reclamam da corrupção e das condições precárias de vivência. O que está Copa fez questão de nos mostrar outra perspectiva.

Os brasileiros que vivem no Brasil aceitam em grande medida a visão do outro sobre ele mesmo, seja o estrangeiro, seja o intelectual culto, ou dos meios de comunicação que alimentam o imaginário social. E, como as condições básicas, de educação, saúde, segurança, transportes e culturais não

estão atingindo um grau alto de satisfação, todos ajudam a alimentar a visão de um Brasil estereotipado.

O mito do futebol, parte importante do mito nacional, está caindo por terra, e isso foi constatado no discurso dos jornais. Se for verdade que brasileiros são apaixonados por futebol, é bem verdade também que brasileiros revoltam-se diariamente contra a FIFA, a Copa do Mundo e o governo brasileiro. Questiona-se se ainda seríamos a “pátria de chuteiras”.

É fato que em junho de 2013, a população brasileira saiu às ruas em nome de uma causa aparentemente muito simples: protestar contra o aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus. O susto de muitos com a novidade brasileira – o “despertar do gigante” – se deve à alteridade que surge sem caber no parâmetro da identidade sempre afeita a “essências” e “naturezas”. Certo é que a partir disso uma mudança de autocompreensão coletiva está em cena no Brasil atual. A impressão generalizada, do senso comum era de que as pessoas estavam felizes com o governo e com o estado social, já agora, seria muito diferente.

4 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia. **Preliminares Iconotextuais da Copa de 2014: o (contra) discurso da logomarca** .(Con)textosLinguísticos, v. 7, p. 131-146, 2013.

ANDERSON, B. **Imagined Communities**.Londres: Verso, 1983.

BAGNI, Guilherme et al. **As influências da mídia, fama e dinheiro na vida de um jovem atleta: um estudo de caso**. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Rio Claro, v. 10, n. 6, p.53-58, 2011.

BARTHES, Roland. **Análise Estrutural da Narrativa: pesquisas semiológicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976

BOYLE, R.; RAYNES, R. **Power play : sport, the media and popular culture**. S.I.: PearsonEducation Limited, 2000.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

DaCOSTA, L. P.; MIRAGAYA, A. Estado da Arte do Conhecimento sobre Legados de Megaeventos Esportivos no Exterior e no Brasil. In: DaCOSTA, L. P. *et al.* (Ed.).**Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.p. 33-45.

DALCHAVION. **Imagens e Imaginário do Brasil como Produto Turístico: a Contribuição dos Relatos de Viagem e da Literatura Brasileira** Ligia Dalchiavon1 Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Anais do VII semiário de pesquisa em turismo do mercosul. Novembro 2012.Caixas do Sul

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter —Anthropological BluesII. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Universo do futebol: futebol e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

_____. **O que faz o brasilBrasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

_____. Em Torno da Dialética entre Igualdade e Hierarquia: Notas sobre as Imagens e Representações dos Jogos Olímpicos e do Futebol no Brasil. **Antropolítica**(UFF), Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, 2006.

_____. **Nação e região: em torno do significado cultural de uma permanente dualidade brasileira**- Roberto Damatta in: Cultura e identidade regional. Porto Alegre: Gráfica EPECÊ, 2004.

DAMO, Arlei . O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni. (Org.). **Nações em campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional**. 1ed.Niterói: Intertexto, 2006, v. , p. 39-72.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**, 9 ed. São Paulo: Summus, 2009.

DUMONT, Louis. **O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna**. Rio de Janeiro, Rocco, 1985, p.138.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

FORTES. R. in: A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil. / organização José Carlos Marques.E-book. São Paulo: Edições Ludens, 2015.

GASTALDO, E. L. **A Família Scolari somos todos nós: questões de identidade brasileira na Copa de 2002**. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. CD-ROM XXVI Intercom, 2003. v. 1.

_____. **Pátria, Chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. 1. ed. São Paulo: AnnaBlume, 2002. v. 1. 229p

_____. **O 'país do futebol' mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil**. Sociologias (UFRGS), v. 22, p. 352-369, 2009.

_____. **Narrando o Fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998**. Verso & Reverso, São Leopoldo / RS, v. 15, n.33, 2001.

GASTALDO, E. L. **Ritos da Nação: uma videoetnografia da recepção coletiva da Copa do Mundo no Brasil**. In: Helal, Ronaldo; Lovisoló, Hugo; Soares, Antonio Jorge Gonçalves. (Org.). Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações. 1ed.Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, v. 1, p. 169-187

GASTALDO, E. L. (Org.); GUEDES, SimoniLahud (Org.) **Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. 1. ed. Niterói: Intertexto, 2006. v. 1. 221p.

Gastaldo, E.L. Uma arquibancada eletrônica: reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. Campos - Revista Antropologia Social, 6 (2005), pp. 113-123

GUEDES, S. L. **A Dádiva e os diálogos identitários através das copas do mundo no Brasil**, IN: CAMPOS, F., ALFONSI, D. (Org.) Futebol objeto das ciências humanas.. 1ed. São Paulo: Leya, 2014.

_____. "O Salvador da Pátria – Considerações em Torno da Imagem do Jogador Romário na Copa do Mundo de 1994". In: *Brasil: FutebolTetracampeão do Mundo (Pesquisa de Campo)* (1), Rio de Janeiro, Departamento Cultural/UERJ, 1995, p.24.

_____. O Brasil nas Copas do Mundo: tempo "suspenso" e história. In: XXIII REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Rio Grande do Sul. Pesquisa Antropologia do Esporte, 2002. p. 1 - 13.

GEERTZ. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. LTC, 2008

GURGEL, A.A.**Construção do Legado dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 na Imprensa e a Formação de um Conceito Midiático para Megaeventos no Brasil** Revista Brasileira de Ciências e Comunicação. Natal: 2008.

HALL, S.**The question of cultural identity**. In: HALL (Ed.) *Modernity*. London: Blackwell, 1996.

_____. **Introduction: who needs identity?** In: HALL, S.; DU GAY, P. (Ed.) **Questionsof cultural identity**. London: Sage, 1996, p. 1-17.

_____. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. [Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al]. Belo Horizonte: Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELAL, RONALDO (Org.); Cabo, Alvaro (Org.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. 1. ed. Rio de janeiro: Eduerj, 2014. v. 1. 314p.

HELAL, Ronaldo; Cabo, Alvaro; Carmelo da Silva. **Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo**. *Esporte e Sociedade*, v. 5, p. 1-21, 2009.

HELAL, Ronaldo; G.; SANTORO, Marco Antônio. **Futebol, Imprensa e Memória**. *Revista Fronteira (UNISINOS)*, Unisinos, São Leopoldo, v. 6, p. 61-78, 2004

HELAL, Ronaldo; G.**O Declínio da Pátria de Chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002**. In: Miguel Pereira; Renato Cordeiro Gomes; Vera Lucia Follain de Figueiredo. (Org.). *Comunicação, Representação e Práticas Sociais*. 1ed.Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2004, v. 1, p. 257-277.

HELAL, RONALDO (Org.); Cabo, Alvaro (Org.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. 1. ed. Rio de janeiro: Eduerj, 2014. v. 1. 314p.

HELAL, RONALDO ; SOARES, ANTONIO JORGE . **The decline of the `Soccer-Nation-: journalism, soccer and national identity in the 2002 World Cup**. *Soccer andSociety*, v. 1, p. 1-15, 2013.

HELAL, R.; SOARES, A. e LOVISOLO, H. **A Invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001 (2ª reimpressão em 2007).

HOBBSAWN, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, O. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.17, n.49, p.5-10, 2002.

KUCINSKI, Bernardo; LIMA, Venício A. **Diálogos da perplexidade: reflexões críticas sobre a mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

LADEIRA MOTA, Célia Maria; MOTTA Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (Orgs). **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Insular, 2012.

MARQUES, J. C. A crônica de esportes no Brasil. IN: CAMPOS, F., ALFONSI, D. (Org.) **Futebol objeto das ciências humanas**. 1ed. São Paulo: Leya, 2014.

MacNEILL, Margaret. Estudos de Mídia do esporte e a (re) produção de identidades. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 9-38, set. 2006.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013

OLIVEIRA, R. C. **Caminhos da Identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Ed. UNESP.

PERES, P. S. Uma tipologia das “interpretações” do Brasil: genealogia da crise institucional. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA, 3, Niterói. **Anais...** Niterói: ABCP, 2002. (Área: Teoria Política). p. 1-75.

PIRES, Giovani De Lorenziet al. Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional: a dialética local-global na cobertura dos jogos olímpicos de 2004. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 3, Anais... Santa Maria: 20 a 23/setembro/2006.

PIRES, Giovani de Lorenzi. **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011

QUEDINHO, Luiza Delamare. **As influências da mídia, fama e dinheiro na vida de um jovem atleta: um estudo de caso.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Santos, n., p.1-11, set. 2007.

REIS, José C. **As identidades do Brasil:** de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

ROSA, Alexandre Reis et al. CULTURA ORGANIZACIONAL E CULTURA BRASILEIRA REVISITADAS: UMA ATUALIZAÇÃO HERMENÊUTICA DO DILEMA BRASILEIRO. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Pernambuco, v. 4, n. 3, p.4-19, dez. 2006.

SANTOS, D. S. **Narrativas identitárias do nacional nos Jogos Olímpicos de Inverno Vancouver 2010.** 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania:** para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A modernização reflexiva:** uma reinterpretção do dilema brasileiro. Brasília: UnB, 2000. _____. A sociologia dual de Roberto DaMatta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos? **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** v.16, n.45, p.47-67, Fev. 2001.

_____. Gilberto Freyre e a singularidade da cultura brasileira. **Tempo Social – Revista de sociologia da USP.** n.59, p.51-74, 2000a.

TAVARES, O. **Megaeventos esportivos.** Revista Movimento: Porto alegre, v. 17, n. 3, p. jul/set 2011.

TAVARES, O.; SOARES, A. J. G.; BARTHOLO, T. L. —**Frozen bananas: Esporte, mídia e identidade brasileira nos Jogos Olímpicos de Inverno.** **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** Campinas, v. 29, n. 1, p. 193-208, set. 2007.

Manaus, cidade-sede. Na torcida por um legado. **O Globo.** 02 de Junho de 2010, Pág.10.

Curitiba, cidade-sede. Pressão para não receber cartão vermelho. **O Globo.** 06 de Junho de 2014. Pág.14.

Recife, cidade-sede. **O Globo.** 09/06/2015. Pág.10.

Rio, cidade-sede, **O Globo,** 08 de junho de 2014, pág.14.

Salvador, cidade-sede. **O Globo**. 04 de junho de 2014. Pág.09.

Bola dividida. **O Globo**. 11/06/2014. Pág.10.

Correspondentes redescobrem o país. **O Globo**. 01/06/2014. Pág.14.

"*Bedandbreakfast*" nas comunidades. Para 'gringo' ver e ficar. **O Globo**. 04/06/2014. Pág.08.

Na Lapa, turistas aprendem que a noite é uma criança. **O Globo**. 11/06/2014. Pág.14.

Violência preocupa em todas as cidades-sede: Foco do reforçopolicial estará nas áreas centrais e turísticas. **O Globo**. 01 de Junho de 2014. Pág.15.

Segurança máxima nas ruas. **O Globo**. 09 de Junho de 2014. Pág.06.

Padrão Brasil. **O Globo**. 29 de Maio de 2014. Pág.04.

Vias nem tão públicas. **O Globo**. 31/05/2014. Pág.12.

Se a seleção for bem, a economia vai também. **O Globo**. 15 de Junho de 2014. Pág.25.

Consultor da ONU diz que maior ganho é a exposição. **O Globo**. 15 de Junho de 2014. Pág.25.

Cobertura estrangeira, entre a paixão e os protestos.**O Globo**. 13 de Junho de 2014. Pág.15.

Fortaleza pode ficar sem ônibus no jogo do Brasil. **O Globo**. 12 de Junho de 2014. Pág.13.

Uma fortaleza mexicana. **O Globo**. 17 de Junho de 2014. Pág.10.

São Paulo, cidade-sede. Conquistas garantidas fora das 4 linhas. **O Globo**. 12 de Junho de 2014. Pág.14.

Torcida tem dificuldade para deixar o Itaquerão. **O Globo**. 13 de junho de 2014. Pág.17.

Vans para o Corcovado têm filas de até 2h. **O Globo**. 18 de Junho de 2014. Pág.12.

Choque de ordem atrapalha farra dos *motorhomeno* Leme. **O Globo**.19 de Junho de 2014. Pág.09.

Serviço: um jogo desequilibrado. **O Globo**. 22 de Junho de 2014. Pág.19.

As cidades em jogo. Gol de brasileiro. **O Globo**. 15 de Junho de 2014. Pág.13.

Rio passa no primeiro teste. **O Globo**. 16 de Junho de 2014. Pág.06.

Destino incerto. **O Globo**. 30 de Junho de 2014. Pág.09.

Muito além do prazo. **O Globo**. 01 de Julho de 2014. Pág.09.

A reação ao desastre. **O Globo**. 10 de Julho de 2014. Pág.08.

Derrota canarina afeta restaurantes, mas não hotéis. **O Globo**. 10 de Julho de 2014. Pág.08.

Nova contagem regressiva. Desafio agora é olímpico. **O Globo**. 13 de Julho de 2014. Pág.16.

Cidades-sede em festa. Mistura de todas as cores. Nas capitais, verde-amarelo se junta aos tons das bandeiras trazidas por estrangeiros. **O Globo**. 12 de Junho de 2014. Pág.08.

Alegria verde-amarela. Começa a Festa. **O Globo**. 13 de Junho de 2014. Pág.08.

Torcida de emoções à flor da pele. **O Globo**. 13 de Junho de 2014. Pág.09.

A pátria globalizada. Brasileiros de coração. **O Globo**. 16 de Junho de 2014. Pág.10.

Comunidades viram imã de turista no Mundial. **O Globo**. p.34, 29 jun. 2014.

Gringos vivem seus dias de meninos do Rio. **O Globo**. 29 de Junho de 2014. Pág.33.

Olhar estrangeiro. Bem na foto. **O Globo**. 26 de Junho de 2014. Pág.20.

Partidas em Cuiabá levam mais turistas ao Pantanal. **O Globo**. 23 de Junho de 2014. Pág.09.

Povo, a arma secreta do país para fazer um Mundial de primeira. **O Globo**. 07 de Julho de 2014. Pág.08.

E se passaram sete anos de atrasos e críticas. **O Globo**. 12 de Junho de 2014. Pág.09.

Mundial diminui as manifestações de rua. **O Globo**. 05 de Julho de 2014. Pág.15.

Acabou a festa, mas 'Hermanos' já planejam voltar para as Olimpíadas. **O Globo**. 14 de Julho de 2014. Pág.10.

Gol da mobilidade. **O Globo**. 24 de Julho de 2014. Pág.08.

Mundial foi o maior evento de mídias sociais já registrado, diz *Facebook*. **O Globo**. 15 de Julho de 2014. Pág.21.

Extrapolou as 4 linhas? **O Globo**. 19 de Julho de 2014. Pág.32.

BLOCH, ARNALDO. A Fifa das Fifas. **O Globo**. p.19, 31 mai. 2014).

BRANDÃO, FRANCISCO SOARES. O Brasil já ganhou a Copa. **O Globo**. p. 23, 25 jun. 2014.

CUNHA, MAGALI. Lições da Copa: nós e o Outro. **O Globo**. p.26, 10 jul. 2014.

CURI, MARTIN. A grande euforia já está aqui". **O Globo**. p. 02,09 jun. 2014.

CELESTINO, HELENA. Brasil, Vitrine ou Vidraça? **O Globo** .p.34, 04 jun. 2014.

CIDREIRA, DENIO. A festa tem que continuar. **O Globo**. p. 17, 23 jul. 2014.

CONTI, MARIO SEGIO. A pátria sem chuteiras. **O Globo**. p. 02, 10 jul. 2014.

DAMATTA, ROBERTO. As Copas do Brasil e as Copas no Brasil. **O Globo**. p.23, 11 jun. 2014.

DIEGUES, CACA. O prazer da Copa. **O Globo**. p.18, 31 mai. 2014.

DIEGUES, CACA. Notícias da Copa. **O Globo**. p. 16, 28 jun. 2014.

DIEGUES, CACÁ. Depois da Copa. **O Globo**. p.18, 12 jul. 2014.

DUARTE, PEDRO. Poesia em campo. **O Globo**. p.03, 21 jun. 2014).

FRANCO, GUSTAVO. A Copa e a economia. **O Globo**. p. 35, 06 jul. 2014.

GOIS, ANTONIO. Efeito Maracanã. **O Globo**. p.26, 09 jun. 2014.

HELAL, RONALDO. Uma nova pátria de chuteiras. **O Globo**. p. 21, 12 jun. 2014.

JABOUR, ARNALDO. Gramados verdes, céus azuis. **O Globo**. p. 08, 08 de jul. 2014.

JABOUR, ARNALDO. A volta do complexo de vira-latas. **O Globo**. p. 10, 15 jul. 2014.

JANOT, LUIS FERNANDO. A festa é na rua. **O Globo**. p. 23, 05 jul. 2014.

KUPFER, JOSÉ PAULO. Tiros no pé. **O Globo**. p. 25, 04 jul. 2014.

LEE, MIKE. Para calar os críticos. **O Globo**. p. 21, 24 jun. 2014.

LEITÃO, MIRIAN. Os campos da Copa.**O Globo**. p.38, 08 jun. 2014.

LEITÃO, MIRIAM. A Copa das paixões. **O Globo**. p. 36, 22 jun. 2014.

LEITÃO, MIRIAM. O que dizer ao finlandês. **O Globo**. p. 36, 15 jun. 2014. Pág.36.

MARANHÃO, JORGE. Protesto à capela. **O Globo**. p. 17, 28 jun. 2014

MARIZ, JÚLIO. O ouro do Brasil no Mundial. **O Globo**. p. 13, 13 jul. 2014.

MOTTA, NELSON. Show de bola. **O Globo**. p.15, 20 jun. 2014.

NEJAR, CARLOS. O desastre do Brasil. **O Globo**. p. 19, 10 jul. 2014.

OLIVEIRA, FLAVIA. Vocaçãõ para receber. **O Globo**. p. 38, 06 jul. 2014.

OLIVEIRA, ROSISKA DARCY. Festa. **O Globo**.p. 20, 21 jun. 2014.

OLIVEIRA, ROSISKA DARCY. Pena de nós, não precisava. **O Globo**. p. 24, 19 jul. 2014).

PEREIRA, MERVAL. Alhos com bugalhos.**O Globo**. p.04, 08 de jul. 2014.

PIRES, JEANINE. Podemos tirar nota 10. **O Globo**. p. 19, 20 jul. 2014.

VENTURA, ZUENIR. Desmoralizando a Lei de Murphy. **O Globo**. p. 17, 28 jun. 2014.

SORJ, BERNARDO. O legado da Copa. **O Globo**. 13 de Julho de 2014. Pág.13.

TÉRCIO, JASON. Vira-lata, mas sem complexo. **O Globo**. p.19, 10 jun. 2014.

VENTURA, ZUENIR. Um remédio mais radical. **O Globo**. p. 15, 16 jul. 2014.

VENTURA, ZUENIR. Comendo o adversário. **O Globo**. p.19, 14 jun. 2014.

WERNECK, ROGÉRIO FURQUIM. Escapismo, Vexame e Voto. **O Globo**. p. 18 18 jul. 2014.

http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/plano_promocao_brasil.pdf. Acesso em 11-10-2014